

Livia Gonçalves Magalhães

Ensino & Memória
Histórias do Futebol

Arquivo Público do
Estado de São Paulo

Ensino & Memória

Histórias do Futebol

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
Alberto Goldman

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Secretário da Casa Civil
Luiz Antônio Marrey

Coordenador do Arquivo Público do Estado de São Paulo
Carlos de Almeida Prado Bacellar

Diretor do Departamento de Preservação e Difusão de Acervo
Lauro Ávila Pereira

Conselho Editorial

Ana Célia Rodrigues (UNESP/Marília)
Barbara Weinstein (University of Maryland)
Célia dos Reis Camargo (CEDEM/UNESP)
Denise Aparecida Soares de Moura (UNESP/Franca)
Fernando Teixeira da Silva (Unicamp)
Jaime Rodrigues (UNIFESP)
James Naylor Green (Brown University)
Jeffrey Lesser (Amory University)
João Paulo Garrido Pimenta (USP)
João Roberto Martins Filho (UFSCAr)
Yara Aun Khoury (PUC/SP)

Ensino & Memória

Histórias do Futebol

Livia Gonçalves Magalhães

**Arquivo Público do
Estado de São Paulo**

Ficha Catalográfica elaborada por Renata Gonçalves
CRB – 8 n. 8248

M167h

Magalhães, Livia Gonçalves
Histórias do futebol / Livia Gonçalves Magalhães.
São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.
192 p.: il. (Coleção Ensino & Memória, 1).

ISBN: 978-85-63443-01-4

1. Futebol – História. I. Título. II. Série: Ensino &
Memória

CDD 796.33409

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Direitos reservados e protegidos

Arquivo Público do Estado de São Paulo
R. Voluntários da Pátria, 596 – Santana
02010-000 São Paulo SP Brasil
Tel: (11) 2089 8100
www.arquivoestado.sp.gov.br
editoria@arquivoestado.sp.gov.br

Sumário

Apresentação	7
Introdução	9
1 - O futebol no Brasil - das elites ao esporte do povo	13
A disseminação do esporte e a sua popularização	18
<i>A democratização do futebol brasileiro</i>	18
<i>A vitória do profissionalismo</i>	21
<i>São Paulo x Rio de Janeiro: a rivalidade também no futebol</i>	25
2 - O apito inicial em São Paulo	29
Os times paulistas	35
<i>Corinthians, o time do povo</i>	35
<i>Santos, o “Peixe”</i>	38
<i>Palmeiras, o “Porco”</i>	41
<i>Portuguesa, a Luisa</i>	44
<i>São Paulo, o “mais querido”</i>	47
3 - Futebol e poder no Brasil	51
O futebol e os populistas	53
Futebol em tempos de ditadura civil-militar	65
Os democratas do Parque São Jorge	73
4 - O único em todas as Copas	81
As primeiras Copas do Mundo: da sua inauguração ao fascismo	82
As Copas “populistas”	85
<i>O trauma de 1950</i>	85
<i>Do Maracanã ao bicampeonato</i>	90
As Copas dos militares	98
<i>A Copa de 70</i>	99
<i>As outras Copas militarizadas</i>	104
As Copas da nova democracia	109

5 - O futebol em tempos de globalização	119
6 - O futebol e a construção de identidades	127
As torcidas organizadas	134
7 - O futebol de saias	141
Referências bibliográficas	145
Atividades didáticas	153

Apresentação

Preservar e difundir a memória pública é a principal atividade de um arquivo público. O Arquivo Público do Estado de São Paulo tem investido em ações de difusão de seu acervo à comunidade em geral e ao público escolar em particular, entendendo essas ações como estratégias de preservação desse patrimônio público e de ampliação dos direitos de cidadania. Tem trabalhado nesse sentido em projetos conjuntos com escolas e universidades, recebendo alunos em visitas ou aulas direcionadas no próprio Arquivo; no desenvolvimento de metodologias de uso de fontes primárias em sala de aula; na difusão dessa metodologia entre futuros professores de história; na produção de exposições virtuais; na elaboração de atividades didáticas com as fontes do Arquivo.

A publicação da coleção Ensino & Memória, da qual este é o primeiro volume, vem contribuir nesse mesmo sentido. Os livros dessa coleção são elaborados visando auxiliar os professores das escolas de ensino fundamental e médio no uso de fontes históricas em suas aulas e também divulgar as potencialidades dos acervos do Arquivo Público do Estado como recurso didático-pedagógico.

A coleção é composta estruturalmente por um texto de conteúdo sintético-analítico do tema escolhido – produzido por pesquisador da área –, por reproduções de documentos do acervo do Arquivo Público do Estado que se reportam ao tema e por sugestões de atividades didáticas. Os livros dessa coleção são dirigidos a professores de História e a estudantes que se preparam para a atividade docente, podendo também serem adotados em escolas para enriquecimento de suas bibliotecas.

O primeiro volume, intitulado *Histórias do Futebol*, apresenta um texto de Livia Gonçalves Magalhães, que analisa o esporte preferido dos brasileiros, suas origens de classe, suas relações com a política, seu papel como agregador e fomentador de uma identidade nacional. Traz também o surgimento e desenvolvimento dos principais clubes paulistas; a participação do Brasil nas Copas e os sentidos do futebol nos dias atuais.

O texto é ilustrado por imagens destacadas do acervo do Arquivo Público do Estado e acompanhado por um conjunto de 9 atividades pedagógicas por meio das quais são analisadas fontes documentais sobre o tema tratado existentes em nosso Arquivo.

Haike Kleber da Silva
Diretora do Centro de
Difusão e Apoio à Pesquisa

Introdução

O futebol é o esporte por excelência do brasileiro. Mesmo aqueles que insistem em dizer que não gostam, que não acham graça ou que não têm time são incapazes de resistir à emoção de ver nossa seleção em campo. O futebol nos une como brasileiros, da mesma maneira que nos divide no amor a um time específico. Ele desperta paixão, alegria, decepção e tristeza. Transforma nosso “inimigo” – o torcedor do outro time – em companheiro inseparável, que torce conosco pela seleção canarinho.

O sentimento que o futebol desperta em nós talvez seja inexplicável. Mas esse esporte, sua relação com o Brasil e a maneira de ser brasileira podem ser estudados, pois possuem, de fato, uma rica e interessante história. Conhecê-la é importante para conhecermos a nós mesmos e é também uma oportunidade a mais para mergulharmos nesse universo maravilhoso e fantástico, cheio de contos e casos muitas vezes não popularizados, mas que nos ajudam a construir e entender nossa realidade. Portanto, estudar o futebol a partir de uma perspectiva histórica é conhecer mais da nossa sociedade, dos nossos costumes e da nossa própria história. Como veremos, desde o final do século XIX, passando por todo o século XX e agora entrando no século XXI, a história brasileira tem no futebol um importante ator.

Devemos lembrar que o futebol não é popular apenas no Brasil. Ele é o esporte mais popular do mundo. Talvez não signifique para muitos países o que significa para nós, mas em alguns – como a Argentina, a Inglaterra, entre outros – ele também é um importante elemento cultural e de identidade nacional. Por isso, a história do futebol é também um pedaço da história do mundo, especialmente no tão complicado século XX.

O futebol foi diversas vezes utilizado como elemento de identificação nacional, muitas das quais de maneira sombria. A Copa do Mundo de 1934, por exemplo, realizada na Itália em pleno regime de Benito Mussolini, foi uma grande ferramenta nas mãos do líder fascista para impor suas ideias. Tampouco podemos esquecer os governos ditatoriais latino-americanos, que não hesitaram em associar seleção e Nação, assim como fez a Argentina do General Jorge Rafael Videla em 1978, ou o próprio Brasil do General Emilio Garrastazu Médici em 1970. Os exemplos não se esgotam nesses.

Existem também diversos exemplos do uso “positivo” do futebol. Na Copa de 2006, ele mostrou ao mundo a anfitriã Alemanha celebrando quinze anos de unificação, lutando para apagar os fantasmas de seus anos de divisão, que duraram desde o final de 1945 até 1991. Ou o Jogo da Paz em 2004, no qual a seleção brasileira foi mostrar suas estrelas no destruído Haiti, castigado pela guerra civil.

O fato é que o futebol é parte de nosso mundo. Como esporte moderno, ele pode ser dividido em três momentos: o tradicional, que seria o de seu nascimento no seio da elite; o moderno, a partir de sua popularização com a revolução fordista; e o pós-moderno, o futebol relacionado ao marketing e à comunicação (GIULIANOTTI, 1999). Ainda que esta seja uma análise que foca os países europeus, ajuda a compreender e analisar a realidade brasileira, e servirá como base para pensarmos o futebol no Brasil.

O primeiro lugar de nosso país a conhecer o futebol como um esporte moderno foi São Paulo, que logo passou a tê-lo como parte do seu cotidiano. O futebol também acompanhou o desenvolvimento da cidade e tornou-se parte da cultura e da identidade do grande

centro industrial e econômico que emergia no final do século XIX e início da República. Assim, podemos considerar que a história do futebol no Brasil acompanha a própria história de São Paulo e também a da República Brasileira.

Como veremos, o futebol reflete os diversos momentos pelo qual passou nosso país, ganhando espaço e se consolidando como “esporte nacional” ao mesmo tempo em que a nossa própria identidade brasileira é construída. E, claro, passa também a ser um elemento fundamental dessa identidade e de nossa cultura.

1

O futebol no Brasil: das elites ao esporte do povo¹

Era o final do século XIX, mais especificamente 1895, quando o futebol “chegou” ao Brasil, especificamente à cidade de São Paulo. Poucos anos haviam passado desde a Proclamação da República em 1889 e o país buscava sua identidade com a nova forma de governo instaurada, procurando inserir-se nos modelos das grandes metrópoles europeias. A República queria fazer do Brasil a “Paris dos Trópicos” e procurou reviver a capital francesa em sua arquitetura, nos aspectos culturais e na alta sociedade, tanto que o período ficou conhecido como *Belle Époque*.

Era também o auge do café, que gerava grandes lucros para a elite paulista e mudava o perfil da cidade de São Paulo e do próprio país: “Foi o ciclo da riqueza gerado pelo café que alavancava não só a economia, por meio da industrialização e da entrada de capital externo, como também a vida social, com a entrada de imigrantes e a conseqüente introdução de hábitos e cultura estrangeiros, no meio dos quais estava o ‘esporte bretão.’” (GUTERMAN, 2009, p. 14). O

1 As principais referências bibliográficas para este capítulo são: MÁXIMO, João. Memória do Futebol Brasileiro. *Estudos Avançados* - Dossiê Memória. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, set./dez. 1999 e GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil*. Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

futebol, já difundido na Europa, foi recebido pelos brasileiros como mais uma das modernidades a serem incorporadas.

O responsável por trazer a novidade ao país foi justamente Charles Miller, filho de um importante industrial inglês, que conheceu o futebol em sua temporada de estudos na Inglaterra e o “trouxo” em sua bagagem de volta. Miller é hoje conhecido como o “pai do futebol brasileiro” e, de fato, ele teve um papel de grande importância na disseminação do esporte em nosso país. Existem, inclusive, relatos da década de 1860 de partidas precárias entre marinheiros estrangeiros, verdadeiras “peladas” nos portos brasileiros. Mas Charles Miller foi o responsável pela introdução do perfil competitivo do futebol e de suas regras, o que foi fundamental para sua expansão.

Naquela época, São Paulo era uma cidade que recebia, além de muitos imigrantes, um grande afluxo de capital externo. Os ingleses eram uma importante parcela desses investidores e, em sua maioria, eram membros das classes média e alta, diferentemente da maioria imigrante que chegou para trabalhar a princípio nas fazendas de café e depois nas novas indústrias. Foram aqueles também os primeiros jogadores de futebol, esporte que se disseminou rapidamente pela elite paulistana, tornando-se mais um espaço de confraternização entre a elite inglesa e a cafeeira. O berço paulista é o hoje conhecido bairro do Brás e o primeiro campo oficial foi construído no Bom Retiro.

Todavia, na própria Inglaterra, a origem do futebol foi um pouco diferente. Em seu berço, nasceu na época do crescimento da classe operária, em plena Revolução Industrial, e era um esporte que levava para locais públicos toda a revolta e as insatisfações do operariado explorado. Tãmanha era a violência que até a primeira década do século XIX era proibido pelo Estado inglês. Foi exatamente para controlar as classes mais baixas e a violência do jogo que se impôs regras ao futebol, que se tornou uma importante – e interessante para as elites – válvula de escape dos explorados².

2 Sobre a incorporação do futebol na alta sociedade inglesa, João Máximo afirma que na época de Miller “o esporte já era então obrigatório nos recreios escolares britânicos. Isso desde a década de 1840, quando a rainha Vitória, aconselhada pelo pedagogo Thomas Arnold, pôs fim à proibição soberana que, por séculos, seus antecessores andaram impondo ao *mass football*, jogo de rua, violento, às vezes fatal, que vinha de antiga tradição: a da disputa de uma bola de bexiga de boi, envolvida em couro, que o sapateiro de Derby atirava ao alto na *terça-feira gorda*, para que dois times – 50 ou mais jogadores da cada lado – tentassem fazê-la passar pela porta da cidade defendida pelo time adversário. Ou seja, o *goal*. Para tanto, valia-se de tudo, socos, pontapés, cotoveladas, gravatas, golpes sujos.” (MÁXIMO, 1999, p. 1).

Retornando ao Brasil, em seu primeiro momento, o futebol era definitivamente um entretenimento para as elites. Inclusive pelos altos custos, já que todo o material era importado (com o tempo, o brasileiro aprendeu que praticamente qualquer coisa, seja uma meia, uma latinha, poderia substituir a bola...). De qualquer forma, logo se tornou uma importante diversão para as elites e, em pouco tempo, já era praticado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde foi introduzido por Oscar Cox, que, como Miller, trouxe o futebol “na mala” em seu retorno da Europa.

Porém, isso não era suficiente para consolidar o esporte no país. Nesse aspecto, foi Cox quem percebeu que o papel dos clubes era fundamental. No Rio de Janeiro, o primeiro a ser criado para a prática do futebol foi o Fluminense em 1902. Assim como o Paulistano – time da capital paulista que, na década de 1930, deu origem ao hoje conhecido São Paulo Futebol Clube – ele era formado apenas por brasileiros, todos eles, claro, membros da elite.

Foot-ball



Aspecto das arquibancadas do Velodro Paulistano, por ocasião do último encontro entre os teams do Botafogo e Palmeiras

Como veremos mais adiante, logo surgiram novos clubes, ou antigos clubes que se dedicavam a outros esportes passaram a dedicar-se também ao futebol (caso comum dos clubes de regata no Rio de Janeiro, como o Vasco da Gama e o Flamengo).

Tampouco demoraram a surgir as primeiras associações de futebol. A Liga Paulista de Futebol, por exemplo, surgiu em dezembro de 1901; o primeiro Campeonato Paulista foi realizado em 1902. Nessa época, era forte a presença feminina na plateia, já que, insistimos, esse era um passatempo da elite, um espaço de sociabilidade dessa classe.

Naquele tempo, o futebol não despertava a paixão que despertaria poucos anos depois, nem gerava disputas ou capital, como seria no futuro. Até então ele era, em primeiro lugar, uma atividade de lazer, um ambiente de confraternização para as elites. E enquanto estivesse nas mãos das classes mais altas, o caráter amador do esporte seria mantido, a fim de manter, assim, sua restrição a poucos. A verdade é que a democratização do futebol ocorreu muito mais por questões econômicas que por interesse político da elite que o praticava.

Mas, por mais que as classes altas tentassem impedir sua popularização, não demorou muito para que o futebol chegasse às classes sociais mais baixas. Em uma situação parecida com o caso da Inglaterra, o avanço da indústria e o crescimento do operariado significaram a difusão do esporte pela classe operária. Em muitos casos, esse operariado trabalhava nos empreendimentos ingleses no país. Desde 1903, existem relatos de trabalhadores das indústrias e de moradores dos bairros que ladeavam a linha ferroviária jogando futebol e se organizando em clubes. A partir daí, o futebol ficou marcado por duas grandes contendas: a primeira, entre os times da elite e os times populares; a segunda, entre o amadorismo e o profissionalismo. Como veremos a seguir, essas disputas estavam totalmente relacionadas entre si e marcaram fortemente as três primeiras décadas do esporte no século XX no Brasil. Coincidentemente, aquelas também foram épocas de intensas transformações políticas, econômicas e sociais, que culminaram, em 1930, na crise que levou Getúlio Vargas ao poder e sepultou a República Velha.

Match Paulistas – Cariocas



Alguns aspectos da assistência por ocasião do match paulistas-cariocas, no campo da Floresta e do qual resultou um empate de 2 goals a 2. Em baixo, no medalhão, um instantâneo do jogo.

A CIGARRA. São Paulo, n. 141, ago. 1920. APESP.

A disseminação do esporte e a sua popularização³

Os anos 1910, 1920 e os primeiros da década de 1930 no futebol brasileiro foram marcados por duas disputas: a do elitismo *versus* a democratização e a do amadorismo *versus* a profissionalização. Na verdade, essas disputas estavam relacionadas entre si: geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam seu amadorismo, enquanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela sua profissionalização. É fácil entender essa associação: para os ricos, o futebol não era uma profissão, diferente do que desejavam os indivíduos das classes mais baixas, que, para praticar o esporte de maneira “séria”, precisavam que ele fosse também sua profissão, sua fonte de renda. Tais conflitos nada mais eram do que o reflexo de importantes questões sociais e políticas que emergiam no país e que acabariam sepultando a República Velha.

O fato é que, já no início do século XX, as elites perdiam o controle sobre o futebol. Dessa democratização, três casos destacaram-se: o do Bangu e o do Vasco da Gama no Rio de Janeiro, naquela época capital do país, e o do Corinthians em São Paulo.

A democratização do futebol brasileiro

O *The Bangu Athletic Club* foi fundado em 1904 por trabalhadores ingleses da Companhia Progresso Industrial. O clube recebia grande apoio dos donos e diretores da Companhia, que lhe compravam o material necessário, que, como dito anteriormente, era bastante caro por ser importado. Por estar em uma região da cidade afastada do centro e das áreas das classes mais altas, era difícil para esses trabalhadores conseguirem um número ideal de jogadores para seus times. Assim, a opção encontrada foi selecionar alguns dos operários das fábricas para ingressarem na agremiação. Para os operários era uma ótima oportunidade, já que, por fazerem parte do clube, desfrutavam de algumas regalias e vantagens, como

3 Ver também CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial* – memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

menos horas de trabalho, tarefas mais livres e até, possivelmente, uma promoção mais rápida. Esse patrocínio era interessante para os diretores pelo fato de haver divulgação da Companhia, já que o time viajava em excursões e divulgava o nome da indústria.

Em São Paulo, foi o Sport Clube Corinthians Paulista que começou de forma definitiva a democratização do futebol. Adiante, veremos mais sobre a formação do clube. Por enquanto, cabe destacar que ele foi fundado em 1910 por moradores do bairro do Bom Retiro, de perfil imigrante e operário. O objetivo era formar um clube para as massas, com negros e brancos, imigrantes e operários, o “clube do povo”.

Assim, a fundação do Bangu, no Rio de Janeiro, e a do Corinthians, em São Paulo, alguns anos depois, representou a abertura do futebol para as massas. Era o período no qual o Brasil se urbanizava e no qual as classes mais baixas, que as elites insistiam em ignorar, começavam a buscar espaço tanto na sociedade como na política. Na década de 1920, a questão social foi ganhando força: estava em jogo a própria identidade nacional do brasileiro. De certa forma, assim como ocorreu na Inglaterra, o futebol funcionou como válvula de escape para as classes trabalhadoras, o que tranquilizava as elites. Se, num primeiro momento, as classes mais altas queriam manter o futebol como um esporte exclusivo, sua popularização era uma maneira de controlar a massa trabalhadora cada vez mais aglomerada nos centros urbanos, crescendo a cada dia em um universo monótono, mas que também passava a exigir mais direitos e maior participação na vida do país.

Outra questão bastante presente era a racial. Não podemos esquecer que a abolição da escravatura ocorreu em 1888, menos de quarenta anos antes do período a que aqui nos referimos. O racismo ainda era muito forte e foi um tema que marcou (e ainda marca) o futebol brasileiro. Em seu primeiro momento, por ser um esporte da elite, não existiam jogadores negros, mas, a partir da

Você sabia?

O futebol é um esporte simples, com apenas 17 regras fixas, o que ajuda a explicar sua expansão.

democratização, negros e mulatos passaram a ser incorporados ao futebol e a participar dele. Por conta disso, a questão veio à tona.

O primeiro herói do futebol brasileiro foi Arthur Friedenreich, filho de um judeu alemão com uma negra brasileira, que foi descrito pelo famoso cronista Mário Filho como um “mulato de olhos verdes”. Foi a sua origem paterna que lhe abriu as portas para entrar no mundo elitista do futebol da época. Em 1919, o Brasil venceu o seu primeiro torneio internacional, o Campeonato Sul-Americano, que foi organizado no próprio país. O gol da vitória foi feito por Fried, fato que possibilitou que os membros da elite passassem a olhar de outra forma para jogadores não oriundos da elite social branca. O futebol era, momentaneamente, um mecanismo que permitia romper a rígida hierarquia social e, como sabemos, se tornaria também um meio de ascensão social.

O caminho seria longo até a democratização e a inserção de jogadores negros no futebol, pois, durante muito tempo, foi proibido aos times incluí-los em seu plantel. Algumas histórias ficaram famosas, como o caso de Carlos Alberto, jogador do elitista Fluminense, do Rio de Janeiro, que passava pó de arroz no rosto para disfarçar sua cor, fato que acabou se transformando em símbolo do próprio time carioca. Mas, sem dúvida, o principal destaque é o caso do também carioca Clube de Regatas Vasco da Gama, que revolucionou o futebol nacional.

O Vasco foi fundado em 1898 como um clube de remo e, em 1915, fundiu-se com o Lusitânia. Já em 1904, mostrava sua personalidade progressista ao ter o primeiro presidente negro das agremiações cariocas. Mas o grande impacto viria quase duas décadas depois. Em 1923, pela primeira vez disputando a primeira divisão do campeonato carioca, o clube cruz-maltino⁴ foi campeão com um time majoritariamente formado por operários e negros, em sua maioria analfabetos, bem diferente do caso dos seus principais adversários, os elitistas Flamengo e Fluminense. Mas não terminava por aí,

4 O principal símbolo do Vasco da Gama é a cruz de malta e, por isso, o clube é conhecido como cruz-maltino. O símbolo é uma referência direta à origem portuguesa do Vasco, uma vez que a cruz de malta era utilizada em embarcações lusitanas, entre elas a do navegador Vasco da Gama.

[o Vasco] Destoava também por outros motivos: o técnico vascaíno era o uruguaio Ramón Platero, que exigia de seus comandados uma maratona de treinos que não era comum nos demais times; graças aos esforços da comunidade portuguesa, os jogadores se alimentavam bem e tinham descanso nas dependências do clube, adquirindo preparo físico melhor que o dos adversários; finalmente, os jogadores eram atraídos ao clube com a promessa de remuneração por vitória – às vezes em dinheiro, às vezes em troca de animais (razão pela qual a prática viria a ser conhecida como o “bicho”, hoje comum no futebol). (GUTERMAN, 2009, p. 54).

As reações dos times da elite carioca não demoraram. Não era apenas o primeiro campeonato ganho pelo Vasco, era também o início de uma das maiores crises do futebol carioca. Ofendidos, os outros times abandonaram a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), entidade carioca responsável pelo futebol da então capital federal, e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atlético (AMEA), sem convidar o Vasco, é claro. Porém, em 1925, o Vasco entrou para a AMEA: as mudanças já estavam estabelecidas e o time carioca abria caminho também para a profissionalização do esporte. A verdade é que, como mostra a literatura da época, o Vasco incomodava bastante as elites. E elas começaram a se afastar do futebol, que se tornava cada vez mais o esporte das massas. Assim, com a sua “massificação” e “democratização”, nascia também no futebol o preconceito contra seus atletas – o futebolista passou a ser visto como um indivíduo marginal na década de 1930, inclusive pelas classes mais baixas.

A vitória do profissionalismo

Quem teve um importante papel tanto na democratização como na profissionalização foi a torcida. Cada vez maior e mais exigente quanto às vitórias, pagando ingresso para assistir às partidas desde 1917, a torcida pressionava os dirigentes dos clubes a procurar os melhores jogadores, independente de sua classe social ou etnia.

Estava claro, já em meados da década de 1920, que a profissionalização era inevitável. Mas isso não foi suficiente para que ela acontecesse, visto que as primeiras mudanças e pressões acabaram levando a uma grande crise no futebol brasileiro. Os clubes das elites queriam manter o amadorismo de qualquer forma, enquanto os mais populares tendiam ao profissionalismo. Portanto, a disputa era totalmente marcada pela questão social:

De um lado, a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer; do outro, a classe proletária que, por determinação histórica da própria origem do futebol, começava a absorver um valor cultural, até então alheio ao seu universo lúdico. (CALDAS, 1990, p. 59).

É fácil perceber que a intensificação da crise que rondava o profissionalismo, até ele ser oficializado em 1933, acompanhava as mudanças trabalhistas no país. Porém, o futebol profissional foi instaurado no Brasil dez anos antes da Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT, que foi criada em 1943.

O caminho do profissionalismo foi desenhado paralelamente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na então capital, os cariocas enfrentaram disputas mais fortes. A AMEA, liderada por um presidente elitista, era favorável ao amadorismo e fez o possível para evitar o fim dessa prática. A entidade criou uma série de empecilhos para não permitir o profissionalismo: os jogadores eram obrigados a apresentar a cada noventa dias uma prova de que trabalhavam, incluindo o salário recebido; todos os jogadores deveriam saber ler e escrever corretamente e, para evitar fraudes, antes de entrar em campo, eles eram obrigados a preencher um formulário comprovando sua alfabetização. Mesmo assim era impossível impedir que os clubes dessem algum tipo de remuneração aos jogadores, embora a AMEA punisse rigorosamente quando isso acontecia. Essa fase do futebol brasileiro ficou conhecida como “falso amadorismo” ou “amadorismo marrom”.

Diferente das punições que aconteciam no Rio de Janeiro, em São Paulo a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA),

entidade que controlava o futebol no estado, era mais tolerante: os clubes remuneravam os seus jogadores sem qualquer penalidade por parte da entidade. Porém, como no caso carioca, a disputa existia e aumentava a cada dia. Em 1924, as questões que envolviam a defesa do elitismo e do amadorismo no futebol paulista geraram uma forte crise na APEA. O Clube Athletico Paulistano, tradicional clube da elite, abandonou a Associação, sendo seguido por diversos outros times, que fundaram juntos a Liga de Amadores de Futebol (LAF). Mas a rigidez da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade que controlava o futebol no país, foi um problema para a LAF, e a APEA continuou a ser a única entidade paulista reconhecida oficialmente. Logo, em 1929, a LAF foi extinta, mas significou, em sua curta existência, a inserção de times do interior de São Paulo no espaço do futebol paulista⁵.

Esse era o cenário de disputa do futebol brasileiro quando começou a década de 1930. O Brasil mudava e a República Velha finalmente chegava ao fim, iniciando-se um novo período histórico, a Era Vargas. Durante 15 anos Getúlio Vargas governaria o Brasil, grande parte por meio de uma ditadura e, com isso, ocorreriam profundas mudanças.

Da mesma forma que o percurso da história nacional, o futebol também mudava. Assim como acontecia no país, a demanda por maior participação popular aumentava, sendo impossível manter antigos privilégios e estruturas. Portanto, a regulamentação e a profissionalização do futebol não foram fatos isolados, mas parte da política trabalhista que marcou o primeiro governo de Vargas. De fato, o Presidente estimulou a profissionalização no esforço de que o Estado controlasse o futebol brasileiro. Além disso, profissionalizar o esporte também era uma maneira de conseguir o apoio

Você sabia?

O primeiro Presidente sul-americano a assistir como Chefe de Estado a uma partida de futebol foi o argentino Julio Argentino Roca, em 1904. O jogo foi entre o Alumni e o Southampton.

5 A crise mundial de 1929 também foi uma importante razão para a extinção da LAF, já que ela era mantida basicamente pela elite cafeeira, que apoiava seus times, e que foi bastante afetada pela crise.

dos atletas, objetivando tanto ampliar a base social do governo, mantendo as oligarquias cada vez mais isoladas, como criar a ilusão de uma democracia racial no país.

Na lógica das lutas trabalhistas do período, os jogadores paulistas também se manifestaram exigindo a profissionalização. Eles afirmavam lutar por seus direitos como profissionais dos clubes e propunham a formação de uma associação de classe para defender seus interesses.

Você sabia?

O Presidente Roca também protagonizou outro momento relacionado ao futebol na América do Sul. Em um jogo disputado pelas seleções da Argentina e do Brasil, em que os primeiros venciam por 3X0, no intervalo o Presidente foi ao vestiário do time do seu país pedir aos jogadores moderação, em respeito ao importante momento de aproximação diplomática entre os dois países.

De fato, a questão complicava-se para os clubes, especialmente pelo êxodo de jogadores, que ganhou força a partir da profissionalização do futebol na Argentina e no Uruguai em 1931 e 1932, respectivamente. Nessa época, os times brasileiros intensificaram as excursões para o exterior, o que mudava a imagem do nosso futebol e dos jogadores lá fora. Foi um estímulo a mais para o êxodo, havendo casos em que os jogadores recebiam propostas durante a viagem ao exterior e sequer retornavam ao país, abandonando seus clubes. A situação tornava-se insustentável e a pressão pela profissionalização aumentava. Os novos clubes acompanhados, inclusive, por alguns times tradicionais da elite, como o carioca Fluminense, já se uniam ao coro pelo fim do amadorismo. Ou seja, pode-se dizer que a profissionalização se efetivou de fato mais por questões econômicas que ideológicas.

Finalmente, em 1933, concretiza-se a profissionalização. Entretanto, ela gera uma nova cisão no futebol da capital nacional. Os clubes cariocas favoráveis ao profissionalismo fundaram a Liga Carioca de Futebol (LCF), que passou a disputar o espaço político do futebol do Rio de Janeiro com a AMEA. A paulista APEA apoiou a profissionalização e a criação da Liga Carioca. Juntas,

as duas entidades criaram a “Divisão Especial de Profissionais”. Os primeiros campeões da nova era do futebol brasileiro foram o Bangu, no Rio de Janeiro, e o Palestra Itália em São Paulo. O profissionalismo também aumentou o número de torcedores nos estádios, o que fez com que alguns dos clubes que a princípio não concordaram com a medida não demorassem muito a aceitá-la.

A oficialização do profissionalismo, em 1933, não significou o fim dos conflitos no futebol brasileiro. A CBD não aceitava a profissionalização e, portanto, não reconhecia nem a APEA nem a Liga Carioca como entidades oficiais. Assim, no mesmo ano, ambas as entidades juntaram-se para formar a Federação Brasileira de Futebol (FBF). Enquanto isso, a CBD apoiava o surgimento, em São Paulo, da Federação Paulista de Futebol (FPF).

Foi nesse cenário que o Brasil participou da Copa do Mundo de 1934, na Itália. A CBD, ainda sem reconhecer o profissionalismo, decidiu levar apenas esportistas amadores ao evento. Indignados, clubes, atletas profissionais e federações – APEA, LCF e FBF – boicotaram a CBD, decidindo não participar ou apoiar a seleção organizada pela entidade nacional. No último momento, prevendo o que poderia acontecer na Itália, a CBD contrariou a si mesma ao oferecer uma remuneração para que os jogadores profissionais aceitassem estar na seleção. A medida tomada foi em vão: novamente a atuação brasileira foi um fracasso e a seleção foi eliminada logo no primeiro jogo. Os conflitos só tiveram fim em 1937, quando a CBD reconheceu o profissionalismo e absorveu a FBF, no que foi considerado “o ano da pacificação do futebol brasileiro”.

São Paulo x Rio de Janeiro: a rivalidade também no futebol

Paralelamente às disputas de amadorismo *vs.* profissionalismo e de elitismo *vs.* democratização, o futebol brasileiro foi marcado pela disputa de hegemonia entre Rio de Janeiro e São Paulo. Novamente, o que acontecia no meio futebolístico era um espelho da própria sociedade brasileira.



O team do Palmeiras que jogou com o Botafogo.

A CIGARRA. São Paulo, n. 26, 14 set. 1915. APESP.

Desde o século XIX, Rio de Janeiro e São Paulo eram as duas principais cidades do país. A primeira era a capital, e a segunda cada vez mais despontava como o principal centro econômico nacional. Nas décadas de 1920 e 1930, essa rivalidade acentuou-se tanto na sociedade como no mundo esportivo⁶. De fato, as elites que disputavam o poder político-econômico eram as mesmas que comandavam a maioria das entidades futebolísticas, como era o caso da elite cafeeira em São Paulo.

A própria fundação da CBD, na década de 1910, foi uma medida para tentar solucionar, ou pelo menos amenizar, as

6 Um dos reflexos das disputas entre os dois centros foi a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo. O fato era que, a partir do fim da monarquia e durante a República Velha, o poder no Brasil estava cada vez menos centralizado. Porém, com a chegada de Getúlio Vargas à Presidência, esse quadro mudou e o Estado passou a ser ultracentralizado em sua capital.

rivalidades entre paulistas e cariocas. Mas a situação só se agravava. Com a CBD sediada na capital, os cariocas tinham mais força política e ganhavam nesse campo e nas articulações frente à própria CBD. Já os paulistas tinham uma inquestionável superioridade técnica, o que fazia com que ganhassem a disputa no campo de jogo. Esse “empate” não favorecia nenhum lado.

Os conflitos eram tantos que, na Primeira Copa do Mundo de Futebol, realizada no Uruguai em 1930, os paulistas não liberaram seus jogadores. Isso porque a APEA exigia ter um representante seu na Comissão que organizava a ida brasileira ao evento, o que foi negado pela CBD. Nessa situação, a participação brasileira foi irrelevante e a reação dos paulistas demonstrava o nível da disputa regional, mais forte que o próprio sentimento nacional:

O rancor era imenso: na estréia do Brasil, contra a Iugoslávia, torcedores paulistas foram acompanhar o jogo em frente ao prédio do jornal A Gazeta – que recebia as informações por telex e as repassava ao público do lado de fora – e a derrota por 2 a 1 foi festejada como uma vitória. (GUTERMAN, 2009, p. 65).

Certamente as disputas entre os dois estados não terminaram com a adesão ao profissionalismo, apesar de diversos clubes unirem-se pela causa que defendiam independentemente de sua localização geográfica. Mas as relações tranquilizaram-se com a ascensão de Getúlio Vargas e a centralização por ele imposta, inclusive ao mundo esportivo. A CBD fortaleceu-se e passou a ter maior controle sobre as entidades regionais. Mesmo assim, a rivalidade foi sentida em outros momentos, como na construção do Pacaembu, o estádio municipal de São Paulo, em 1940. A “resposta” carioca foi dada dez anos depois com a construção do Maracanã, estádio municipal da então Capital Federal, principal palco da Copa do Mundo de 1950. Como bem sabemos, o conflito permanece até hoje. De fato as rivalidades, quando saudáveis, estimulam a participação e tornam o futebol mais divertido e interessante, mas, quando excessivas, podem manchar o espetáculo futebolístico.

2

O apito inicial em São Paulo ¹

A história do futebol brasileiro mistura-se com o desenvolvimento da cidade e do estado de São Paulo. Como já vimos, o futebol difundiu-se no Brasil paralelamente aos acontecimentos das primeiras décadas da República e, no caso paulista, ele foi um importante elemento agregador para as identidades que se criavam naquela época. São Paulo crescia e desenvolvia-se, recebia cada vez mais imigrantes e sua elite cafeeira enriquecia. Tudo isso teve forte reflexo no mundo futebolístico, especialmente na formação dos clubes de futebol, que nasciam naqueles primeiros anos do século XX.

A Liga Paulista de Futebol (LPF), primeira entidade do futebol paulista, surgiu em 1901 e, um ano depois, teve seu primeiro campeonato organizado. O “Paulistão”, como ficaria popularmente conhecido, surgiu fortemente elitizado, refletindo a situação do futebol brasileiro naquela época. De fato, a elite cafeeira foi o principal mantenedor do futebol em seu início, o que auxiliou a manutenção do elitismo por um bom tempo e ajuda a explicar a

1 As principais referências bibliográficas para este capítulo são: CALDAS, Waldenyr Caldas, *O pontapé inicial* – memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990 e as páginas eletrônicas oficiais dos clubes citados, indicadas na bibliografia final.

formação dos primeiros clubes, como o Clube Athletico Paulistano, que, em alguns anos, deixaria até de existir por sua forte convicção a favor do elitismo e do amadorismo no futebol paulista, depois de anos de crise contra a popularização do esporte.

Com o início da democratização do futebol na década de 1910, os conflitos internos começaram na LPF. Como já vimos, existiu uma forte disputa entre o elitismo e a democratização do esporte, fato que se refletiu na entidade. No final da primeira década do século XX, o Clube Atlético Ypiranga, um time de trabalhadores, entrou para a disputa do Campeonato Paulista. Naquele período, começaram a surgir outros clubes populares, como o Corinthians, em 1910, e o Palestra Itália, em 1914, que também queriam participar da disputa. Começou então a divisão da LPF: os times elitistas, como o Paulistano e a Associação Atlética das Palmeiras (que, lembramos, não é o Palmeiras de hoje) recusavam-se a aceitar a entrada dos novos clubes. Mas outros membros da LPF apoiavam a inserção; assim estava armado o embate que rachou o futebol paulista.



SPORT, São Paulo, n. 1, 8 abr. 1914. IHGSP/APESP.

O estopim para o rompimento entre os clubes foi a questão acerca do campo que seria utilizado no Campeonato, disputa que se deu principalmente entre a LPF, que queria o Parque Antártica (na época, campo do Sport Clube Germânia), e o Paulistano, o time com maior força na Liga, que desejava que os jogos ocorressem no Velódromo de São Paulo. A LPF foi irredutível, motivo suficiente para que o Paulistano abandonasse a entidade e criasse uma própria, na qual poderia organizar o campeonato como lhe interessava. Surgiu, assim, fundada pelo Paulistano e pela A. A. das Palmeiras, a Associação Paulista de Esportes Atléticos, a APEA, que até a metade da década de 1930 seria a principal entidade controladora do futebol paulista.

Durante alguns anos, foram organizados campeonatos paralelos pela LPF e pela APEA. Na primeira competição organizada pela nova entidade, em 1913, apenas três times participaram: os dois fundadores e o Mackenzie. Mas a LPF subestimou o poder dos dois principais times da elite futebolística e a APEA cresceu a cada ano, até que, em 1917, a LPF desapareceu e a APEA tornou-se a única representante do futebol paulista, pelo menos por algum tempo. Isso não significou que a nova entidade ainda seguisse sua elitista proposta inicial. Times populares, dentre os quais se destacavam o Corinthians e o Palestra Itália (hoje Palmeiras), entraram para a APEA, e o Velódromo, que tinha sido o estopim para a cisão da LPF, foi demolido pela Prefeitura de São Paulo.

A partir de então, a APEA cresceu e consolidou-se no cenário paulista, ao mesmo tempo em que o futebol estava também se transformando. Os principais times do estado que existem ainda hoje participaram dos campeonatos organizados pela entidade: Paulistano (que mais tarde tornar-se-ia a base para o São Paulo Futebol Clube), Corinthians, Palestra Itália (hoje Palmeiras), Santos, Portuguesa e Guarani. Mas a tranquilidade não durou muito tempo e a década de 1920 ficou marcada por uma nova crise no futebol paulista.

O primeiro problema não era futebolístico, mas afetou diretamente o mundo dos esportes: a Gripe Espanhola, ou Gripe de 1918, que atingiu o mundo e chegou ao Brasil em setembro de 1918. O fundador do Santos, Raymundo Marques, foi uma das

vítimas da doença, assim como o então Presidente da República, Rodrigues Alves. Por conta da epidemia, algumas medidas tiveram que ser tomadas, como a interrupção do Campeonato Paulista na metade e a redução das partidas em dez minutos.

Mas uma nova grande crise atingiria o futebol paulista e, também, o futebol carioca: o conflito entre amadorismo e profissionalismo. Outra vez foi o Paulistano que, não aceitando a decisão da APEA de seguir a escolha da maioria de seus membros e apoiar o profissionalismo, rompeu com a entidade e fundou a Liga dos Amadores de Futebol, a LAF, em 1926. Novamente, foram organizados campeonatos paralelos de 1926 a 1929. Porém, dessa vez, o tradicional clube elitista não teve a mesma sorte e, em 1929, a LAF foi dissolvida, assim como o próprio departamento de futebol do clube, que não aceitava o fim do amadorismo. O que o Paulistano não percebeu é que a profissionalização era uma questão de tempo, impossível de ser evitada. De fato, ela já existia de maneira informal.

Você sabia?

O único órgão que pode criar e alterar regras no futebol é o The International Football Association Board (IFAB); em 1994, o esporte sofreu algumas alterações, tais como: o aumento no número de substituições, que passaram de duas para três; a proibição aos goleiros de pegarem com as mãos bolas recuadas com os pés por seus companheiros, sendo que nesses casos deveriam ser utilizados os pés ou a cabeça; a cobrança do tiro de meta de qualquer lugar nos limites da pequena área, a fim de que não haja perda de tempo.

É importante lembrar que o mundo vivia os efeitos da grande crise de 1929, e, no Brasil, a elite cafeeira – que, como vimos, foi quem inicialmente sustentou o futebol e fundou os primeiros clubes elitistas – foi fortemente afetada pela crise. Portanto, a crise de 1929, com sua forte repercussão na elite paulista, também influenciou na democratização e na profissionalização, já que as elites se afastaram do cenário esportivo e deixaram de apoiar muitos times.

Porém, a situação também não terminou bem para a APEA. Em 1933, foi oficializado o profissionalismo no futebol brasileiro e, no mesmo ano, a entidade paulista organizou o que foi considerado o primeiro campeonato oficial do nosso futebol. Entretanto,

a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) não reconheceu o profissionalismo e passou a pressionar os principais clubes a deixarem a APEA para ingressar na recém-formada Liga de Futebol do Estado de São Paulo. Assim, nos campeonatos de 1935 e 1936, a APEA não contou com a participação do Corinthians e do Palestra Itália. Em 1937, ocorreu a “pacificação” do futebol brasileiro, a APEA deixou de existir, e a nova entidade paulista assumiu o controle do futebol no estado. Já o profissionalismo, como sabemos, era irreversível.

A democratização e a popularização do futebol paulista só estariam concretizadas, de fato, com a inserção dos demais clubes do estado e dos novos que surgiam e jogavam em outras séries do Campeonato Paulista. Mas eles não conseguiram participar do grupo principal até 1949, quando finalmente entrou em vigor a “Lei de Acesso”, que permitia aos times de outras divisões ascenderem à divisão principal. Durante muito tempo, a lei foi recusada, especialmente pelos que defendiam a permanência de um futebol amadorista e elitista. Os primeiros times beneficiados pela nova lei foram o XV de Piracicaba e o Guarani.

Outro importante elemento na história do futebol paulista é o imigrante, não apenas na formação de clubes populares, mas também na formação de jogadores. No período anterior à oficialização do profissionalismo, quando o futebol brasileiro sofria bastante com o êxodo de jogadores, um dos principais destinos era a Itália, e a preferência era por jogadores paulistas, pois:

O primeiro [aspecto] tem a ver com a grande colônia italiana de São Paulo e o sobrenome, quando fosse italiano, sempre pesava um pouco mais na hora da escolha para a concentração. O segundo aspecto está no fato de que São Paulo tinha mais projeções na Itália do que o Rio de Janeiro, em função da grande colônia aqui existente. (CALDAS, 1990, p. 202).

Um caso ocorrido na Copa de 1934 também ilustra a forte relação entre futebol e imigração, naquela circunstância

outra vez relacionado aos imigrantes italianos. Decidido a vencer o Campeonato em casa, o líder fascista Benito Mussolini não mediu esforços e não viu limites para formar uma equipe tecnicamente superior. Para isso, veio até a América, especialmente ao Brasil e à Argentina, em busca de jogadores descendentes de italianos, a fim de incluí-los na seleção de seu país. Assim, o time que venceu a Copa tinha três jogadores argentinos e um brasileiro, o Filó, todos naturalizados italianos por sua ascendência. Na lógica de Mussolini, a superioridade dos italianos não poderia ser contestada: apesar de terem nascido do outro lado do Oceano Atlântico, esses atletas eram italianos.

Em 27 de abril de 1940, durante o Estado Novo de Vargas, foi inaugurado o Estádio Municipal do Pacaembu, com capacidade para 70 mil torcedores, o que, naquela época, significava ser ele o maior estádio do mundo. Sua construção significou o deslocamento do eixo do futebol brasileiro, antes concentrado na capital federal – o Rio de Janeiro. Hoje, o Pacaembu abriga o Museu do Futebol, que mantém um rico acervo da história do futebol brasileiro, além de organizar eventos e manter a memória do esporte.

Naqueles tempos, o regionalismo ainda era muito forte no futebol brasileiro, reflexo da própria situação do país, que se centralizou durante a Era Vargas. Sem um campeonato de cunho nacional, durante muitos anos o principal torneio de futebol entre estados no Brasil foi o Rio-São Paulo. Sua primeira edição ocorreu em 1933, ano da profissionalização. Um segundo torneio aconteceria apenas em 1940. Somente na década de 1950 o Campeonato passou a ser regular, acontecendo todos os anos. Com a adesão de clubes de outros estados, além do Rio de Janeiro e de São Paulo, o torneio foi ampliado em 1967, sendo criado o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que seria um embrião do futuro Campeonato Brasileiro, que surgiu em 1971. Durante a década de 1990, o Torneio Rio-São Paulo voltou, porém sua última edição foi no ano de 2002. Em seu primeiro momento, foi o principal torneio nacional e representou também a rivalidade entre os times do Rio de Janeiro e de São Paulo, assim como as rivalidades dentro dos estados.

Os times paulistas

São Paulo foi o lugar onde se fundaram alguns dos principais times do país. Muitos deles existem até hoje, e em muitos casos seu passado e sua formação ainda são referência para seus torcedores. Serão apresentados aqui cinco dos principais times do estado de São Paulo, levando-se em consideração sua importância histórica e sua relação com aquela época em que o futebol se firmava como o esporte mais popular do país, entre os anos de 1900 e 1930.

Dentre os cinco clubes selecionados – Corinthians (fundado em 1910), Santos (fundado em 1912), Palmeiras (fundado em 1914), Portuguesa (fundado em 1920) e São Paulo (fundado em 1930) –, podemos destacar os que eram, naquela época, elitistas e os que simbolizavam a democratização do futebol brasileiro. Santos e São Paulo estão no primeiro grupo, e são clubes fundados pela elite paulista, especialmente a ligada ao café. Por sua vez, Corinthians, Palmeiras e Portuguesa são times fundados por operários e imigrantes, aquele grupo que procurou ocupar o espaço elitista do futebol brasileiro nas três primeiras décadas do século XX.

Corinthians, o time do povo

Em 1910, um grupo de trabalhadores do Bom Retiro decide que é hora de fundar um clube de futebol popular. Eram trabalhadores de ferrovias inglesas, pequenos artesãos, muitos deles imigrantes europeus que vieram ao Brasil em busca de trabalho e de uma melhor condição de vida. Eram parte da massa de trabalhadores urbanos que começava a ocupar as grandes cidades, exatamente aqueles que não se sentiam identificados com o perfil elitista dos clubes existentes até então, e que buscavam democratizar o futebol. Foi assim que nasceu o Sport Clube Corinthians, e, nas palavras de Miguel Bataglia, primeiro presidente do Clube, “O Corinthians será o time do povo e o povo é quem vai fazer o Corinthians”. O caráter popular do novo clube estava presente em seu estatuto, que afirmava não diferenciar nacionalidade, visão política ou religião

dos sócios e torcedores. Ficava claro que o “Timão”, como ficaria conhecido, pregava em sua formação uma abertura que refletia o momento do país em que os operários começavam a se organizar em São Paulo.

O nome foi escolhido em homenagem ao tradicional clube amador inglês Corinthian (sem o “s” no final), que justo naquele ano de 1910 excursionou por São Paulo, encantando a todos. Estava fundado o time das massas paulistas. Como é fácil imaginar, o caminho para ingressar no elitista mundo do futebol paulista não foi fácil. O Corinthians queria fazer parte da Liga Paulista de Futebol, o que era visto com maus olhos por muitos clubes tradicionais, mesmo após a cisão da entidade dada em razão do desejo de aceitar clubes mais populares. Porém, o Corinthians era o símbolo da inserção operária no futebol. Assim, a entidade decidiu realizar uma seleção entre alguns times para decidir qual deles teria o direito de ingressar. A disputa era contra dois grandes clubes da época, Minas Gerais Futebol Clube e São Paulo Sport Club (que não é o mesmo que o atual São Paulo Futebol Clube), sendo que as chances do Corinthians eram consideradas baixas. Mas o clube surpreendeu a todos, venceu a disputa e garantiu sua entrada na

LPF em 1912.



[NO TORNEIO “Rio – São Paulo”, os jogadores do Corinthians posam para foto], 1957. (APESP - ICO UH 1594).

O primeiro campeonato veio quatro anos após a fundação do Clube, em 1914. Mas, em 1915, ele enfrentou novos problemas e divergências políticas, o que acabou levando à sua saída da LPF. Sem conseguir filiar-se à Associação Paulista de Esportes Atléticos a tempo de disputar o campeonato da entidade, o Corinthians passou o ano em amistosos. Em 1916, disputou o campeonato da APEA, e, em razão da fusão das duas entidades paulistas, o que significou o fim da LPF em 1917, o Campeonato Paulista foi disputado com todos os grandes clubes: o Paulistano, o Palestra Itália, o Santos, o Internacional, o Mackenzie, o Ipiranga, a A. A. das Palmeiras e o São Bento.

As décadas de 1920 e 1930 foram de consolidação do time com importantes conquistas, como os três tricampeonatos: o primeiro (1921, 1922 e 1923), o segundo (1927, 1928 e 1929) e finalmente o terceiro (1937, 1938 e 1939). A década de 1940 não foi tão produtiva quanto as anteriores, mas, nos anos 1950, o clube conseguiu outras importantes vitórias.

Depois disso, por mais de 20 anos, o clube enfrentou um jejum de títulos – que terminou em 1977, com a conquista do Campeonato Paulista. Durante o período sem títulos, o clube mostrou ao mundo o jogador Rivelino, que estreou em 1965. Outro acontecimento marcante nesse período foi a partida contra o Fluminense, time do Rio de Janeiro, pelo Campeonato Brasileiro. Na partida pela semifinal do torneio, no Maracanã, a torcida corintiana invadiu a capital carioca: mais de 70 mil torcedores foram apoiar o clube no estado vizinho, o que ficou conhecido como “A invasão da Fiel Torcida”. A vitória foi nos pênaltis, e, na final, o time foi derrotado pelo Internacional, do Rio Grande do Sul.

Em 1978, o Corinthians trouxe para seu elenco o “Doutor” Sócrates, que, no início da década de 1980, liderou a “Democracia Corintiana”, movimento que mudou a cara do clube, como veremos no próximo capítulo. Nesse período, o Corinthians conquistou dois Campeonatos Paulistas e teve importantes participações no Campeonato Brasileiro, mostrando que a democracia no futebol também é possível. Mas com a saída de Sócrates, em 1984, para o futebol italiano, o movimento perdeu seu rumo e, no ano seguinte, tudo voltaria ao normal no Parque São Jorge.

O clube entrou na década de 1990 conquistando seu primeiro Campeonato Brasileiro e terminou com um feito inédito: em 1999, conquistou pela primeira vez o Campeonato Paulista e o Campeonato Brasileiro. A década de 2000 também parecia ser de grandes conquistas. De fato, muitas ocorreram; mas, infelizmente, o que mais marcou a história do clube foi a queda para a Série B do Campeonato Brasileiro em 2007, dois anos após ter vencido a Série A. Mas o clube contou com o apoio de sua torcida e, em 2008, venceu a Série B, retornando à elite do futebol brasileiro.

A trajetória do Corinthians, o “time de todos”, “do povo”, de fato acompanha a própria história da inserção das massas brasileiras no sistema político ao longo do século XX. Tanto que foi no Parque São Jorge que o futebol viveu uma experiência como a “Democracia Corintiana”, paralelamente à própria luta por democracia vivida pelo país nos últimos anos da Ditadura Civil-Militar.

Santos, o “Peixe”

Na passagem do século XIX para o XX, o porto de Santos transformou-se no principal do país e em um dos maiores do mundo, especialmente por ser a principal saída para o café brasileiro. Com isso, a cidade de Santos e sua vida social cresciam rápido, movidas pelo dinheiro dos grandes barões do café.

Como naquela época o futebol firmava-se como um dos principais entretenimentos da elite, é fácil compreender a existência de clubes dedicados a esse esporte, que disputavam, inclusive, o Campeonato Paulista com times da capital, como o Sport Clube Americano, fundado em 1903, e o Clube Atlético Internacional, fundado em 1902. Em 1910, o Internacional foi extinto e o Americano mudou sua sede para a capital do estado. Os praticantes que permaneciam em Santos sentiram a necessidade de um novo clube.

Foi assim que, no dia 14 de abril de 1912, foi fundado o Santos Futebol Clube, que em seus primeiros meses era tricolor – suas cores oficiais eram o branco, o azul e o dourado. Entretanto, devido à grande dificuldade para confeccionar uniformes nessas cores, em março de 1913, um dos sócios do clube propôs a mudança para o alvinegro, justificando que o branco simbolizava a paz e o

negro a nobreza. No mesmo ano, o time foi convidado pela LPF para participar de seu campeonato, porém, por falta de recursos, jogou apenas uma partida. Durante o ano de 1918, o time fez um excelente Campeonato Paulista, mas a disputa foi interrompida em função da gripe espanhola, o que fez o Santos sair como vice-campeão.

Na década de 1920, nascia uma das grandes tradições santistas: a revelação de jovens talentos. No Campeonato Paulista de 1927, com um time formado basicamente por jogadores da casa, o Santos fez mais de 100 gols, uma média de 6,25 por partida, e a festa só não foi maior porque o time perdeu a final do campeonato para o Palestra Itália.

Com a profissionalização do futebol em 1933, o Santos enfrentou uma importante crise, já que era um dos que se mantinham a favor do amadorismo. Mas foi no primeiro jogo profissional contra o São Paulo Futebol Clube que o time da Vila Belmiro “ganhou” seu famoso apelido, *Peixe*. Antes do início da partida, para provocar o adversário, a torcida do São Paulo chamava os jogadores santistas de “peixinho” de maneira pejorativa. Sem se abalar, a torcida do Santos respondia com: “Somos peixeiros, e com muita honra!”. E logo o apelido foi incorporado.



[SANTOS 0X0 São Paulo no Torneio Roberto Gomes Pedrosa], 1968. (APESP - ICO UH 1580 014).

O primeiro Campeonato Paulista conquistado pelo clube foi em 1935 – foi também seu primeiro título. Porém, depois dessa conquista, o time enfrentou um jejum de 20 anos, voltando a conseguir outro título só em 1955. Mas a década de 1950 não seria marcada somente pela volta dos títulos. O momento de maior glória santista começaria ainda nos anos 1950.

Em 1956, chegou à Vila Belmiro um jovem de 15 anos que mudaria para sempre a história do futebol do Santos, do Brasil e do mundo. Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, chegou ao clube trazido por Waldemar de Brito, ex-jogador da seleção brasileira, e, em 1958, ganhou seu primeiro Campeonato Paulista – foi também o artilheiro com 58 gols, um recorde até hoje. No mesmo ano, também ajudou o Brasil a conquistar sua Primeira Copa do Mundo.

O Santos de Pelé era imbatível, e levou alegria ao Brasil e ao mundo. Na década de 1960, o time conquistou 23 títulos oficiais, entre eles o bicampeonato da Taça Libertadores da América e o bicampeonato no Mundial Interclubes, ambos em 1962 e 1963. Ainda em 1962, o Santos consagrou-se ao ganhar um título estadual, um nacional, um continental e um mundial, feito nunca igualado por outro clube brasileiro. E novamente Pelé ajudava a seleção nacional, que conquistou naquele ano no Chile o bicampeonato.

Na seleção brasileira, Pelé participou das Copas do Mundo de 1958, 1962, 1966 e 1970, das quais a seleção só perdeu a do ano de 1966. Em 1969, com o reconhecimento mundial, o Santos aceitou fazer uma excursão pela África. Naquele momento, acontecia a guerra no Congo Belga, atual República Democrática do Congo, entre forças de Kinshasa e de Brazzaville. A popularidade santista era tal que os conflitos foram suspensos temporariamente para que as cidades pudessem assistir aos jogos do time.

Os problemas no Santos começaram a surgir no início da década de 1970. O time estava comprometido com a CBD a fim de realizar excursões pela África e Arábia, o que, para diversos especialistas, era parte da campanha de João Havelange para a presidência da FIFA. Desgastado com as sucessivas viagens, o time teve baixo desempenho nos campeonatos nacionais.

As glórias da “Era Pelé” não seriam superadas, mas o time voltou a encantar o mundo do futebol diversas vezes. Em 1978,

por exemplo, o Santos conquistou o Campeonato Paulista com os “Meninos da Vila”, apelido que se referia à juventude dos jogadores. No início do século XXI, o apelido seria utilizado quando o jovem time virou novamente um sucesso no país, principalmente a dupla Diego e Robinho. Em 2002, completando 90 anos, o clube celebrou a conquista do Campeonato Brasileiro, e, em 2004, novamente o mesmo feito. Em 2006, após outro jejum de 22 anos, conquistou o Campeonato Paulista, consagrando-se bicampeão do torneio em 2007. O time da Vila Belmiro, consagrado na década de 1960 com o futebol de Pelé, é até hoje referência no futebol mundial. Suas vitórias e glórias foram reconhecidas, e o clube foi eleito pela FIFA como o melhor das Américas no século XX.

Em 2010, os Meninos da Vila novamente encantaram os olhos dos torcedores. Neymar e Ganso, com o já ídolo santista Robinho, conquistaram mais um Campeonato Paulista com performances impressionantes. Desta forma, percebemos que a tradição do Santos de mostrar ao mundo jovens craques se mantém viva.

Palmeiras, o “Porco”

A unificação italiana ocorreu no final do século XIX, e, na mesma época, o Brasil já recebia imigrantes daquela região. Porém, muitos deles chegavam ao país sem o sentimento de uma Itália unificada; eram, na verdade, imigrantes de distintas regiões, como Sicília, Roma etc. Nas primeiras décadas do século XX, a concentração de imigrantes italianos em São Paulo já era bastante forte e até existiam clubes de futebol ou de outros esportes representando alguma região da Itália. O fato é que esse esporte ganhava cada vez mais popularidade nas colônias de imigrantes, e alguns de seus membros decidiram que era hora de criar um time de futebol que representasse todos os italianos, sem regionalismos. Assim, colocaram um anúncio no principal jornal dos colonos, convocando os interessados a se reunirem para a fundação.

Em 26 de agosto de 1914, foi fundado o Palestra Itália, hoje chamado Sociedade Esportiva Palmeiras. A ideia agradou até o consulado italiano, que via a iniciativa como uma maneira de criar uma identidade entre os italianos, difundindo assim a recente

unificação do país. O uniforme do clube era vermelho, verde e branco, uma referência clara às cores da bandeira italiana.

Somente em 1916, o Palestra conseguiu ingressar na APEA, que era então a principal entidade esportiva de São Paulo. Em 1920, conquistou seu primeiro Campeonato Paulista e no mesmo ano comprou seu próprio estádio, o Palestra Itália. A década de 1930 ficou marcada pelo tricampeonato paulista, logo em seu início. Uma das vitórias ocorreu no Campeonato de 1932, no qual o time não sofreu nenhuma derrota, já que o evento foi interrompido e não teve segundo turno em função da Revolução Constitucionalista.

Foi na década de 1940 que o clube teve que mudar seu nome. O Brasil de Getúlio Vargas entrou na Segunda Guerra Mundial a favor dos Aliados (Estados Unidos, França e Inglaterra), ou seja, contra a Itália, que compunha o Eixo ao lado da Alemanha e do Japão. Em 1942, o governo brasileiro proibiu que qualquer entidade, inclusive as esportivas, utilizasse nomes relacionados aos países inimigos. Em um primeiro momento, o clube mudou seu nome para Palestra São Paulo. Mas a medida não foi suficiente, pois a pressão política manteve-se e o clube corria o risco de ser retirado do Campeonato Paulista, do qual era líder,

e, ainda pior, arriscava perder seu patrimônio para outro clube. Nessa situação, o nome foi novamente alterado e a entidade passou definitivamente a ser chamada Sociedade Esportiva Palmeiras. O clube também retirou a cor vermelha de seu uniforme, deixando assim de levar as cores da bandeira italiana.

No final da década de 1950 e durante a de 1960, a hegemonia paulista foi do Santos de Pelé. Entretanto, o Palmeiras conseguiu algumas conquistas importantes como os Campeonatos Paulistas de 1959, 1963 e 1966, impedindo assim que o Santos fosse campeão do torneio onze vezes consecutivas. Já em 1965, quinze anos após

Você sabia?

O Sport Club Rio Grande, do Rio Grande do Sul, foi o primeiro clube criado no Brasil para praticar futebol, em 19 de julho de 1900. Em homenagem ao clube, a data foi estabelecida no país como o dia do futebol.

a traumática derrota do Brasil para o Uruguai no Maracanã na final da Copa do Mundo, o Palmeiras venceu a seleção uruguaia na inauguração do estádio do Mineirão, em Belo Horizonte. Para muitos, foi como uma vingança do famoso “*Maracanaço*”. Além disso, o Palmeiras foi duas vezes campeão do Robertão – uma espécie de Campeonato Brasileiro da época – e venceu importantes torneios internacionais, entre eles o Torneio de Mar del Plata na Argentina – uma espécie de sul-americano de clubes.

A década de 1970 foi de glórias para o time da colônia italiana, que venceu dois Campeonatos Brasileiros e três Campeonatos Paulistas. Por sua grande atuação, o clube recebeu o apelido de “Academia”. Mas os anos 1980 foram de momentos difíceis para o Palmeiras, que não conseguiu conquistar nenhum título. Apesar do jejum, a década entra para a história do clube por um acontecimento ocorrido no ano de 1986: a torcida assumia o apelido “Porco”, antes uma ofensa para o clube.



[PALMEIRAS], 1952. (APESP - ICO UH 1582 012).

O Palmeiras ganhou o apelido ofensivo de “porco” no final da década de 1960. Durante o Campeonato Paulista, dois jogadores do Corinthians faleceram e o clube solicitou a Federação Paulista de Futebol (FPF) autorização para substituí-los, inscrevendo dois novos jogadores na competição. A entidade em geral aceitou o pedido, com exceção do Palmeiras, o que significou a não permissão das novas inscrições. Os corintianos ficaram indignados e acusaram o Palmeiras de ser um clube com “espírito de porco”. Os palmeirenses sempre receberam os gritos de “Porco!” como uma ofensa. Até o jogo contra o Santos em 1986, quando a torcida rival gritou o apelido e surpreendentemente a torcida alviverde respondeu com o coro de “Dá-lhe Porco! Porco!”. E esse passou a ser o mais novo mascote dos palmeirenses.

Na década de 1990, o Palmeiras fez uma importante parceria publicitária com a Parmalat, que ficou marcada pelas grandes vitórias do clube. Entre elas, o Campeonato Paulista, o Torneio Rio-São Paulo e o Brasileiro de 1993. Em 1994, foi bicampeão no Campeonato Paulista e no Brasileiro. Em 1996, conquistou novamente o Campeonato Paulista e, em 1999, a Taça Libertadores da América. A parceria com a Parmalat foi encerrada em 2000. Em 2002, o time enfrentou um difícil momento com a queda para a Série B do Campeonato Brasileiro.

O Palmeiras é exemplo da força dos grupos imigrantes do início do século XX no Brasil, especialmente no caso de São Paulo, que teve a forte imigração italiana. A história do clube é parte da própria formação da identidade paulista e da inserção do elemento imigrante na cultura local. Nesse caso, é a cultura italiana que ganha destaque. Mas além do caso do alviverde, outras colônias de imigrantes também utilizaram o espaço do futebol como um ponto de encontro entre as tradições do país de origem e as da nova pátria brasileira.

Portuguesa, a Lusa

Assim como a colônia italiana, os portugueses que imigraram para o Brasil também fundaram clubes, como é o caso do Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, e da Associação Portuguesa de Desportos, em São Paulo. O clube

paulista foi fundado em 14 de agosto de 1920 a partir da fusão de outras cinco sociedades lusitanas já existentes. No mesmo ano, a Portuguesa solicitou sua filiação à APEA; porém, pela data tardia, entra na entidade sem poder disputar o Campeonato Paulista daquele ano. Para não deixar de participar, o time lusitano fundiu-se à Associação Atlética Mackenzie e, até 1922, o Portuguesa-Mackenzie disputou o campeonato unificado. A partir de 1923, o clube, então chamado Associação Portuguesa de Esportes, passou a disputar o Campeonato Paulista com a nova denominação, conquistando o primeiro título estadual em 1935 e o bicampeonato no ano seguinte.

A mudança do nome para Associação Portuguesa de Desportos ocorreu apenas em 1940. Já com a nova denominação, a década de 1950 marca o período de maior glória do clube. Naquela década, a Portuguesa obteve diversos títulos internacionais, em torneios e excursões, e foi duas vezes campeã do Torneio Rio-São Paulo, em 1952 e 1955.

A história da Lusa é marcada pela luta por um estádio próprio. Quando foi fundado, o clube herdou de duas de suas associações originárias – o Cinco de Outubro e o Lusíadas – uma sede no Brás, que era alugada. A luta lusitana por seu espaço pode ser dividida em três etapas: a primeira, com a compra, em 1922, das instalações da Praça de Esportes União Artística Cambuci; a segunda, a partir de 1929, quando o clube fixou sua sede no Largo de São Bento; e a terceira, a partir de 1956, quando o clube comprou o espaço antes utilizado pelo São Paulo Futebol Clube, a sede do Canindé, que hoje já é o tradicional espaço da Portuguesa.

O clube também manteve sempre viva sua identidade com Portugal. Alguns acontecimentos mostram essa conexão com nossa antiga metrópole, como a chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima de Portugal, em 1981, evento transmitido para todo o país. Outro importante momento foi a visita do Presidente português ao clube em abril de 1987, onde foi recepcionado pela colônia lusitana paulista.

Como acontecera a muitos outros tradicionais clubes brasileiros, em 2002, a Portuguesa foi rebaixada para a Série B do Campeonato Brasileiro. O clube então contratou a empresa Ability



[PORTUGUESA e Palmeiras, no Parque Antártica], 1968. (APESP - ICO UH 1580 020).

Sports para gerenciar seu departamento de futebol. A experiência é um exemplo da nova estrutura que se forma no futebol globalizado, com a terceirização de departamentos esportivos dentro dos clubes, o que, em muitos casos, significa a perda da identidade original das associações. Com o fim da parceria com a Ability Sports em 2005, o clube decide recorrer a seus sócios e torcedores, lançando uma campanha para arrecadar fundos: a “Lusa Rumo à Primeira Divisão”. Em 2006, o time caiu para a Série A2 do Campeonato Paulista, mas em 2007 retornou à elite do futebol brasileiro, sendo novamente rebaixado em 2008.

O Canindé, a “casa” da Portuguesa, abriga o Museu Histórico do clube, inaugurado em 1992. Outra importante iniciativa

da lusa para a comunidade foi a “Escola Lusa”, inaugurada em 2007. O projeto garante acesso à Internet e uma ampla biblioteca a todos os jogadores das categorias de base e funcionários do clube, além de ajudá-los na conclusão dos ensinamentos fundamental e médio.

São Paulo, “o mais querido”

O São Paulo Futebol Clube surge um pouco mais tarde do que os outros clubes paulistas, e, de fato, reflete bem a crise pela qual passava o futebol brasileiro na virada dos anos 1920 para 1930. Com o caminho para o profissionalismo cada vez mais avançado, ao ser extinta a Liga Amadora de Futebol em 1929, a Assembleia de Conselheiros do Clube Athletico Paulistano decide abandonar o futebol. Inconformados, três membros da diretoria – Edgard de Souza, Alberto Caldas e Benedito Montenegro – decidem criar um novo clube que continuasse se dedicando ao futebol. Assim, da fusão do C. A. Paulistano com a Associação Atlética das Palmeiras (que nada tinha a ver com o atual Palmeiras, como já vimos) surge o São Paulo Futebol Clube, cujas cores também seguiam a fusão: as do Paulistano eram branca e vermelha (alvirrubro) e as da A. A. das Palmeiras branca e preta (alvinegro). Nascia então o “Tricolor Paulista”, com as cores do Estado de São Paulo, cuja data de “nascimento” coincide com o aniversário da capital, 25 de janeiro (a ata de fundação do clube foi assinada no dia 26 de janeiro, mas sua data magna é o dia 25 em homenagem a cidade). O Paulistano cedia seus jogadores, campeões paulistas em 1929, e a A. A. das Palmeiras seu estádio, a Chácara Floresta. O nome do novo clube também era resultado dessa união: São Paulo da Floresta.

Seu primeiro Campeonato Paulista ocorreu em 1931. Ironicamente, o time que nasceu da cisão gerada pela questão do fim do amadorismo no futebol participaria da primeira partida profissional contra o Santos em 1933.

Mas a fundação ainda não estava consolidada. Em 1935, em função de outra crise financeira, o São Paulo da Floresta foi extinto ao fundir-se com o Tietê Esporte Clube, e, nessa fusão, determinaram-se a extinção do departamento de futebol e que não seriam usados as cores ou o símbolo do São Paulo no novo clube.

Novamente alguns sócios inconformados não aceitaram o novo fim e decidiram refundar o clube. Assim, em 4 de junho de 1935, nascia o novo São Paulo, que em dezembro daquele ano passou a se chamar São Paulo Futebol Clube.

O início foi difícil para o clube, que por tanta instabilidade não era visto com muito respeito pela imprensa nem pelos seus adversários. Tantas dificuldades levaram o São Paulo a ser conhecido como o “Clube da Fé”, apelido dado pelo jornalista Thomaz Mazzoni. Mas as coisas começaram a melhorar já na década de 1940, período em que o clube conquistou cinco títulos. Foi também naquela época que um novo apelido foi dado ao tricolor, “O Mais Querido”. Durante o Estado Novo, as entidades esportivas estavam proibidas de ostentar bandeiras estaduais. No dia da inauguração do Pacaembu, em 1940, com a presença do então Presidente Getúlio Vargas no estádio, o São Paulo entrou em campo exibindo suas cores e seu nome, que são os mesmos do estado ao qual pertence. Assim, os torcedores, jornalistas e locutores ovacionaram o time, como uma forma crítica à censura imposta, e assim lhe foi dado o novo apelido.



[SÃO PAULO X Santos. Gol do São Paulo]. (APESP - ICO ASP 003.14.02).

Em 1953, o clube decidiu que era o momento de iniciar a construção de seu próprio estádio. Os esforços necessários fariam com que o São Paulo enfrentasse um período de jejum entre os anos 1957 e 1970, quando o time não conquistou títulos oficiais. O estádio Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi por sua localização geográfica, foi parcialmente inaugurado em 1960, para arrecadar fundos para o restante da obra.

Na década de 1980, o São Paulo conquistou muitos títulos, inaugurando a década com o bicampeonato Paulista em 1980 e 1981. Seu jovem time formado em 1984, conhecido como “Menudos do Morumbi” – em referência ao grupo porto-riquenho adolescente que fazia sucesso naquela época, formado, entre outros, pelo cantor Ricky Martín –, entrou para a história tanto pelas conquistas como pela velocidade de seus jogadores. No ano de 1985, o clube conquistou novamente o Campeonato Paulista. Em 1986, um pouco mais maduros, os “Menudos do Morumbi” conquistaram o Campeonato Brasileiro, o segundo do São Paulo. Em 1987, conquistaram novamente o Campeonato Paulista, e, em 1989, encerraram a década com chave de ouro, com a conquista do mesmo campeonato.

Na década de 1990, mais um momento importante para o tricolor paulista, a Era Telê. Telê Santana da Silva, ex-técnico da seleção brasileira e com uma fama de pé-frio por ter perdido duas Copas do Mundo com grandes seleções, assumiu o papel de técnico do time tricolor em uma parceria que rendeu muitos títulos. Durante sua permanência, o clube conquistou o Campeonato Paulista de 1991 e 1992, o terceiro título Brasileiro em 1991, o Bicampeonato da Taça Libertadores da América e o Bicampeonato do Mundial Interclubes em 1992 e 1993, entre outros. Telê deixou o clube em 1996, por conta de problemas de saúde que o afastaram do futebol.

No ano de 2005, o time conquistou no mesmo ano o Campeonato Paulista, a Taça Libertadores da América e novamente o Mundial Interclubes. O time ainda conseguiu o Tricampeonato Brasileiro em 2006, 2007 e 2008.

O São Paulo hoje é o clube mais bem sucedido do futebol brasileiro, e sua existência é uma homenagem à cidade de São Paulo. A importância do clube e sua relação com a capital paulista são tão fortes que, em 2006, foi sancionada uma lei na cidade estabelecendo que o dia 16 de dezembro é o “Dia Tricolor”, em homenagem à última fundação do clube.

Você sabia?

Em 1904, durante a Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, a polícia culpou os capoeiristas pela rebelião e proibiu a prática do esporte, então o mais popular entre as classes mais baixas. Foi nesse espaço deixado pela capoeira que o futebol apareceu como opção de entretenimento popular.

3

Futebol e poder no Brasil

Por seu forte caráter mobilizador e por ser parte da cultura e da identidade nacional do brasileiro, o futebol não escapou de ser objeto de interesse de governos e políticos. Claro que esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Ao contrário, ele é bastante comum em diversas partes do mundo. Diferentemente do que é natural se pensar, não são somente regimes autoritários que utilizam o esporte a seu favor; existem também casos de governos democraticamente eleitos que não perderam a oportunidade de se beneficiar da imagem futebolística.

É verdade que o futebol de maneira geral, os clubes, a prática do esporte e os campeonatos nacionais foram alvo de interesse e até de intervenção do Estado desde a chegada desse esporte ao nosso país. Mas, sem dúvida, o principal “alvo” de interesses políticos foi a seleção brasileira. Como veremos, ela serviu de instrumento para muitos de nossos governantes, desde a época da construção de nossa identidade, passando por momentos de ditaduras, até os períodos democráticos, como veremos mais adiante. O poder do futebol parece realmente ilimitado.

Neste capítulo, o objetivo é compreender as relações entre política e futebol no Brasil durante o momento *moderno* do esporte, aquele que se iniciou com sua popularização e teve como

principal característica sua associação com os Estados nacionais em afirmação durante o século XX (GIULIANOTTI, 1999). No Brasil, essa etapa do futebol como esporte da era moderna coincidiu com democracias populistas e regimes ditatoriais no período que vai desde o fim da República Velha, quando da ascensão de Getúlio Vargas em 1930, até a Copa de 1986, um ano após o fim da ditadura civil-militar, quando o país se preparava para realizar as primeiras eleições diretas para presidente em quase 40 anos. Quanto à história nacional, foi o período de incorporação das classes trabalhadoras e mais pobres na política e na sociedade, fato esse que gerou conflitos que marcaram todo o período. O futebol acompanhou esse processo, sentindo seus efeitos, principalmente em épocas de Copa do Mundo.

Nas primeiras décadas do século XX – quando o futebol afirmava-se como o esporte mais popular do país – poder e esporte cruzaram-se algumas vezes. Foi assim no caso em que o Presidente Afonso Pena doou a “Taça Brasil” para a disputa do primeiro campeonato de futebol no país. Por sua vez, em 1921, o Presidente Epitácio Pessoa protagonizou um caso mais complicado. O Brasil iria a Buenos Aires disputar o Campeonato Sul-Americano e o Presidente proibiu a CBD de escalar jogadores negros para a seleção que representaria o país. Segundo o Presidente, a medida fora tomada em função do medo de que, em caso de derrota, os negros fossem responsabilizados. Também foi considerada na decisão a experiência do Campeonato de 1919, quando a seleção brasileira escalou mulatos que foram chamados por uruguaios e argentinos de “macaquitos”. Mas é claro que também influenciou o racismo das elites, nelas incluído o próprio Presidente, que queriam mostrar para o mundo uma seleção formada pela elite branca e letrada, excluindo os negros, mulatos e analfabetos.

Já no final da República Velha, ocorreu um incidente no jogo entre Rio de Janeiro e São Paulo em 1929, quando o então Presidente do Brasil, Washington Luís, que assistia ao confronto no estádio, parou o jogo e mandou a equipe carioca cobrar um

pênalti que o time adversário se recusava a aceitar. Revoltados, os jogadores paulistas retiraram-se de campo e os cariocas tiveram que cobrar o pênalti, sem goleiro, e venceram a partida.

Apesar desses casos específicos durante a República Velha, o uso do futebol por parte do Estado nesse período foi ocasional e esporádico. Foi somente a partir de 1930, mais especificamente a partir de Getúlio Vargas, que esse esporte passou a ser usado intencionalmente pelo Estado a seu favor.

O futebol e os populistas

O período do primeiro governo de Getúlio Vargas foi marcado por um Estado fortemente centralizador; mas foi somente no período de 1937 a 1945 que o país viveu de fato sob uma ditadura. Um dos objetivos do governo era atrair os trabalhadores urbanos, e, assim, formou-se uma forjada, mas poderosa, aliança que permitiu a Vargas governar de forma centralizadora. Em seu projeto os esportes também foram considerados enquanto fator importante a ser desenvolvido, tanto para a transformação do brasileiro como para a superação das diferenças políticas que geravam os conflitos sociais.

Assim, o esporte teve um papel fundamental no varguismo, principalmente o futebol, o que foi mais evidente durante o período ditatorial. Na década de 1930, Vargas tornou-se um dos patronos do futebol brasileiro e sua filha, Alzira Vargas, era a madrinha da seleção. Era um movimento típico de um líder paternalista, que trazia para o seio familiar o esporte das massas.

Ainda no governo provisório, em 1932, a Revolução Constitucionalista estourou em São Paulo. Mesmo derrotados, os paulistas não sofreram punições por parte do governo federal. Vargas aproveitou a oportunidade para incentivar a integração nacional a partir do centro, a capital federal que ficava no Rio de Janeiro. E foi nesse clima que ocorreu, em 1933, a primeira edição do Torneio Rio-São Paulo.

Durante o primeiro governo de Getúlio, a seleção brasileira participou de duas Copas. Na primeira delas, em 1934, não obteve grande êxito em razão das diferenças entre a CBD e as federações

paulista e carioca por causa da profissionalização dos jogadores. A participação da seleção foi decepcionante. Mas o Presidente já mostrava seu interesse e nomeou para chefe da delegação Lourival Fontes, que participou da fundação da Ação Integralista Brasileira. Em 1934, Vargas encarregou-lhe o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, de grande importância para o governo.

O rádio, símbolo da Era Vargas, também foi um instrumento a mais no campo esportivo. Na Copa de 1938, por exemplo, pela primeira vez os jogos foram transmitidos para a América, o que, para o governo, foi uma oportunidade a mais de propaganda: era ele quem permitia “captar as glórias brasileiras em gramados tão distantes.” (AGOSTINO, 2002, p. 144). Para realizar a transmissão, o locutor Leonardo Gagliano Neto embarcou com a delegação brasileira para a França. A transmissão dos jogos instaurava na sociedade a sensação de uma experiência coletiva. Muitas pessoas foram, inclusive, dispensadas de seus ofícios para escutá-las e as partidas eram transmitidas em diversos pontos por alto-falantes instalados nas ruas.

Vargas fez questão de se despedir dos atletas antes da viagem. Foi organizada uma recepção no Palácio do Catete, a residência presidencial no Rio de Janeiro, para desejar boa sorte naquela batalha. Os brasileiros voltaram com o terceiro lugar, mas foram recebidos pelo governo como heróis. Além da artilharia de Leônidas, a seleção fez belas atuações, colocando o futebol brasileiro entre os grandes do mundo. Na lógica do Estado Novo, era o mesmo que inserir o Brasil entre as grandes potências.

Durante os 15 anos de governo de Vargas, foram diversos os momentos em que o futebol foi utilizado na construção de um

Você sabia?

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as partidas oficiais na Europa foram canceladas. Mas os países da Tríplice Entente (Inglaterra, França e Império Russo), que estavam em guerra contra a Tríplice Aliança (formada por Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro), realizaram diversos jogos entre si, visando criar melhores relações.

projeto maior de Nação e de identidade. Nos Jogos Sul-Americanos de 1936-1937, por exemplo, o Brasil foi derrotado pelos donos da casa, os argentinos. Porém, no retorno ao país, a seleção foi recebida com festa no porto do Rio de Janeiro pela torcida, que considerava os atletas verdadeiros guerreiros por mostrarem ao inimigo a raça do povo brasileiro. O chefe da delegação brasileira, Castello Branco, fez questão de discursar e reforçou que os bons resultados eram consequência da disciplina, do patriotismo e da consciência esportiva que os jogadores estavam adquirindo. Ou seja, era uma metáfora da própria sociedade, que, naquele momento, construía sua coletividade. A solenidade – houve mais do que uma simples festa – teve também o hino nacional tocado pelas bandas militares presentes. Vargas deixava claro que o futebol era questão nacional:

Encarado pela propaganda estadonovista como síntese da capacidade e originalidade brasileira – dizia-se que os jogadores reinventaram o jogo bretão –, o futebol assumia uma função crucial nos valores ideológicos governamentais. A presença de negros na seleção era apresentada como símbolo da democracia racial. (AGOSTINO, 2002, p. 144).

Em 1937, tinha início o Estado Novo, período em que Getúlio governou sob uma ditadura. Em 1941, confirmando a importância dos esportes para o projeto de Estado, o Presidente criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), vinculado ao Ministério de Educação e Saúde. Ficaram famosos também os discursos em clubes de futebol, principalmente o do São Januário, no Rio de Janeiro, e o do Pacaembu, em São Paulo. A escolha desses espaços não era ocasional: eram os locais com os quais as massas trabalhadoras identificavam sua liberdade, seu momento de entretenimento. E era onde o Presidente falava à nação, relacionando-se com tais sentimentos populares.

Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo em 1942¹, o CND proibiu que qualquer encontro esportivo fosse transformado em algum tipo de manifestação de caráter nacional. A situação complicou-se para os imigrantes italianos, japoneses e alemães, pois pertenciam aos países que formavam o Eixo. No futebol alguns clubes tiveram que alterar seu nome para não correrem o risco de sofrer intervenções ou até mesmo de fecharem. Dois grandes clubes da atualidade são exemplo deste momento: o Palestra Itália, em São Paulo, que passou a se chamar primeiro Palestra São Paulo e depois Sociedade Esportiva Palmeiras; e o Sociedade Esportiva Palestra Itália, clube de Minas Gerais, que virou Esporte Clube Cruzeiro. Um pouco antes, em 1941, o Estado Novo proibiu manifestações regionalistas no futebol, o que nesse caso afetava o São Paulo Futebol Clube, que levava não apenas o nome do estado mas também as cores da bandeira.

Durante a Era Vargas, o futebol representava um modelo de sociedade a ser alcançado, mas ao mesmo tempo era um dos moldes da sociedade brasileira. Era uma ferramenta extremamente útil, que também servia à lógica paternalista do populismo varguista. Esta é uma das faces mais fantásticas do futebol e de seu efeito nos homens: sua capacidade de adaptação à situação, ao lugar e ao tempo.

Quando o Estado Novo chegou ao fim em 1945, o país realizou eleições para presidente, porém não foi permitido a Vargas candidatar-se. O vencedor foi Eurico Gaspar Dutra, que se alinhou incondicionalmente ao bloco capitalista na recém-iniciada Guerra Fria, chegando a romper com o bloco Soviético. Dutra não possuía o carisma de seu antecessor (e também sucessor), e não deu a mesma importância ao esporte como a ditadura varguista. Mas, justo em seu governo, em 1946, o Brasil foi escolhido para sediar a quarta Copa

1 Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os países envolvidos dividiram-se em dois grupos que guerreavam entre si: de um lado, o Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão; do outro, os Aliados, com Inglaterra, França e União Soviética. Em razão do ataque dos japoneses à base naval de Pearl Harbor, os Estados Unidos entraram na Guerra em 1941 lutando com os Aliados.

do Mundo. A Europa estava destruída no pós-Segunda Guerra (sequer se tinha recuperado da Primeira) e ainda era um terreno instável para um evento desse porte. Antes de estourar a guerra em 1939, Brasil e Alemanha disputavam a realização do evento que deveria acontecer em 1942. Mas o conflito fez com que a década de 1940 não tivesse eventos esportivos internacionais de grande porte, e, quando terminou a guerra, a Alemanha derrotada estava não apenas em fase de reconstrução, mas dividida entre potências capitalistas e socialistas. Assim, o Brasil acabou eleito.

Como veremos no próximo capítulo, a realização do evento foi um marco para o país, que vivia um momento de euforia, e a Copa era a oportunidade para mostrar a capacidade brasileira e, mais importante, de criar um sentimento coletivo que ajudasse na integração e na criação da identidade nacional. Como vimos, durante seu governo, Getúlio Vargas tentou estruturar um projeto nacional que, entre outros elementos, incorporasse o futebol. A realização da Copa do Mundo dava aos governantes a possibilidade de estreitar esses laços que começaram a ser criados por Vargas.

Mas o Presidente Dutra preocupou-se em não vincular diretamente sua imagem ao evento. Naquele momento, recém-terminada a Segunda Guerra Mundial e com o nazi-fascismo derrotado, ninguém queria utilizar os métodos de culto ao líder, ou ao paternalismo, que pudessem de alguma maneira serem associados ao fascismo. Assim, o futebol foi usado de uma maneira diferente da de Vargas, como se fosse parte de um projeto mais amplo de sociedade. Porém, essa preocupação não significava a ausência de intenções políticas por trás da realização. Era ano eleitoral no país e estar associado à imagem de vitória interessava a todos. Dutra não utilizou a Copa para sua imagem pessoal, mas para a afirmação do futebol como elemento de identidade entre os brasileiros e de integração nacional.

Em 1948, após diversos conflitos sobre a obra, iniciou-se a construção do estádio municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã. Era o maior estádio do mundo, e uma metáfora dos próprios objetivos do Brasil: um imenso país, representado pela democracia racial, e um povo autêntico, alegre, civilizado e capaz de grandes feitos. Só faltava a conquista do torneio para fechar a equação.

UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

INAUGURADO OFICIALMENTE O ESTÁDIO MUNICIPAL

Presentes ao ato, o presidente da República, autoridades públicas e desportistas -- Saudação do prefeito do Distrito Federal -- Bênção do anfiteatro pelo cardeal D. Jayme Câmara -- Prosseguem os trabalhos visando os grossos retoques da construção

INAUGURADO oficialmente o Estádio Municipal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1950, 2º caderno, p. 1. APESP.

O Presidente Dutra compareceu aos jogos de abertura e à final, nada além do esperado pelo Chefe de Estado. Nos jornais da época, destacava-se a presença do presidente no novo estádio inaugurado para o evento, o Maracanã:

O comparecimento do presidente Dutra é noticiado com destaque pelo jornal *A Noite*, que registra o fato de sua atitude não ser apenas protocolar: o presidente comentava os lances da partida e identificava os jogadores, especialmente Ademir, mostrando assim seu real envolvimento com o jogo. (MOURA, 1998, p. 69).

Mas, apesar da bela campanha, da torcida e do favoritismo, a seleção perdeu a Copa para o Uruguai. Foi uma das maiores tragédias nacionais, tanto que o cronista Nelson Rodrigues chegou a dizer que se tratava da “Hiroshima brasileira” (comparando com a bomba atômica atirada no final da Segunda Guerra Mundial pelos Estados Unidos na cidade japonesa de Hiroshima). O país estava de luto, mas a derrota acabou afirmando de vez a importância do futebol para o povo brasileiro; assim, esse esporte consolidava-se como parte da cultura e da identidade do povo.

Depois da derrota futebolística em 1950, os brasileiros foram às urnas novamente escolher seu presidente. Getúlio Vargas candidatou-se e foi eleito presidente de um país que ainda se

consolidava como nação. O segundo governo de Vargas foi bem mais complicado que o anterior. Sem o autoritarismo de uma ditadura, ele precisou enfrentar a oposição e os problemas que geravam instabilidade política, econômica e social.

Foi em meio a essa crise que o Brasil, ainda traumatizado pelo drama de 1950, foi disputar a Copa de 1954 na Suíça. Apesar do clima pessimista que marcava a seleção, Vargas fez questão de despedir-se dos atletas antes do embarque. E não perdeu a oportunidade de lembrá-los acerca da importância da vitória. Eram como soldados a caminho da guerra. Em vão. A delegação não conseguiu acalmar seus jogadores, que entravam em campo sob forte pressão e nervosismo. O país conquistou apenas o sexto lugar e a participação colocou em questão, no cenário internacional esportivo, a reputação futebolística do país, por conta de atitudes violentas contra o adversário. No retorno para casa, entretanto, os jogadores foram recebidos por uma torcida eufórica, que acusava uma campanha comunista contra a seleção (o jogo que desclassificou o Brasil foi contra a Hungria, país do bloco socialista). O ano de 1954 ainda seria longo para o Brasil, com o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto, mudando totalmente o cenário da política nacional.

Durante todo esse período, o país seguia marcado pela rivalidade interna entre o Rio de Janeiro e São Paulo, também no espaço esportivo. Os clubes nacionais cresciam a cada dia, o profissionalismo já era uma realidade totalmente estabelecida e os campeonatos regionais se afirmavam como parte da cultura de cada estado. Em 1956, Juscelino Kubitschek assumiu a presidência do país, mesmo ano em que Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange, mais conhecido como João Havelange, assumiu a presidência da CBD.

Havelange transformou totalmente a CBD e o futebol brasileiro. Advogado de profissão, foi presidente da Viação Cometa, companhia de ônibus cuja principal rota era entre as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo; e, ao assumir a entidade esportista, passou a gerenciá-la como uma empresa. O futebol assumia um papel fundamental no país, por isso era preciso administrá-lo de acordo com sua importância social. Havelange também conseguiu lidar com a rivalidade entre dirigentes paulistas e cariocas, cedendo um

pouco para cada lado. Assim conseguia manter ambas as federações sob seu controle, o que significava centralizar o poder do futebol brasileiro. Seu mandato na CBD durou até 1975, quando deixou a entidade pressionado pelo regime militar. Em 1974, chegou à presidência da FIFA, entidade máxima do futebol no mundo, posto que ocupou durante 24 anos ininterruptos.

O Presidente Juscelino Kubitschek ficou conhecido principalmente pela construção de Brasília, obra na época, e ainda hoje, bastante criticada pelos altos gastos. Naquele período, o Brasil despontava pelo mundo com sua música – a bossa nova – e parecia viver um momento positivo após longos anos. O mesmo acontecia com o futebol. Havelange impôs diversos exames médicos para os jogadores, e os resultados mostravam um reflexo da miséria do próprio país. Pela primeira vez a seleção se preparava para uma Copa do Mundo com um planejamento feito por profissionais de diversas áreas.



[JUSCELINO Kubitschek e a seleção brasileira de futebol, campeã do mundo na Copa da Suécia], 1958. (APESP - ICO MOV 15618).

Tais mudanças trouxeram resultados. O país conquistou na Copa de 1958, na Suécia, sua primeira Taça Julio Rimet. Finalmente o futebol brasileiro estava no topo do mundo. Juscelino não desperdiçou nenhuma oportunidade de utilizar a seleção a seu favor, e os jogos estavam sendo transformados em verdadeiros rituais políticos. Nas vésperas da final, ele prometeu em público a vitória. E a celebrou sem limites, sendo o único na festa oficial no Palácio do Catete a beber champanhe direto do troféu. Além disso, chegou a prometer emprego público e financiamento habitacional para os jogadores, o que nunca foi concretizado.



[O PRESIDENTE da República Juscelino Kubitschek comemora com a seleção brasileira a conquista da taça Jules Rimet], 1958. (APESP - ICO UH 1587 066).

De fato, a Copa do Mundo foi o primeiro grande momento de interação entre Juscelino e a população, já na metade de seu mandato. Mas o Presidente soube utilizar o evento para muito mais que uma aproximação popular. Certa vez confessou a Havelange: “Durante a Copa do Mundo na Suécia, substituí vários ministros e não houve uma única palavra a respeito nos jornais. Estou pensando em fazer novas mudanças no futuro próximo. Qual é a data da

próxima Copa do Mundo?” (KUBITSCHKEK, *apud* AGOSTINO, 2002, p. 152). Juscelino entendeu bem os benefícios que o futebol poderia trazer para o governo. Porém, isso não foi suficiente para garantir sua popularidade, pois não foi capaz de eleger seu sucessor.

Após Juscelino, assumiu a presidência no Brasil o controverso Jânio Quadros. Seu vice-Presidente era João Goulart, conhecido como Jango, ex-Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas em 1954, e muito temido pelas elites liberais, que o acusavam de comunista². Jânio governou por pouco tempo, mas o suficiente para gerar muita polêmica. Seu maior problema foi a contradição entre política interna – bastante conservadora, que proibia, por exemplo, o uso de biquínis nas praias e as brigas de galo – e a



[JANGO, Garrincha e Castilho no embarque da seleção brasileira para o Chile], 1962. (APESP - ICO UH 1570 001).

2 Naquela época, as eleições para Presidente e vice eram votadas separadamente, ou seja, eles não precisavam ser necessariamente candidatos por uma mesma legenda.

externa – considerada liberal demais, já que condecorou o socialista Yuri Gagarin e o líder revolucionário Ernesto Che Guevara. Com apenas nove meses no poder, Jânio renunciou à presidência. João Goulart estava em missão oficial na China e, ao retornar ao país, não pôde assumir seu cargo. O Brasil vivia uma grave crise institucional que foi momentaneamente resolvida com a instauração do sistema parlamentarista: Jango era o Presidente, mas o poder, de fato, quem tinha era o Primeiro Ministro, Tancredo Neves. Foi nesse quadro de crise e instabilidade que o a seleção brasileira de futebol partiu para o Chile, a fim de lutar pelo bicampeonato em 1962.

Durante a Copa, a delegação brasileira e a CBD mostraram que a relação poder-futebol podia ser uma via de duplo sentido. Frente à expulsão de Garrincha na semifinal e à possibilidade concreta de o craque ficar fora da disputa final contra a Tchecoslováquia, os dirigentes do futebol entraram em contato com o Primeiro Ministro solicitando que ele fizesse um pedido oficial à FIFA pela liberação do jogador. O caso até hoje não foi totalmente esclarecido, mas Garrincha jogou a final e o Brasil foi bicampeão, vitória que, para Jango, se deu no momento ideal, com a onda de patriotismo que atingiu o país. Os jornais da época registravam a recepção presidencial e a festa do Presidente com os jogadores, como mostrou o *Correio Brasiliense*: “‘Você cumpriram a promessa de trazer a Copa’, festejou Jango para Nilton Santos e Didi, que responderam: ‘Fizemos pelo senhor’. E então o presidente ergueu a taça ao lado de Zagalo, como se fosse um integrante da seleção.” (GUTERMAN, 2009, p. 145).

Assim, Jango, como seus antecessores em outras Copas, tomou conhecimento do poder que o futebol teria para fortalecer uma via de diálogo com a população que não fosse pela política, e soube utilizá-lo a seu favor. O auge do uso dessa lógica foi durante a ditadura civil-militar, especialmente na conquista do tricampeonato em 1970.

Passada a euforia da conquista, a população foi às urnas e decidiu no voto pela volta do Presidencialismo, e Jango assumiu como Chefe de Estado. Mas, como a história nos ensinou, essa relação positiva do futebol com o poder ocorre em momentos específicos e geralmente é duradoura. Nesse caso, nem o bicampeonato no

futebol em 1962 conseguiu evitar o Golpe Civil-Militar de 1964. Jango foi deposto e retirado para o exílio no Uruguai. E o país do futebol vestia o uniforme militar.



[JANGO recebe os jogadores da seleção brasileira para comemorar a vitória no mundial de 1962]. *Fatos e Fotos*, Brasília, p. 2, jun. 1962.

Futebol em tempos de Ditadura Civil-Militar (1964-85)

O novo período da história brasileira, que se iniciou em março de 1964, procurou negar o governo anterior, tido como ameaça comunista à soberania e às democracias brasileiras. Porém, como seus inimigos, os novos governantes sabiam da importância do futebol na sociedade brasileira, por isso não deixariam passar nenhuma oportunidade de utilizar o esporte do povo a seu favor.

Uma das primeiras medidas no campo esportivo foi o cancelamento por parte da CBD de um amistoso contra a União Soviética, uma tentativa do governo anterior de tentar uma aproximação diplomática através do esporte, que não interessava aos militares. Estes sabiam muito bem da sua posição no mundo bipolarizado da Guerra Fria, ao lado do bloco capitalista. Diferente do que aconteceu com ministérios, governos e entidades de maneira geral, o presidente da CBD, João Havelange, manteve seu cargo. Havelange já mostrava parte de sua personalidade que se destacaria em seus anos de presidente da FIFA, sua capacidade de adaptação a qualquer sistema político.

Com apenas dois anos de regime e ainda com a esperança popular de que os militares faziam nada mais que uma transição, a seleção brasileira foi brigar pelo tricampeonato nos gramados ingleses em 1966. Antes da viagem, Castello Branco seguiu o ato de seus antecessores e recebeu os jogadores, demonstrando seu apoio e confiança no time. Mas a participação brasileira seria uma verdadeira vergonha, até hoje a pior em todas as Copas. A derrota certamente não foi bem recebida pelos militares, que decidiram organizar uma comissão para investigar o fracasso. Havelange sentiu a pressão dos generais, e, a partir de então, a CBD se moldava cada vez mais ao estilo militar, o que ficou conhecido como a militarização da CBD e da delegação. As devidas providências foram tomadas pensando-se na Copa seguinte, que aconteceria em 1970, no México.

Em 1969, com a doença e posterior falecimento do Presidente Costa e Silva, foi eleito pelo Colégio Eleitoral o General Emílio Garrastazu Médici, após o governo temporário de uma Junta Militar. Com Médici, as relações entre política e futebol se

intensificaram. O general era um fanático pelo esporte e fazia questão de divulgá-lo, assim como a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial. Para a AERP, o dueto “futebol e Médici” caiu como uma luva na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores populares. A seleção também seria bastante utilizada, principalmente após a conquista do tricampeonato, quando associou-se a vitória em campo ao próprio modelo de país.

Um importante momento para Médici foi o milésimo gol de Pelé em 1969. Após o feito –que ocorreu em uma partida entre o Santos e o Vasco da Gama, no Maracanã, na qual o ídolo marcou o gol de pênalti –, Pelé foi recebido pelo Presidente em Brasília, e dele ganhou uma medalha de mérito nacional e também o título de comendador. O atleta ainda desfilou pelas ruas da capital em carro aberto e virou selo comemorativo.

Em abril de 1970, foi inaugurada a Loteria Esportiva. A proposta conciliava sorte e futebol, e abria a possibilidade de mobilidade social para todos. Como incluía jogos de todo o país, fazia com que todos os resultados interessassem a toda a população, contribuindo para uma integração nacional. O futebol foi uma importante ferramenta nesse projeto de integração, e o televisor foi parte desse objetivo. A TV consolidou-se como principal meio de entretenimento, de comunicação e de informação para a sociedade brasileira, principalmente em se tratando da classe média e da elite, nas décadas de 1960 e 1970. Durante o “Milagre Econômico” do período Médici, um dos focos da propaganda oficial foi o aumento momentâneo do poder de consumo da população, e um dos exemplos disso era a compra de televisores. Assim como o teve um papel fundamental para o governo de Getúlio Vargas, a televisão serviu para os militares como forma de levar e impor seu projeto nacional à população.

As eliminatórias para a Copa de 1970 foram disputadas sob o comando do polêmico técnico João Saldanha. Apesar da exitosa campanha, o técnico –assumidamente comunista –, após a classificação, entrou em conflito com membros da delegação, com Pelé, e dizem que até com o próprio Presidente. Em março de 1970, Saldanha foi demitido e quem assumiu o cargo foi o ex-jogador Zagallo.

Érico Veríssimo e Jorge Amado comandam reação contra censura

1 Os dois romancistas mais populares do Brasil tomaram uma posição conjunta: não submeterão os seus livros à censura prévia. Numerosos escritores, inclusive o presidente da Academia de Letras, apóiam esta resolução.

2 O Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil decidiu ontem enviar ao Presidente da República e ao Ministro da Justiça um memorial pedindo a revisão do decreto que instituiu a censura prévia. A decisão foi unânime. (Página 5)



Começou a arrancada do Vasco: Tião foi o gigante

O Vasco saiu a campo para vencer a Olaria (foto) por 2 x 1, ontem à noite no Maracanã, pelo Taça Guanabara. Tião, com dois gols, foi o herói vasco. O outro do Olaria, seu ex-pêlo de campo aos 25 minutos de segundo tempo. Na preliminar, também pela primeira rodada do Taça, o America derrotou o Bonassuco por 1 x 0. (Página 9)

COMPLÔ

PARA DERRUBAR JOÃO SALDANHA

Último
minuto

Bombas contra racismo

LAMAR (Carolina do Sul) — Cavalheiros da polícia estadual recorreram ontem a casetes e bombas de gás lacrimogêneo para conter uma multidão de brancos que tentava atacar crianças negras que se dirigiam a uma escola frequentada por maioria branca.
Mais de 200 homens e mulheres brancos esbarbaram os vidros de três ônibus em que se encontravam 39 escolares negros. Os cavalheiros conseguiram dispersar a multidão, dando tempo a que as crianças descessem do ônibus e entrassem no prédio da escola.
Foi o maior ato de violência racial no Sul dos EUA desde que o Juiz Federal Clement Haynsworth determinou a total integração racial em todas as escolas da região.

Uma cidade em pânico

POZZUOLI (Itália) — As operações de retirada dos dez mil habitantes de Pozzuoli, cujo solo está subindo, tiveram de ser suspensas em consequência da violenta chuva que desabou durante a noite. Pozzuoli, pórtico romano em que desembarcou o Apóstolo Paulo e terra natal de Sophia Loren, está sendo evacuada há 48 horas.
A maioria dos habitantes abandonou suas casas, temendo o lentíssimo de elevação do solo. Entretanto, milhares de outros desafiam a ordem de partida dada pelas autoridades. Centenas de lavadeiros entraram em choque com a polícia durante comícios-relâmpago organizados em frente à Prefeitura. Afirmação: os manifestantes que preferiam morrer em seus pobres cabanos. (AFP-UPI)



A trama parte de grupos paulistas e a canção que defendem interesses ultratrabalhísticos. E hoje, com o Seleção eliminando a Argentina em Pôrto Alegre, o técnico João Saldanha está muito amado do que nunca. Tudo o que se ouve desde então foi contado em reportagem denunciar de ÚLTIMA HORA, na página 10.

Hippies em festa: — É a liberdade

Mas, antes, os 21 "alunos do sul" ouviram uma longa preleção do Delegado Inocência Vasconcelos: "Viva com Deus, meus filhos. Mas se vocês insistirem em fazer ngomeres ou acompanharem, votem para cá". Na foto, como foi a festa dos hippies. (2.ª Cad.)



Terra se levanta na Itália

O pânico está estampado na face dos moradores de Pozzuoli que estão sendo evacuados à pressa. Enquanto a Terra se move em sucessivos tremores, chove torrencialmente dificultando os socorros. (Radiotele UPI—UPI)



Vício tem 70 supermercados

A foto mostra uma das bocas que funcionam no Rua General Severiano, em Botafogo. É isto o repatório de hoje de Pôrto Alegre que continua a sua viagem no fundo do mistero das drogas clandestinas. (No 2.º Caderno)



Albernathy: — Chorei no Rio

O Pastor Ralph Albernathy, sucessor de Luther King, disse em entrevista que chorou no Rio, convulso de mesma pena e emoção que o líder negro experimentou nos Estados Unidos ante a miséria das crianças. (Página 8)

GOVERNO TEM SEGRÊDO DAS GRANDES FORTUNAS

COMPLÔ para derrubar João Saldanha. Última Hora, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5739, 4 mar. 1970.

O Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, cujo ministério também era responsável pelos esportes, afirmou que a situação e a crise na seleção afetavam diretamente o país; portanto, por se tratar de uma questão de interesse nacional, ele exigia explicações. Havelange foi convocado para conversar com o próprio Ministro; com o Chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), o General Carlos Alberto de Fontoura; com o Chefe do Gabinete Civil, João Leitão de Abreu; e com o Chefe do Gabinete Militar, João Baptista Figueiredo. Foi quando a seleção tornou-se definitivamente um modelo militar, ordenada e disciplinada.

Antes da Copa, Médici também recebeu os jogadores para uma reunião de despedida, ato já comum entre os Presidentes brasileiros. Durante a Copa, Médici fez o possível para associar a imagem da seleção à do regime e à sua própria. O Presidente apareceu na televisão fazendo embaixadinhas, ligou e mandou telegramas para a delegação e no dia da vitória, com o povo nas ruas comemorando, abriu as portas do Palácio da Alvorada, a residência



[SELEÇÃO brasileira com o Presidente Emílio Garrastazu Médici], 1970. (APESP - ICO MOV 15625).

presidencial, para a população. É claro que não faltou uma grande recepção no retorno dos tricampeões, tudo muito bem registrado e divulgado massivamente pelos meios de comunicação.

Um exemplo do uso do evento pelo regime para difundir sua lógica foi o caso do sequestro do embaixador alemão Ehrenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben por um grupo armado da oposição, que ocorreu durante a Copa. De acordo com o governo, a ação dos “subversivos” gerou uma comoção tal nos jogadores no México que poderia influenciar em sua atuação nos campos. Ou seja, o regime utilizava o momento da Copa de 70 para gerar um consenso social estabelecido a partir da ideia de que os grupos armados também afetavam a seleção. Claro que os meios de comunicação divulgaram o caso de todas as formas possíveis.

Neste contexto, o caso da oposição política ao regime durante a Copa merece ser mencionado. Parte dela na clandestinidade e no exílio, parte nos porões de tortura ou no silêncio pelo medo, a oposição dividiu-se sobre que atitude tomar. A associação entre ditadura e futebol e o uso feito pelo regime do evento levou-a a refletir acerca do próprio ato de torcer. Para alguns, naquela situação particular, vibrar com os craques era o mesmo que compactuar com o regime. Mas a maioria cedeu ao encanto do espetáculo de Pelé



[O PRESIDENTE Emílio Garrastazu Médici ergue a taça Jules Rimet que o Brasil conquistou definitivamente], 1970. (APESP - ICO UH 0798).

e seu grupo nos gramados. O futebol era parte da identidade do brasileiro e não do regime, sendo que a condenação que faziam era em relação ao uso da imagem da seleção feito pela ditadura.

O governo fez questão de destacar o Planejamento México, plano de treino elaborado para a seleção antes da Copa, que incluía aclimatar-se na altitude das cidades mexicanas. Destacou-se a disciplina militar, o trabalho e o esforço, com o objetivo de associar a vitória ao próprio modelo de sociedade que o regime pregava, tudo baseado na lógica militar. Talvez essa grande associação entre militarização e vitória explique porque hoje a memória social prefere “esquecer” o trabalho técnico que levou a seleção à conquista. Hoje o mérito é praticamente do jogo bonito dos jogadores, sem considerar o esforço feito por eles e pela comissão técnica para atingir o nível atlético visto em campo.

Essa associação entre preparação técnica e vitória permitia aos militares associar também a vitória a uma suposta vocação brasileira para cumprir os projetos do país, e, assim alcançar o lugar de potência internacional. Tudo, claro, desde a lógica desenvolvimentista do projeto militar. É interessante perceber aqui elementos utilizados anteriormente na associação que se faz entre futebol e nação, como no caso da Copa de 1950. Ou seja, o que os militares faziam era uma reutilização de um ufanismo e de um otimismo anterior, porém preocupados em não associar seu projeto à herança populista³. Assim, na década de 1970, consolidou-se o futebol como “mania nacional” e a imagem do Brasil como “país do futebol”.

O uso político do futebol não se limitou à Copa do Mundo. Conscientes do potencial do esporte para os objetivos de seus projetos, os militares decidiram ir mais longe. Foi assim que em 1971 o futebol ultrapassou os domínios locais com a realização do primeiro Campeonato Brasileiro, tornando-se de vez um grande investimento com benefício político. O novo campeonato foi um

3 Essa é uma ideia de Carlos Fico (1997), que analisa o otimismo da época militar como uma reprodução de épocas anteriores.

sucesso, e resistiu até o fim do regime; porém foi constantemente um espaço de disputas políticas, tanto para o governo como para os clubes e seus dirigentes, como veremos ao longo deste trabalho.

A história parecia seguir o caminho planejado pelo governo, até que em 1973 uma crise mundial atingiu fortemente a economia brasileira, e o sonho do “Milagre” terminava. Foi nesse clima de mais uma derrota no projeto nacional que os brasileiros viveram a Copa de 1974, na Alemanha Ocidental. O discurso de “país potência” já não refletia nem a realidade da seleção nem a do país.

A seleção foi à Copa segura de seu sucesso. A militarização da delegação só aumentava, atingindo seu auge em 1978. A derrota não foi bem vista pelos militares, que necessitavam dela mais do que nunca para melhorar sua imagem. Ao retornar ao país, as coisas ficariam cada vez mais complicadas internamente para o presidente da CBD, João Havelange.

Após anos de campanha, que incluíram viagens pelo mundo e apresentações do time do Santos em diversos países, João Havelange finalmente alcançou a presidência da FIFA em 1974. Em janeiro de 1975 foi afastado da CBD, que passou a ser dirigida pelo Almirante Heleno Nunes, fato que intensificou a militarização do futebol brasileiro. Cada vez mais o esporte era centralizado nas mãos do regime, que na época aprovou uma lei que impedia que os grandes clubes controlassem o calendário futebolístico, com cada federação ganhando o direito a um voto. Assim, o governo conseguiu o apoio das regiões com menos peso e tradição no futebol nacional. A principal consequência da mudança foi o aumento do número de clubes nos campeonatos. O regime conseguia atuar diretamente na presença ou não de determinados clubes, e foi na época da

Você sabia?

Durante a Primeira Guerra Mundial, com o futebol feminino em destaque, Ada Anscombe, principal jogadora do Porsmouth Ladies, foi negociada por um time masculino numa troca que envolveu dois jogadores homens.

administração de Heleno Nunes que ficou conhecido o jargão “Onde a Arena vai mal, um time no nacional”⁴, em referência ao aumento de participantes no Campeonato nacional.

Mas as coisas se complicariam tanto para o regime como para o futebol brasileiro. Em 1978, a Copa seria realizada na Argentina – país vizinho que vivia uma ditadura militar –, que não poupou esforços para realizar o evento e para conseguir a vitória. No Brasil, a delegação brasileira estava mais militarizada do que nunca, desde o presidente da CBD, Heleno Nunes, até o técnico, Cláudio Coutinho. Os militares brasileiros talvez não tenham se esforçado tanto como seus pares argentinos, mas também procuraram garantir a vitória. Em um dos jogos decisivos, Heleno Nunes fez uma intervenção direta na escalação do time, e, por esse motivo, conseguiu um resultado positivo. Sem nenhuma derrota, os brasileiros voltaram para casa com o terceiro lugar, pois perderam a oportunidade de disputar o título no saldo de gols para a rival Argentina (que, para a felicidade do seu regime, consagrou-se campeã). Cláudio Coutinho declarou que os brasileiros eram os campeões morais do torneio, que ficou marcado por suspeitas de suborno por parte do governo local. Foi a primeira Copa de Havelange como presidente da FIFA, que preferiu ignorar as acusações internacionais de violação dos direitos humanos contra o governo argentino, feitas por diversos organismos e até pelo governo dos Estados Unidos. Para Havelange, isto não tinha qualquer relação com o mundo do futebol.

Em 1979, o regime brasileiro desgastava-se cada vez mais em uma crise institucional e econômica. No mesmo ano, a Lei da Anistia permitiu a volta ao país de muitos perseguidos políticos que foram exilados devido à repressão. Mas a Lei também serviu para evitar o julgamento dos militares acusados de torturas e assassinatos

4 O período ficou marcado pela entrada de diversos times sem tradição nacional ou mérito no Campeonato por questões políticas, sendo que o torneio chegou a ter 94 clubes em 1979. A lógica funcionava de maneira simples: se o partido oficial, a Arena, estivesse com pouco apoio em uma região, seus políticos incluíam times locais no Campeonato Nacional e, com isso, conquistavam uma certa simpatia do povo. Era um exemplo da intervenção do regime no espaço futebolístico.

durante o regime. De fato, ela era um reflexo da abertura política feita pelo governo: “lenta, gradual e segura”.

No futebol também ocorreriam importantes mudanças. Em setembro de 1979, a CBD foi extinta e criou-se a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), da qual o empresário Giulite Coutinho foi o primeiro presidente. O Campeonato Brasileiro estava inchado, com 80 times disputando o título, resultado do uso político do evento pelos militares. Coutinho reestruturou o futebol brasileiro, tentando separá-lo um pouco da política nacional. Assim, em 1980, o Campeonato teve apenas 44 equipes.

Na passagem dos anos 70 para os 80, o Brasil vivia a ânsia da abertura política. No campo esportivo, o Flamengo de Zico conquistava o Campeonato Mundial de Interclubes. O futebol brasileiro parecia reencontrar tanto a vitória como o jogo bonito que o fez mundialmente famoso. E esse sentimento era o mesmo pelo qual passava a sociedade, com as eleições livres para governador marcadas para 1982. Foi nesse clima de luta pela liberdade e restabelecimento do sistema democrático no país que o futebol brasileiro viveu uma experiência inédita que o marcou, e também a própria sociedade, a *Democracia Corinthiana*.

Os democratas do Parque São Jorge⁵

No início da década de 1980, o Brasil vivia um período de abertura política, que, de acordo com os próprios militares, acontecia de forma “lenta, gradual e segura”. Em 1979, com a Lei da Anistia, muitos exilados políticos regressaram ao país, incentivando a luta por maiores liberdades. Foi também nesse período, mais precisamente no final de 1980, que foi reinstalado o pluripartidarismo no país. Para completar esse quadro, em 1982, ocorreriam pela primeira vez, desde 1964, eleições diretas para governador dos estados.

Foi nesse clima, em total sincronia com o processo de abertura pelo qual passava o Brasil, que um dos principais times do país viveu uma também histórica experiência que ficou conhecida

5 A principal referência bibliográfica para esta seção é a obra de Sócrates e Ricardo Gozzi, *Democracia Corinthiana – A utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002

DEMOCRACIA



Corinthiana

São Paulo, Março de 1987

EDIÇÃO ESPECIAL

SALVE O CORINTHIANS



**Vote no futuro,
na alegria,
na Democracia!
Vote
Orlando e Borbolla**

Agora, chega!

De novo as histórias do Corinthians e do Brasil se confundem. O clube e o país parecem desanimados, sem perspectivas, como se a esperança virasse cansaço por tantos enganos cometidos. O Corinthians e o Brasil precisam recuperar a alegria, espantar o pessimismo, vencer a incompetência.

Corinthians e Brasil criaram o hábito de comemorar juntos suas conquistas. Se o país pára e se abraça e se alegra em suas datas históricas, o clube junta ao verde-amarelo seu branco e preto, ganha os troféus que disputa, empresta o Parque São Jorge para sede da alegria. Foi assim em 1922, de novo em 1954, será em 1989, quando esta República for centenária.

E não há egoísmo. Se a festa começa no Parque, ela vira logo nacional, sem dono. Como é possível haver donos do Corinthians, do Brasil?

Na verdade, é possível. E a explicação deve ser encontrada na validade. Tem gente que não se conforma em somar, fazer parte, ser mais um dos tantos integrantes da Nação Corinthiana e da Nação Brasileira. Querem decidir sozinhos, posar como autores da nossa alegria, proprietários do que já é nosso.

Se conseguem a proeza, eleitos por pequenos colégios, iludindo com promessas, comprando com favores, logo tropeçam na evidência; ninguém é dono do que é de todos. Para manter o poder, os vaidosos então se dividem: tornam-se autoritários alguns: mostram sua incompetência e arrogância os outros. Juntam-se nos métodos: desprezam as críticas, afastam os críticos, iludem, mentem, traem.

E contra autoritários e incompetentes, o remédio infalível é a Democracia, o voto direto, a eleição direta.

Ao menos para a Nação Corinthiana, chegou a hora. É possível, pelo gesto simples e pacífico de um papel posto na urna, julgar competência de quem se pretende capaz de manter o Corinthians onde estava, há dois anos, herói de estádios e ginásios, recordista em rendas e público, assunto onde se falasse em esporte, e até novela de televisão.

Chegou mais longe, o Corinthians, porque o Brasil precisava que chegasse: o clube se tornou uma força auxiliar para que as mudanças fundamentais fossem feitas. A Democracia Corinthiana virou moda e exemplo, mostrou ser possível vencer em liberdade.

Se não foi possível há dois anos prosseguir a experiência democrática, tornou-se importante a observação do que viria. Arbitrio e incompetência, derrotas seguidas, decisões desastrosas tomadas a portas fechadas em nome da boa intenção, da honestidade.

Seria de se esperar que os bem intencionados fossem honestos mesmos e salssem, envergonhados! No entanto, eles teimam em continuar: é que sobra vaidade.

Mas não há mais tempo para vaidosos, menos ainda para incompetentes. O Corinthians e o Brasil precisam de competência!

A Democracia Corinthiana está unida e, de novo, pronta para a luta. Chegou o tempo de devolver o Parque São Jorge a todos os corinthianos, e o Corinthians ao lugar que é seu no esporte deste país. Com liberdade, coragem, porta aberta, inteligência, orgulho. Como o Brasil, nós corinthianos somos Nação de vencedores. Suportamos dois anos de mentira, incompetência e arrogância. Agora, chega!

SALVE o Corinthians. *Democracia Corinthiana*, São Paulo, mar. 1987. Edição Especial.
(Capa). APESP.

como *Democracia Corinthiana*. Incentivados e liderados pelo “Doutor” Sócrates – Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, assim chamado por seus companheiros por ser, além de jogador de futebol, médico – e pelo diretor de futebol Adílson Monteiro Alves, os jogadores (entre eles importantes nomes como Walter Casagrande Júnior e Wladimir Rodrigues dos Santos) e demais profissionais corinthianos decidiram que também era hora de colocar fim ao paternalismo e à rispidez que dominavam o futebol brasileiro e seus dirigentes. Assim, propuseram uma nova relação entre todos: uma democracia.

Para Sócrates, o objetivo era questionar toda a relação trabalhista do mundo do futebol e da vida dos atletas. Mas a proposta ia além: era também preciso propor soluções e formas de mudar as relações dominantes. O jogador deveria ser mais do que simples mão de obra, ele deveria participar das decisões do clube e do time, de maneira democrática, com o mesmo poder que o técnico, o diretor etc. Assim funcionava a *Democracia Corinthiana*, nas palavras do próprio Sócrates:

Tudo era votado. Essa foi a ação mais concreta do processo. Dissemos: “a partir de hoje, o que for coletivo, nós vamos votar” [...] Qualquer questão era levada a voto. Qualquer um podia apresentar um assunto para a votação. Quando viajar? A que horas viajar? Onde concentrar? Tudo era discutido. (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 67).

Outras iniciativas importantes foram o fim da concentração para os jogadores casados e a participação proporcional dos atletas nas rendas obtidas pelo clube. Aos jogadores cabia o compromisso, a dedicação e muito profissionalismo.

Sem dúvida uma iniciativa como esta teve forte oposição da maioria dos dirigentes e da mídia conservadora, que se sentiam ameaçados pela iniciativa. Afinal, o objetivo da *Democracia Corinthiana* não se limitava aos campos; os jogadores queriam mais, e lutavam por mudanças estruturais na própria sociedade brasileira: “a gente também pode transformar a sociedade por meio do futebol. É o único meio, penso, que pode acelerar o processo de transformação

da nossa sociedade porque é a nossa maior identidade cultural.

‘Vou sentir falta daqui’

Sócrates recebeu a notícia de sua convocação com a tranquilidade de quem não tinha qualquer dúvida. Mas, antes de falar em Seleção à qual deverá se apresentar na segunda-feira, falou do Corinthians. “Vou sentir uma tremenda falta disso aqui, durante os três meses em que estarei na seleção brasileira e na Copa do Mundo. É engraçado: Há um ano, eu não me sentia nem um pouco à vontade no Corinthians. Era o último a chegar e o primeiro a ir embora. Hoje acontece ao contrário. Quero ser o primeiro a chegar e quase sempre sou o último a ir embora. Sinceramente, sinto-me como se estivesse em minha segunda casa.”

Ontem, brincando à saída do departamento integrado, Sócrates comentava a respeito de sua permanência no clube: “Agora será na condição de sócio. Estamos fazendo uma série de contatos com empresas que praticamente irão patrocinar a minha permanência. Pensando bem, posso até me tornar um “cartola” do Corinthians, no futuro. Por que não?”

Todos entendem de futebol. De política, nada” (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 58).

Nesse caminho, a *Democracia Corinthiana* ultrapassou as fronteiras do futebol. Muitos artistas e pessoas públicas, corinthianos “de coração”, decidiram apoiar a campanha, como a cantora Rita Lee e o publicitário Washington de Olivetto. Este aceitou ser o novo responsável pelo marketing do clube (com a condição de que a posição não fosse remunerada), e foi quem passou a utilizar o nome *Democracia Corinthiana*, referência feita pelo jornalista José Carlos Amaral Kfourri, o Juca Kfourri. Foi justo nessa época que passou a ser permitido o uso de publicidade nos uniformes dos clubes, e Olivetto aproveitou não apenas para gerar fundos para o Corinthians, mas também para expandir as propostas do próprio movimento, com mensagens sociais e de cidadania. Uma delas foi a favor das eleições diretas para governador em novembro de 1982, a primeira desde 1964, com os dizeres “Dia 15 Vote”. Outra, simplesmente dizia “Democracia Corinthiana”. Porém, a campanha não foi bem vista pelos militares, como afirmou posteriormente Waldemir Pires, então presidente do clube: “O brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND) na época, me chamou no Rio de Janeiro e disse: ‘Você

[ENTREVISTA com Sócrates]. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 17 abr. 1982, p. 28. APESP.

não podem utilizar esse espaço para fins políticos'. Ele pediu que tirássemos a mensagem e nós o fizemos.” (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 86).

Assim, como queriam os próprios jogadores, a experiência extrapolou os limites esportivos. Muitos dos envolvidos filiaram-se a partidos políticos – é importante destacar que, mesmo em diferentes partidos, todos respeitavam as opiniões dos demais, reforçando o caráter democrático do grupo – e participaram de forma ativa do movimento conhecido como *Diretas Já!*⁶, no ano de 1983 e início de 1984, comparecendo a palanques e divulgando entre a população a luta pelo direito a eleições diretas para presidente do país. Sócrates, inclusive, afirmou que deixaria o país caso a Emenda Constitucional Dante de Oliveira (que propunha as eleições diretas) não fosse aprovada. Infelizmente, para a tristeza do país e consequentemente do nosso futebol, o Congresso não aprovou a Emenda, e Sócrates cumpriu com sua palavra e foi jogar na Itália. Era o início do fim da *Democracia Corinthiana*.

Os jogadores sabiam que, para mostrar o sucesso da experiência corinthiana, era preciso mostrar o êxito em campo. E o time conseguiu. Depois de uma década de crise e um ano crítico em 1981, o Corinthians foi campeão paulista em 1982 e 1983 (por pouco não conquistou o tricampeonato em 1984); chegou duas vezes à semifinal do campeonato brasileiro (que naquela época tinha um regulamento diferente do que conhecemos hoje), e quase conseguiu uma vaga na Copa Libertadores da América, sem contar importantes vitórias em encontros amistosos internacionais.

Mas a saída de Sócrates e a mudança na diretoria do

6 *Diretas Já!* foi um movimento civil ocorrido nos anos de 1983 e 1984 que reivindicava o restabelecimento de eleições diretas para Presidente do Brasil, proposta da Emenda Constitucional Dante de Oliveira, apresentada pelo deputado federal de mesmo nome em 2 de março de 1983. A primeira manifestação civil ocorreu em Pernambuco em 31 de março de 1983. A partir de então, diversos comícios por todo o país foram realizados, com participação de diversas figuras públicas, como a cantora Fafá de Belém, os políticos Luis Inácio Lula da Silva, Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, e jogadores de futebol, como Sócrates, entre outros. Apesar de todas as manifestações populares, em 25 de abril de 1984 a Emenda foi votada no Congresso Nacional e rejeitada.

clube, com a derrota de Adílson Monteiro Alves nas eleições de 1984, foram um duro golpe para o movimento, que não resistiu. O Corinthians retornou à estrutura anterior, autoritária e patriarcal, nos velhos moldes dos “cartolas” do futebol brasileiro, que prevalece ainda hoje.



[TORCEDORES do Corinthians], jun. 1968. (APESP - ICO UH 1589 037).

Porém, a *Democracia Corinthiana* marcou sua época, e seus méritos devem ser destacados, especialmente o papel de seus atores em um momento chave do Brasil. Nomes como Sócrates, Wladimir e Casagrande entraram não só para a história do futebol brasileiro como ficaram marcados na memória da luta democrática de nosso país.

Antes de sua retirada em 1985, os militares ainda governariam no momento de outra Copa do Mundo, a de 1982, na Espanha. O evento ocorreu na mesma época que o Corinthians mostrava ao país que democracia também se faz nos campos de futebol, e o clima de euforia contagiava a seleção. Depois de uma

década marcada pela militarização da seleção de futebol, a geração de 82 mostrava o retorno ao futebol-arte. O time liderado por Telê Santana encantava o mundo e chegou à Espanha como favorito, mas não levou o título. No ano seguinte, houve uma tragédia esportiva: a taça Jules Rimet, que o Brasil conquistou definitivamente no tricampeonato em 1970, foi roubada da sede da CBF no Rio de Janeiro e derretida. Nesse pesado clima esportivo, outra decepção na política deixaria o cenário ainda mais negativo. Em 1984, com a derrota da emenda por eleições presidenciais diretas no Congresso Nacional, o brasileiro voltou a sentir a sensação de impotência e derrota como parte de sua realidade.

Em 1985, em eleições indiretas, o Colégio Eleitoral elegeu Tancredo Neves como Presidente. Após 21 anos, os militares devolviam o poder aos civis: era o fim da ditadura e o retorno da democracia. Mesmo que feita nos moldes militares, a sociedade recebeu a notícia da transição com muitas expectativas. Tancredo faleceu antes de assumir o cargo, e, por esse motivo, a transição acabou sendo feita por seu vice, José Sarney, que esteve ao lado dos militares durante toda a ditadura como membro da Arena.

Em 1986, foi convocada uma Assembleia Constituinte que estabeleceu a nova Constituição Nacional de 1988. Naquele ano, 1986, outra Copa do Mundo foi realizada, novamente no México. A expectativa com a seleção não era a mesma da Copa anterior, apesar de o time ser basicamente o mesmo. Os tempos eram outros, e diversos fatores afetaram o desempenho da seleção, como o clima negativo na delegação. Telê Santana foi novamente técnico, mas dessa vez estava isolado dentro da comissão. O Brasil terminou desclassificado pela França, na Copa em que Maradona encantou o mundo e garantiu o bicampeonato aos argentinos.

Você sabia?

Durante a Revolução Constitucionnalista de 1932 em São Paulo, o universo do futebol também se envolveu no conflito. Os clubes organizaram coleta de bens e de dinheiro para a causa, tendo o time do Santos chegado a propor a doação de todos seus troféus.

Esse era o retrato de um país que tentava se restabelecer democraticamente depois de vinte e um anos de um regime autoritário que deixou profundas marcas na sociedade. Nem a seleção brasileira, talvez o bem maior do país, escapava do clima pessimista daquela geração:

A seqüência de derrotas daquela geração de brasileiros não era pequena. Perdeu para a Itália na Copa de 1982; depois, perdeu a taça Julio Rimet, derretida por ladrões; em seguida, perderia a emenda das Diretas Já e o presidente Tancredo Neves; finalmente perdeu para a França na Copa de 1986, encerrando um ciclo que misturava orgulho com decepção em doses cavalares (GUTERMAN, 2009, p. 223).

Chegava ao fim uma etapa histórica do Brasil e de seu futebol. Os anos seguintes seriam de consolidação da democracia e do modelo globalizado de esportes, cada vez mais dirigido pelo capital internacional. A associação entre política e futebol perderia força, e na Nova Ordem Mundial que se iniciava, o esporte nacional passaria a estar sob os interesses do marketing e de seu capital.

4

O único em todas as Copas

Desde sua fundação em 1904, o órgão máximo do futebol, a FIFA – Federação Internacional de Futebol Associado ou, em francês, Fédération Internationale de Football Association –, sonhava com a realização de um campeonato mundial de futebol. Mas as disputas do início do século XX entre amadorismo e profissionalismo nesse esporte, assim como as disputas diplomáticas entre europeus – que levaram o mundo a uma guerra de 1914 a 1918 –, acabaram adiando o desejo da entidade. Foi somente em 1930 que a primeira Copa pôde ser organizada, ainda que com a participação de poucos países. Hoje, a FIFA é uma das entidades mais importantes e poderosas do mundo, congregando 210 países, mais do que a Organização das Nações Unidas, que atualmente possui 192 membros.

As Copas do Mundo tornaram-se um grande fenômeno futebolístico, nacionalista e um ícone do mundo globalizado. A identidade nacional passa por diversos âmbitos e precisa ser constantemente renovada, e o futebol tornou-se um elemento de identificação para muitos povos, sendo um dos poucos relacionados à nacionalidade que têm alcance mundial. Dessa forma, as Copas do Mundo adquirem um sentido especial: são o momento em que a associação “seleção de futebol-nação” ganha força máxima, uma

vez que “[...] a Copa do Mundo oferece inúmeras oportunidades para que se revelem os sentimentos cívicos do povo, que através do esporte vivencia o contato com os símbolos nacionais.” (MOURA, 1998, p. 115).

No Brasil, as Copas são vividas como verdadeiras batalhas nacionais e já se tornaram parte de nossa cultura. A cada quatro anos, recriamos nossa identidade como “brasileiros” a partir da ideia do “outro”, identificada nas demais seleções. E a vitória, quando conseguida, é sempre vivida como resultado da glória nacional e parte do que somos: o país do futebol.

Não podemos deixar de destacar também que o Brasil é o único país que participou de todas as edições da Copa do Mundo organizadas até hoje. Portanto, a história do país no evento é, sem dúvida, parte da própria história das Copas e, como veremos, mistura-se com a trajetória da construção da ideia de nação no Brasil.

As primeiras Copas do Mundo: da sua inauguração ao fascismo

A primeira Copa do Mundo de Futebol foi realizada em 1930, no Uruguai. A ideia surgiu em 1928, após divergências entre a FIFA, então presidida por Jules Rimet, e o Comitê Olímpico Internacional (COI). A entidade internacional de futebol decidiu que era hora de realizar o antigo desejo de organizar seu próprio torneio. Naquela época, a FIFA ainda contava com poucos países filiados e buscava uma forma de aumentar seu prestígio. Todos os países integrantes foram convidados a participar. Da Europa: Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia; das Américas: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai, Peru e Uruguai.

A escolha da sede era outra questão. A Europa passava por uma grande crise de entreguerras. Na verdade, todo o mundo capitalista estava em crise desde 1929. O Uruguai acabou sendo o escolhido por aquele se tratar do ano de comemoração dos cem anos de sua independência, daí o nome de seu principal estádio, construído especialmente para a ocasião, o Centenário. Para as seleções europeias continuava complicado participar, principalmente em razão dos altos custos de uma viagem ao outro

lado do Atlântico. Assim, a solução foi a FIFA assumir as despesas. A Primeira Copa do Mundo tinha um grande peso para a entidade e não poderia ser desfalcada. Para ela, era a oportunidade de insistir e pressionar pela profissionalização do esporte, ainda amador na maior parte dos países membros.

No Brasil, a Copa de 1930 foi marcada pelas disputas entre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA). A entidade paulista exigia que fosse incorporado um representante seu na comissão que organizava a ida da seleção ao Uruguai, o que foi negado pela CBD. A APEA decidiu então que não liberaria os jogadores paulistas para a Copa. O conflito foi tão grave que se cogitou a intervenção do governo na associação paulista. Porém, a opção foi desconsiderada em razão do mau momento que enfrentava o Presidente Washington Luis. O resultado negativo da disputa foi visto em campo, na fraca campanha brasileira no evento.

A vitória acabou sendo uruguaia, em uma violenta final entre os donos da casa e os vizinhos argentinos. A violência não se limitou ao campo: foram necessários mais de dez mil policiais para conter as torcidas nas arquibancadas e nas ruas da capital Montevideú. Em Buenos Aires, a embaixada uruguaia foi apedrejada após o confronto. Já em sua primeira edição, a Copa do Mundo mostrava sua capacidade de despertar fortes sentimentos nacionalistas.

Quatro anos depois, em 1934, o mundo já voltava a viver momentos de tensão. Líderes do nazi-fascismo já estavam no poder, Adolf Hitler na Alemanha e Benito Mussolini na Itália, país que sediou a segunda Copa do Mundo de Futebol. Não demorou muito para que os políticos percebessem o poder dos esportes e menos ainda para que Mussolini entendesse a possibilidade de uso do futebol para a mobilização das massas. Assim, a Copa era um objetivo do próprio Estado italiano, estava muito além da vitória esportiva, tendo Mussolini comparecido a todos os jogos de sua seleção e comemorado com os camisas-negras – grupo fascista italiano – cada uma das vitórias. Ficou famosa a frase do líder aos seus jogadores no vestiário antes de uma das partidas do campeonato: “vencer ou morrer”. E os italianos, conhecidos como *Squadra Azzurra*, claro, venceram.

Para o Brasil, os conflitos internos do mundo futebolístico afetariam novamente o desempenho da seleção. Dessa vez, eram os reflexos da disputa entre amadorismo e profissionalismo, que já tanto atingira o futebol nacional. Apesar de o profissionalismo ter sido oficializado em 1933, a CBD não o reconhecia e, por isso, foi boicotada por vários jogadores e clubes, que não apoiaram a seleção. A atuação brasileira na Itália foi vergonhosa. Apesar disso, já nessa época, era possível perceber o interesse do então Presidente Getúlio Vargas pelo futebol: o chefe da delegação brasileira era Lourival Fontes, homem forte do Presidente.

No período entreguerras (1918-1938), os países europeus viram no futebol uma estratégia de aproximação com outros regimes num momento em que as relações diplomáticas ainda estavam bastante abaladas. Para os nazi-fascistas era também uma maneira de romper com o isolamento cultural. Assim, foram feitos confrontos entre as seleções da Alemanha nazista e da Inglaterra e entre clubes, como o italiano Juventus e o francês Marselha, por exemplo.

A terceira Copa do Mundo de Futebol foi realizada em 1938, na França, em um mundo à beira da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Com os ânimos acirrados, novamente o campeonato foi interpretado como uma demonstração de superioridade pelos nazi-fascistas. E novamente Mussolini celebrou a vitória de sua seleção. No jogo da semifinal contra o Brasil, após a vitória, os italianos comemoraram afirmando que era o resultado da superioridade de sua técnica sobre a força bruta dos negros brasileiros, em uma clara demonstração da lógica de superioridade racial do homem branco, vigente em grande parte do pensamento europeu.

Naquela vez, a organização da seleção brasileira foi superior à de 1934. Já era época do Estado Novo de Vargas

Você sabia?

Na mesma Copa de 1938, o artilheiro foi o brasileiro Leônidas da Silva, conhecido como "Diamante Negro". Para homenageá-lo, em 1940, uma marca de chocolates do país usou o apelido do jogador para nomear um de seus produtos, que até hoje permanece no mercado.

e o desenvolvimento do esporte estava nas plataformas do governo. A seleção representava os objetivos da ditadura, transparecendo a harmonia racial que objetivava o governo, pois contava com jogadores negros e brancos. Foi também a primeira Copa transmitida ao vivo para o Brasil pelo rádio, veículo de comunicação fortemente utilizado pelo governo Vargas.

Para os europeus, o Brasil era o time exótico e muitos se surpreenderam com importantes vitórias da equipe sul-americana contra países do velho continente, como a Tchecoslováquia e a Polônia. Apesar da derrota para os italianos, os brasileiros saíram da França de cabeça erguida e com a sensação de que tinham alguma relação mais íntima com o futebol. Despertava-se a possibilidade de esse esporte tornar-se um meio de afirmação da identidade nacional brasileira, e foi aquele o momento em que o país começou a se ver como singular a partir do futebol. Foi também quando nasceu o mito do futebol-arte do brasileiro em oposição ao futebol-técnica ou futebol-força dos europeus.

Mas o Brasil e as demais nações do mundo teriam que esperar doze anos para uma nova Copa. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939, e seu prolongamento até 1945, a década de 1940 não teve nenhuma Copa do Mundo. O encontro seguinte só aconteceria em 1950, justamente no Brasil.

As Copas “populistas”

O trauma de 1950

Em 1946, apenas um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi definida a realização da quarta Copa do Mundo. O Brasil foi escolhido como sede e o ano do torneio seria 1949. Porém, alguns anos depois, a FIFA solicitou ao Brasil que alterasse a data para 1950, pela proximidade da data definida anteriormente com os Jogos Olímpicos de Londres que estavam marcados para 1948.

A quarta Copa do Mundo significava muito mais que um evento futebolístico. Após duas guerras que devastaram o continente europeu, o universo esportivo era um espaço possível

para rivalidades controladas, por isso a importância da organização de eventos internacionais. Além disso, logo após o conflito, o mundo via surgir outro grande enfrentamento, dessa vez com maior poder no campo ideológico – o que não significou a ausência de conflitos armados –, a Guerra Fria. O mundo agora estava bipolarizado: de um lado o Capitalismo, liderado pelos Estados Unidos, e de outro o Socialismo, liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

No Brasil, o cenário internacional estava refletido no fim da ditadura Vargas em 1945 e no começo de uma nova era democrática, em que o Presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1950) declarou-se totalmente alinhado ao bloco capitalista. A realização da quarta Copa era vista pelo país como uma oportunidade de estabelecer seu lugar naquela nova lógica mundial em formação. Era a chance de mostrar que o Brasil era muito mais do que o país exótico do campeonato de 1938.

A realização da Copa colocou o Brasil no centro das atenções do esporte mundial e, por isso, era uma importante propaganda para o país. Além disso, era uma oportunidade de buscar uma nova identidade nacional, nesse caso, por meio do futebol. Reforçava-se também a imagem dos brasileiros como um povo criativo, “da malandragem”, conforme construída nas décadas de 1930 e 1940. Por outro lado, o evento também era uma forma de despertar um sentimento de coletividade, já que ainda se lutava pela integração nacional. Mas não seria tão simples organizá-lo.

O primeiro problema era definir onde seriam realizados os principais jogos. Para muitos, o Pacaembu, estádio municipal de São Paulo, era a melhor opção, já que necessitava somente de uma reforma para aumentar sua capacidade. Porém, jornalistas, políticos, dirigentes esportivos e torcedores cariocas queriam que a capital federal fosse o centro da festa. Eles defendiam uma aspiração antiga, a construção de um estádio no Rio de Janeiro que superasse o Pacaembu e que fosse o mais importante do país. Novamente aparecia de maneira forte a antiga rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo. Os cariocas argumentavam que, além de ser a capital da República, o Rio de Janeiro era a cidade da exuberância natural que conquistava os estrangeiros que a visitavam. Após muita

discussão sobre quem teria a responsabilidade do novo estádio, se o governo federal ou o município do Rio de Janeiro, decidiu-se pelo segundo e, em 1948, eram iniciadas as obras do Maracanã. Uma das maneiras encontradas para pagar a construção foi a venda de cadeiras do futuro estádio, o que também serviu para construir a ideia de participação popular, já que seriam os torcedores quem as comprariam. Mas o significado do Maracanã ia além da edificação de um campo de futebol, “[...] a construção do estádio municipal representava a própria monumentalização do projeto nacional desenvolvimentista e reforçava a atuação do povo e do governo, trabalhando juntos pelo engrandecimento do Brasil” (MOURA, 1998, p. 37). Simbolizava também a superação da suposta “preguiça” e “ócio” associados aos brasileiros.

O mundo capitalista, que incluía o Brasil, celebrava a vitória da democracia e era preciso reafirmar tal valor. A construção do Maracanã foi marcada pela busca em manter essa imagem democrática, de participação de todos em um projeto nacional¹. Assim, o fim das obras mostrava que os operários cumpriram seu papel e entregavam o estádio. Os jogadores deveriam fazer sua parte e ganhar a Copa.

O otimismo era evidente. A vitória no Sul-Americano de 1949 ajudou a crescer na população a certeza de que a seleção era capaz, de que venceria aquela batalha. O técnico escolhido foi Flavio Costa, que, cedendo às pressões do conflito regionalista, priorizava jogadores cariocas em jogos realizados no Rio de Janeiro e jogadores paulistas quando a exibição era em São Paulo. A CBD preparou-se como

Você sabia?

A Itália era uma das seleções favoritas ao título mundial antes da Copa do Mundo de 1950. Porém, um trágico acidente de avião matou 17 jogadores do Torino, clube em que jogava a maior parte da seleção. A perda ocasionou a eliminação dos italianos nas eliminatórias.

¹ Na época, o Maracanã foi oficialmente chamado Estádio Municipal Ângelo Mendes de Moraes, em homenagem ao prefeito da cidade, e posteriormente seu nome foi alterado para Estádio Mário Filho, em homenagem ao famoso cronista que tanto apoiou sua construção. Porém, seu nome popular continua sendo Maracanã, como é conhecido no mundo todo.

nunca antes, com três subcomissões, e tinha como uma das maiores preocupações a pressão que sofria a seleção.

Naquela época, a democratização do futebol já estava consolidada e o esporte era considerado um elemento de entretenimento popular. O que estava em jogo era a sua afirmação como elemento da identidade nacional brasileira. Para isso, uma das necessidades era orientar a torcida a cumprir seu papel. O governo queria aproveitar a oportunidade de mostrar ao mundo que o brasileiro era um povo civilizado, respeitoso e que não cometia excessos. Era também uma chance de mostrar a diversidade da população brasileira, representada nas arquibancadas do Maracanã.

O evento começou no sábado, dia 24 de junho, com a disputa entre Brasil e México. A seleção brasileira venceu por 4X0. O segundo jogo foi contra a Suíça, no Pacaembu. O empate em 2X2 irritou a torcida paulista, que vaiou a seleção sem piedade. A crônica esportiva, especialmente a carioca, criticou muito os torcedores paulistas, que foram acusados de não cumprirem com seu papel de apoiadores da seleção. A CBD decidiu que os próximos jogos brasileiros seriam todos realizados na Capital Federal. A rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo só aumentava e a Copa serviu para que a Capital Federal finalmente se impusesse politicamente no mundo futebolístico. Tentava-se criar, por meio disso, um sentimento nacional a partir do centro político.

A partir de então, jogando somente na capital federal, parecia que as coisas iam pelo caminho certo para os brasileiros. Contra a Iugoslávia, vitória por 2X0. O próximo adversário foi a Suécia, que a seleção brasileira nem sentiu em campo: vitória por 7X1. Depois veio a Espanha e mais um show nacional no Maracanã: 6X1, com um espetáculo à parte da torcida. Essas são as duas maiores goleadas do Brasil em Copas até hoje. Parecia que nada impediria a consagração final. E esse “nada” ficou conhecido como Uruguai.

A emoção às vésperas da final era impressionante. Para uma população majoritariamente das classes mais baixas, ver jogadores de origem comum à sua dando um verdadeiro espetáculo era quase uma vingança pela constante exploração do sistema excludente e elitista em que vivia.

A vitória era dada como certa e, na noite anterior ao duelo, a seleção brasileira saiu da concentração no Joá e foi dormir no estádio de São Januário, onde a esperavam dirigentes e muitos políticos que, em ano de eleição, queriam tirar o máximo de proveito possível da vitória. Alguns jornais, inclusive, lançaram edições com os “campeões” antes mesmo do jogo! No grande dia, o estádio estava lotado; era como se o Maracanã fosse a representação do próprio país, com toda sua diversidade. O sentimento nacional que o futebol gerava unia as diferentes classes sociais, conseguindo finalmente estabelecer uma identidade coletiva. Mas, como já sabemos, a história não teve um final feliz.

O Brasil precisava apenas do empate, e até marcou primeiro, mas os uruguaios viraram o jogo. O silêncio e a dor no Maracanã foram históricos, tanto que o presidente da FIFA, Jules Rimet, ficou sem reação ao entregar o troféu para os visitantes. Dizem que a tragédia era tamanha que os próprios jogadores adversários consolaram os membros da seleção brasileira. Era inacreditável, mas o Brasil havia perdido. Para alguns, o erro estava no fato de que o Brasil entendeu o jogo como a defesa da pátria, enquanto para os uruguaios era somente uma partida de futebol. Assim, passou-se também a criticar a associação entre nação e futebol, tão marcada durante o torneio.

**ONDE O BRASIL PERDEU O
TITULO DE CAMPEAO DO MUNDO**

NO PACAEMBU OU EM MARACANÃ?

Quem não for capaz de dar uma resposta acertada a esta pergunta ganhará uma viagem à lua, com todas as despesas pagas, inclusive as de volta.

Responda, leitor amigo, rapidamente, por especial favor, endereçando sua carta à imprensa carioca e espere sentado o resultado deste sensacional concurso.

ONDE o Brasil perdeu o título de campeão do mundo... *A Noite*, São Paulo, p. 6, 19 jul. 1950. APESP.

Você sabia?

Após a derrota para o Uruguai em 1950, o uniforme da seleção brasileira, que era branco com detalhes em azul, foi abandonado por ser considerado de má sorte. Em 1954, foi escolhido um novo uniforme cuja camisa era amarela, do que nasceu o apelido seleção canarinho.

Mas a derrota e os sentimentos que ela gerou acabaram reforçando os laços coletivos desenvolvidos ao longo do torneio. Certamente, em um primeiro momento, procurou-se por culpados, mas o tom de tragédia nacional que foi dado àquele momento acabou fortalecendo e afirmando o futebol como elemento da identidade do Brasil. Daquele ano em diante, a pátria passaria a vestir chuteiras, como disse certa vez o cronista Nelson Rodrigues.

Do Maracanaço² ao bicampeonato

O trauma de 1950 não foi suficiente para afastar o brasileiro do futebol. Ao contrário, o país sentia que agora fazia parte da elite futebolística e que precisava conquistar sua primeira Copa. Mas ainda demoraria um pouco mais. Em 1954, na quinta Copa do Mundo, disputada na Suíça, a seleção brasileira foi, para muitos, um verdadeiro vexame. Antes de embarcar, o Presidente Getúlio Vargas recebeu os jogadores e deixou claro que eles representavam o país: se eles ganhassem, ganhava também o Brasil; mas se perdessem, quem perdia de fato era o país. Estava clara a importância que o futebol assumiu para o varguismo.

Muitos problemas levaram o Brasil à derrota no torneio. Um exemplo foi a farra feita pelo goleiro Veludo e pelo zagueiro Pinheiro, que, após o primeiro jogo, a vitória por 5X0 contra o México, se embriagaram e não retornaram à concentração no horário estipulado. Também fez a diferença, novamente, a rivalidade entre cariocas e paulistas, que pesava no convívio entre os jogadores. A seleção havia

2 “Maracanaço” foi o apelido dado pelos rivais brasileiros da América Latina ao jogo da final da Copa de 1950, que terminou com a vitória uruguaia.

se preparado para a Copa como para uma guerra, em cujos treinos foram incluídas cerimônias em que se cultuava a bandeira e se cantava o hino nacional. Dos jogadores, exigia-se uma postura de guerreiros, sua atuação era comparada à dos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

Mas os problemas só aumentavam. No jogo contra a Iugoslávia, por exemplo, o empate garantia que as duas seleções fossem para a fase seguinte. Sem saber da vantagem do placar igual, os brasileiros jogaram desesperados pela vitória, porque, por pura ignorância das regras, a delegação e os dirigentes não sabiam que o empate já era suficiente. Os iugoslavos até tentaram avisar os brasileiros, mas não conseguiram se comunicar.

O pior ainda estava por vir. No jogo contra a Hungria, que era tida como favorita, os jogadores brasileiros não conseguiram se controlar em campo e, quando perdiam por 3X1, partiram para a agressão física ao adversário. Um jogador húngaro chegou a romper um músculo em uma pisada violenta de Maurinho. Se não bastasse o papelão da seleção, fotógrafos e torcedores brasileiros invadiram o campo para mais agressões.

Mas nem todos entenderam a participação brasileira desse modo. Ao contrário, a maioria dos jornais da época disse que o país fora vítima de um complô comunista (a Hungria era um país do bloco socialista), e convocou-se a torcida a comparecer ao Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio de Janeiro, para receber a seleção. Assim, entre discursos patrióticos de um lado e anticomunistas de outro, a seleção retornou ao país como heroína de uma batalha. Para piorar a crise nacional, o ano de 1954 ainda viveria outra grande tragédia popular: o suicídio de Getúlio Vargas no dia 24 de agosto.

Após a decepção com a derrota da seleção na Copa de 1954, os torcedores brasileiros não esperavam muito daquela que disputaria a sexta Copa do Mundo na Suécia. A delegação embarcou desacreditada, situação bastante comum ainda hoje antes das Copas. O técnico era Vicente Feola, que, contrariando muitos jornalistas e torcedores, apostou na convocação de um jovem jogador do time do Santos, Edson Arantes do Nascimento, que ficaria conhecido

no mundo como Pelé, o maior jogador de todos os tempos. Mas o Brasil contava também com outros grandes craques, como Vavá, Didi, Bellini e, claro, Garrincha, o “gênio das pernas tortas”.

Desde 1956, a CBD era presidida por Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange, o João Havelange, que fez importantes mudanças na entidade. Com Paulo Machado de Carvalho como chefe da delegação brasileira de futebol, Havelange impôs à entidade e, conseqüentemente, à seleção uma organização empresarial e técnica nos moldes da que aplicava em sua carreira como administrador de empresas de transporte. Os jogadores convocados para a Copa de 1958 passaram por um rígido exame médico, que resultou em 118 dentes extraídos, vários casos de anemia e verminoses, e até em um caso de sífilis. Também foi feita uma avaliação psicológica nos atletas, ato que demonstrava a preocupação da CBD com a pressão por eles sofrida. Para o



[JOGO da Copa de 1958, Brasil 1X0 País de Gales], 1958. (APESP - ICO UH 1569).

psicólogo responsável, João Carvalhaes, a maioria dos atletas não tinha condições de disputar o torneio, inclusive o jovem Pelé. Mas como esse diagnóstico não interessava à CBD, a entidade ignorou-o. O fato é que pela primeira vez era feito um planejamento para a Copa, o que também incluiu a ida do médico da seleção à Suécia para escolher as instalações da delegação.

O primeiro jogo foi contra a Áustria, o qual a seleção brasileira ganhou de 3X0. O segundo jogo foi mais difícil, contra a tradicional Inglaterra, e acabou terminando empatado, sem gols. Após essa partida, alguns jogadores reuniram-se com o técnico Feola e pediram a entrada de Pelé e Garrincha no time titular, pedido que foi concedido. No último jogo da primeira fase, o Brasil enfrentou a URSS e venceu por 2X0. Nas quartas de final, o Brasil venceu o País de Gales por 1X0. Na semifinal o adversário foi a França, e a vitória da seleção canarinho foi por 5X2. Felizmente, na grande final contra os donos da casa, o Brasil repetiu o placar anterior e consagrou-se, finalmente, campeão do mundo. Analisando os textos sobre o futebol brasileiro e a identidade nacional de alguns cronistas da época, como José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, percebe-se que, para esses autores, o fracasso do Brasil nas Copas anteriores a 1958 teria sido resultado da falta de organização das instituições e dirigentes brasileiros³.

Era época do governo de Juscelino Kubitschek, na qual o Brasil parecia recuperar-se das tragédias anteriores e vivia momentos de otimismo com a construção da nova capital (Brasília), com a efervescência da bossa nova e também com a glória futebolística. Nesse contexto, surgia para o mundo Pelé, o rei do futebol, no país que então, mais do que nunca, se considerava o “país do futebol”. Nascia também a seleção que seria o símbolo do futebol-arte. Nas ruas, com a vitória, o povo não se cansava de comemorar e cantar:

3 No livro *Com brasileiro, não há quem possa!* Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, Fátima Antunes analisa os três autores e propõe esta visão comum sobre os fracassos brasileiros até 1958.

A Taça do Mundo
É nossa!
Com brasileiro,
Não há quem possa!
Eceta esquadrão de ouro
É bom de bola
É bom de couro!
(Wagner Maugeri; Lauro Müller; Maugeri Sobrinho; Victor Dagô *apud*
AQUINO, 2002).



[A FESTA da vitória], 1958. (APESP - ICO UH 1587 010).

Na sétima Copa do Mundo, disputada no Chile em 1962, o Brasil participou praticamente com a mesma seleção campeã do torneio anterior, mas dessa vez treinada por Aymoré Moreira, porque Feola tinha sofrido uma infecção renal. A situação do país era tensa. Em 1961, o Presidente eleito Jânio Quadros renunciou à Presidência gerando uma grande crise sucessória. O Vice-Presidente João Goulart foi impedido de assumir o cargo e a questão foi temporariamente resolvida com a instauração do Parlamentarismo, com Jango como Presidente e Tancredo Neves como Primeiro Ministro. Portanto, quando a seleção foi ao Chile em 1962 em busca do bicampeonato, o clima político era de radicalização, e para Jango a vitória seria muito bem vinda. Mas ele não era o único que tinha intenção de se beneficiar com os méritos da seleção de futebol. Assim como o Presidente, seu inimigo político e Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, visitou a seleção antes da viagem rumo à Copa⁴.

Para os brasileiros, a emoção também era grande. Apesar da crise política e social, a Copa foi vivida com entusiasmo. Afinal, o futebol já era um forte elemento de nossa identidade nacional. A venda de rádios e transmissores aumentou em 100%, e tanto o Presidente quanto o Primeiro Ministro suspenderam suas atividades para ver os jogos.

No primeiro jogo, contra o México, os brasileiros venceram por 2X0. Na segunda partida, dessa vez contra a Tchecoslováquia, houve um empate sem gols, mas também veio uma notícia que soava como derrota: Pelé machucara-se, e por conta disso, estava fora da Copa. Coube a Amarildo substituí-lo. O jogo seguinte foi a vitória de virada

Você sabia?

Em razão do "troca-troca" de jogadores entre as seleções – pois bastava ter mais de uma cidadania para tanto –, na Copa de 1962 decidiu-se que, a partir do evento de 1966, um jogador só poderia jogar por determinada seleção se nunca houvesse representado outro país em jogos oficiais. Um exemplo de como isso era comum: na Copa do Chile (1962) o jogador Mazola defendeu a Itália; antes, em 1958, havia sido campeão com a seleção brasileira.

4 Naquela época, a cidade do Rio de Janeiro, que recém deixou de ser a capital federal, era ainda um estado autônomo.

sobre a Espanha com o placar final anotando 2X1. Depois veio a Inglaterra, que, como sempre, era um grande adversário, mas não foi um problema para os craques brasileiros: placar de 3X1.

O jogo da semifinal foi contra o Chile, e, apesar da vitória da seleção brasileira por 4X2, a partida ficou marcada por uma polêmica: a expulsão de Garrincha no final do segundo tempo. Era impensável disputar a final sem o grande craque, já que o Brasil também não podia mais contar com Pelé. A delegação brasileira apelou até ao Primeiro Ministro, pedindo a Tancredo Neves que entrasse em contato com a Comissão Disciplinar da FIFA e intercedesse por Garrincha. Muito se diz sobre o que a delegação brasileira, a CBD e até o governo nacional fizeram para garantir o craque na final, incluindo subornos ao juiz peruano da partida e ao bandeirinha uruguaio. O fato é que Garrincha entrou em campo. E o Brasil, apoiado pela torcida chilena que queria a vitória na mão de um latino-americano, venceu a Tchecoslováquia por 3X1 e consagrou-se bicampeão mundial de futebol no dia 17 de junho.



[SELEÇÃO Brasileira de 1962]. (APESP - ICO UH 1570 009).

Na volta para o Brasil, os interesses políticos marcaram as comemorações. Segundo João Havelange, o Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, esperava a seleção para uma comemoração em carreata pelas ruas cariocas. Mas Havelange recebeu um pedido do Presidente para que os campeões passassem primeiro por Brasília, para serem recebidos por ele. O pedido não foi negado e na recepção de Jango não faltou festa com os jogadores. Quando a seleção desembarcou no Rio de Janeiro já era tarde da noite, frustrando os planos de Lacerda.

João Goulart havia sido jogador de futebol, inclusive zagueiro no time juvenil do Internacional de Porto Alegre, mas não seguiu a carreira em razão de uma contusão. Entretanto, não há dúvidas de que seu interesse ia além do esportivo e o Presidente fez o possível para associar sua imagem à da seleção campeã. Como sabemos, o futuro mostraria que o futebol, apesar de seu poder social, não é suficiente para segurar um governo. Em 1964, Jango foi deposto, e, nas seguintes cinco Copas do Mundo, o Brasil estaria sob regime militar.



[JOGO da copa de 1962, Brasil 3X1 Tchecoslovaquia. Brasil Bicampeão]. (APESP - ICO UH 1570 014).

As Copas dos militares

Com forte apoio de parte da sociedade civil, os militares depuseram o Presidente João Goulart e instauraram, por meio de um golpe de Estado, um novo regime, liderado por eles mesmos. O país não imaginava que seriam longos 21 anos até o retorno da democracia. Numa linguagem futebolística, foram cinco Copas do Mundo, uma delas selando o tricampeonato.

Porém, na primeira Copa que a seleção disputaria sob a conjuntura da nova ditadura, na Inglaterra em 1966, o resultado foi bastante negativo. O otimismo marcava a participação brasileira, que contava com Pelé e Garrincha no elenco, e com o retorno de Vicente Feola à posição de técnico. O time estava muito confiante, porém mal preparado, o que interferiu diretamente em sua apresentação na Copa.

A seleção venceu o primeiro jogo contra a Bulgária por 2X0. No segundo, sem Pelé, machucado na partida anterior, perdeu por 3X1 para a Hungria, o que significava que a seleção precisaria vencer o próximo adversário, o forte time de Portugal, para manter vivas as chances de classificação. Mas a seleção canarinho perdeu e deu adeus ao sonho do tricampeonato ainda na primeira fase da Copa.

A Copa foi vencida pelos ingleses, favorecidos pelos árbitros durante todo o torneio. O evento ficou marcado pela violência em campo e também pelo confronto entre dois modelos de futebol: o futebol-arte, jogado pelos latino-americanos, e o futebol-força, jogado pelos europeus. A vitória inglesa e a derrota brasileira levaram à crença, muito difundida na época, de que a técnica europeia finalmente superava a arte do futebol da América Latina. Ou seja, se quisesse voltar a vencer, o Brasil teria que ceder ao futebol-força.

Ao retornar ao Brasil, a seleção foi escoltada pelo Serviço Nacional de Informações no desembarque. A derrota foi levada tão a sério pelos militares que foi organizada uma Comissão para investigá-la; tudo seria feito para impedir um novo fracasso. Anos depois, alguns jogadores e parte da comissão técnica assumiram ter sofrido pressões externas à delegação durante o campeonato.

Feola disse que a decisão de alterar a escalação do time contra Portugal não foi sua, mas de terceiros. O futebol adquirira um poder imenso para os políticos brasileiros, especialmente por sua capacidade de mobilizar as massas. Os militares não deixariam de se aproveitar disso.

É interessante perceber como a culpa caiu toda sobre a CBD e a delegação, inclusive sobre os atletas. Apesar de o Presidente Castello Branco ter cumprimentado os jogadores antes da viagem, o regime foi totalmente desassociado da derrota. Mesmo assim, os militares não pretendiam que o fracasso se repetisse. Dessa maneira, investiram todas suas apostas na Copa seguinte.

A Copa de 70

Em 1970, o Brasil era governado pelo General Emílio Garrastazu Médici. Foi a época de maior repressão e violência política, muitos opositores exilaram-se ou foram torturados; em alguns casos, eram até assassinatos ou simplesmente desapareciam. Desde o Ato Institucional nº 5, promulgado em 13 de dezembro de 1968, o governo tinha plenos poderes para atuar contra aqueles que considerasse uma ameaça à ordem e à “Revolução”. Em outras palavras: o regime deu-se o direito legal de perseguir a oposição. Foi nesse clima que a seleção se classificou para a Copa ainda em 1969 e se consagrou tricampeã no ano seguinte.

A seleção conseguiu a classificação sob o comando de João Saldanha. O jornalista João Alves Jobin Saldanha era ex-técnico do Botafogo do Rio de Janeiro, conhecido principalmente por ser um dos maiores críticos da seleção, além de comunista assumido, ou seja, exatamente o que os militares condenavam. Sua escolha como técnico até hoje não foi de todo esclarecida. A versão mais aceita é a de que João Havelange concordou com a escolha de Saldanha por duas razões: a primeira, para acalmar a imprensa, que tanto atacava a seleção, colocando logo um dos maiores críticos como técnico; a segunda seria por conta de sua popularidade. A medida, claro, gerou insatisfação por todos os lados, como também em outros treinadores que visavam o cargo e nos dirigentes paulistas, inconformados com a escolha de um carioca.

Em um primeiro momento, a escolha parecia acertada. A seleção, conhecida como “as feras de Saldanha”, classificou-se para a Copa sem dificuldades. Mas os problemas começaram a aparecer. Um dos principais conflitos do técnico teria sido diretamente com o Presidente Médici, que todos sabiam ser um fanático por futebol. Tampouco era segredo que o Presidente achava que o jogador Dario, do Atlético Mineiro, deveria ser escalado para a seleção. Quando indagado sobre os palpites presidenciais em seu trabalho, Saldanha não se preocupou em responder com a acidez que o caracterizava: “Vamos combinar o seguinte: o senhor escala seu Ministério, eu escalo a seleção.” Também preocupava os militares a imagem do próprio regime, já que boatos afirmavam que o técnico levava documentos para o exterior denunciando a violência do governo, o que era constantemente negado oficialmente. Para piorar a situação, Saldanha desentendeu-se com a estrela da seleção, Pelé. De fato, tanto a contratação como a saída de Saldanha permanecem como incógnitas do mundo esportivo brasileiro.



[SELEÇÃO Brasileira no Mundial do México], jun. 1970. (APESP - ICO UH 1575 019).

O treinador foi afastado e, em seu lugar, assumiu o ex-jogador e bicampeão Mário Jorge Lobo Zagallo, que, sempre ao ser questionado, insistia em dizer que não houvera qualquer interferência do regime na seleção. De todas as formas, ele convocou o jogador Dario, mesmo que não como titular. A saída de Saldanha significou também a efetiva militarização da seleção: ela era chefiada pelo Major Brigadeiro Jerônimo Bastos; a segurança era responsabilidade do Major Ipiranga dos Guatanys e o corpo técnico era formado pelos militares Cláudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira, Raul Carlesso e José Bonetti.

Os militares também se aproveitavam de outras variáveis do evento além da participação brasileira. Pela primeira vez, os jogos seriam transmitidos ao vivo pela televisão, o que resultou em uma arma nas mãos da propaganda oficial do regime. O governo conseguiu associar o bom momento econômico com a possibilidade de adquirir televisores e assim acompanhar a seleção ao vivo e em casa. Antes mesmo da vitória, o evento já gerava benefícios políticos.



[SEMIFINAL do campeonato mundial. Brasil 3X1 Uruguai], jun. 1970.
(APESP - ICO UH 1574 008).

A nona Copa do Mundo, realizada no México em 1970, começou no dia 31 de maio. A chave em que o Brasil estava não era fácil: Inglaterra (então última campeã), Tchecoslováquia (vice-campeã de 1962) e Romênia. Era um grupo bastante forte e com muitas rivalidades em campo. O primeiro jogo foi contra a Tchecoslováquia, numa revanche da final de 1962. Os tchecoslovacos marcaram primeiro, mas os brasileiros viraram o jogo e garantiram a vitória por 4X1. Depois veio a temida Inglaterra, em um jogo difícil, no qual novamente a seleção canarinho conquistou a vitória com um gol ao final do segundo tempo. Após a vitória contra os ingleses, o Presidente Médici mandou um telegrama à delegação brasileira, no qual enviava

seu comovido abraço de torcedor e elogiava as qualidades da seleção: técnica, serenidade, inteligência e bravura, todas elas resultantes do amadurecimento do grupo. O último jogo da primeira fase foi contra a Romênia, e o Brasil venceu por 3X2.

O jogo das quartas de final foi contra o Peru, treinado pelo bicampeão brasileiro Didi. A vitória por 4X2 levou o time brasileiro para as semifinais, tendo merecido dessa vez um telefonema de Médici, que mandou cumprimentar os jogadores e lhes dizer que confiava na vitória. A semifinal foi uma nova revanche, dessa vez para os brasileiros. O jogo era contra o Uruguai, e novamente o fantasma da final da Copa de 50 voltou a atormentar a seleção. Mas o time confirmou sua superioridade e venceu o rival por 3X1, que terminou em terceiro lugar ao vencer a Alemanha Ocidental. Só um jogo separava o Brasil do tricampeonato.

Você sabia?

A Copa de 1970 teve diversas novidades: foi a partir dela que se passou a permitir substituições durante as partidas (apenas duas por equipe); também foi a primeira Copa em que os árbitros passaram a utilizar os cartões amarelo e vermelho para advertência e expulsão de atletas, respectivamente, isso em decorrência de um incidente ocorrido no jogo entre Inglaterra e Argentina no evento de 1966. Curiosamente, nenhum jogador foi expulso em todo o torneio; foi a primeira Copa a ter uma bola oficial do torneio, no caso foi uma da marca esportiva Adidas; e, finalmente, foi a primeira a ser transmitida ao vivo pela televisão para todo o mundo.

A final foi contra a Itália no dia 21 de junho. O jogo prometia emoção e disputa, já que o vencedor conquistaria o primeiro tricampeonato e levaria definitivamente a taça Jules Rimet para casa. Pelo regime militar brasileiro, a derrota da seleção nacional sequer era cogitada. No Estádio Azteca, o Brasil venceu a Itália por 4X1, consagrou-se tricampeão mundial de futebol e ficou com a Jules Rimet⁵.

Apesar do perfil militarizado, da rigidez técnica e de tudo indicar para uma seleção que tentaria seguir o modelo europeu do jogo, o grupo que representou o Brasil na Copa encheu os olhos do mundo com uma belíssima apresentação do chamado futebol-arte. Comandado por Pelé, o grupo deu verdadeiros espetáculos e é considerado por muitos especialistas a melhor seleção de todos os tempos — era o resgate do verdadeiro futebol brasileiro. No Brasil, o povo saiu às ruas para comemorar, embalado pela música da conquista:

Noventa milhões em ação
 Pra frente Brasil, no meu coração
 Todos juntos, vamos pra frente Brasil
 Salve a seleção!!!
 De repente é aquela corrente pra frente,
 parece que todo o Brasil deu a mão!
 Todos ligados na mesma emoção,
 tudo é um só coração!
 Todos juntos vamos pra frente Brasil!
 Salve a seleção!

(Miguel Gustavo *apud* AQUINO, 2002; GUTERMAN, 2009).

Os militares não perderam a oportunidade de se beneficiar com a vitória esportiva, explorando-a de todas as formas possíveis. A própria marchinha que se tornou símbolo da vitória era uma associação entre o país e a seleção. O futebol era um elemento que permitia ao regime promover a união nacional e a diversidade, em

⁵ Em 1983, a taça foi roubada da sede da CBF no Rio de Janeiro. Os responsáveis foram presos, mas não a tempo de evitar que se derretesse o troféu.

um espaço que não passava pelo setor político. Os responsáveis pela Agência Especial de Relações Públicas (AERP), incumbida da propaganda do regime, não tiveram dificuldades para convencer as autoridades sobre a importância do momento, nem de usá-lo a favor do governo. Não foram poucos os políticos que perceberam a popularidade da seleção e procuraram também tirar proveito da situação apoiando o discurso oficial e posando ao lado dos jogadores na grande recepção feita por Médici em Brasília.

A conquista da Copa de 1970 foi o coroamento do futebol brasileiro, reconhecido em sua majestade em todo o mundo. Pelé, o rei, era o símbolo do país do futebol. Assim,

[...] o tricampeonato mundial selava, definitivamente, a emergência do Homem Brasileiro, que não seria páreo para ninguém. Com ele, tinha-se o coroamento dos ideais de brasilidade partilhados por Nelson Rodrigues, Lins do Rego e Mário Filho e que, sem dúvida, fizeram brilhar os olhos dos militares que estavam no comando do país e que tentavam, a todo custo, consolidar a imagem de unidade nacional e de um país pujante e promissor, que caminhava a passos largos rumo ao futuro, conquanto escondessem debaixo do tapete questões como a liberdade de expressão, de associação e a prática da tortura. (ANTUNES, 2004, p. 289-290).

As outras Copas militarizadas

Após o sucesso da conquista da Copa de 1970 no México, o Brasil sentia que finalmente iria deslanchar. O ufanismo do regime utilizou a imagem da vitória esportiva como uma metáfora do país, cujos bons índices econômicos pareciam respaldar o discurso oficial. Até que veio a crise e mais uma vez o país não deslançou. Como o futebol parece realmente refletir nossa história, também entrou em crise. Demorariam 24 anos após aquele feliz 21 de junho de 1970 no México para a seleção voltar ao lugar mais alto do pódio do futebol mundial.

Mas a ditadura ainda teria vida longa, ou se nos mantivermos no campo futebolístico, ainda faltavam três Copas antes de os militares devolverem o poder aos civis. Como veremos, tais torneios não tiveram a mesma repercussão nem foram um instrumento de propaganda tão favorável para o regime como o de 1970.

A décima Copa do Mundo ocorreu em 1974, na Alemanha Ocidental. A delegação brasileira foi organizada de maneira ainda mais militarizada que no evento anterior. Zagallo foi novamente o técnico, e a base da seleção era a mesma da Copa no Chile, mas sem o astro Pelé. O ídolo brasileiro abandonou a seleção e certa vez alegou que o fez porque estaria sendo “usado” para difundir uma imagem positiva da ditadura. Outro que não participou foi Tostão.

O primeiro jogo dos brasileiros foi contra a Iugoslávia, que terminou em um empate sem gols. O segundo, contra a Escócia, teve o mesmo placar. Na terceira partida, venceu por 3X0 o Zaire. Pela organização daquela Copa, o Brasil teria um novo grupo na segunda fase. As coisas pareciam melhorar quando a seleção canarinho venceu primeiro a Alemanha Oriental por 1X0 e depois os argentinos por 2X1. O jogo seguinte era contra a Holanda, que tinha a vantagem do empate. O time holandês era a sensação da Copa, com um estilo completamente inovador, que ficou conhecido como *Carrossel*: o único jogador que tinha uma posição fixa era o goleiro, os demais atuavam de todas as formas, enlouquecendo os adversários.

O time brasileiro não pôde com o *Carrossel holandês*, perdendo a vaga na final por 2X0. Restou a disputa pelo terceiro lugar contra a Polônia, que tampouco conseguiu, e assim a seleção retornou com um amargo quarto lugar. O time holandês acabou perdendo a final para a Alemanha Ocidental e novamente a dona da casa levava a taça.

Você sabia?

Também na Copa de 1970, em uma partida da primeira fase entre Brasil e Tchecoslováquia, o jogador tchecoslovaco Petras marcou o primeiro gol e comemorou ajoelhando-se e fazendo o sinal da cruz, gesto católico. No dia seguinte, o jogador e toda a equipe tchecoslovaca receberam uma advertência da delegação de seu país. Isso porque a Tchecoslováquia era um país comunista, que, além de ser em essência ateu, por suas regras proibia manifestações religiosas.

O futebol brasileiro saiu da Copa de 74 enfraquecido e considerado ultrapassado, mais uma vez, em relação ao futebol europeu. A seleção não despertava mais a paixão dos anos anteriores, mas, mesmo assim, o regime não desistiu de buscar no futebol um canal de apoio popular, e na Copa seguinte a militarização seria mantida.

A décima primeira Copa do Mundo foi realizada na Argentina em 1978. O país vivia um regime ditatorial militar marcado pela perseguição e pelo desaparecimento de opositores ao governo. Dessa forma, a realização do evento foi um importante elemento na renovação de consenso pelos militares argentinos, e a Copa foi associada ao próprio projeto de Nação que eles tinham. Porém, o regime não se contentou com a simples realização do evento e estava disposto a fazer qualquer coisa pela vitória de sua seleção.

A seleção brasileira foi comandada por Cláudio Coutinho, que já fora membro da comissão técnica. Naquela Copa, importantes nomes do futebol brasileiro participaram, dentre os quais se destacaram Reinaldo, ídolo do Atlético Mineiro; Zico (Arthur Antunes Coimbra), ídolo do Flamengo; e Roberto Dinamite (Carlos Roberto de Oliveira), ídolo do Vasco da Gama. A estreia dos brasileiros aconteceu no dia 3 de junho contra a Suécia, resultando em um empate de 1X1. O segundo adversário foi a Espanha, novamente empate, dessa vez 0X0. Com essa campanha, a seleção foi para o terceiro jogo, contra a Áustria, interessada apenas na vitória para continuar na disputa. Preocupado com uma nova participação negativa como a de 1974, o regime militar dessa vez interferiu diretamente no time.

A CBD estava sob o comando de um militar, o almirante Heleno Nunes, que mandou o técnico Cláudio Coutinho escalar Jorge Mendonça, do Palmeiras, e Roberto Dinamite, este último no lugar de Reinaldo. O jogador do Atlético Mineiro era um atleta problemático para o regime. Grande craque e ídolo da torcida, Reinaldo tinha o costume de comemorar seus gols com o braço erguido e o punho fechado, gesto parecido ao do grupo marxista norte-americano Pantera Negra. Além disso, certa vez foi fotografado com um livro do líder soviético socialista Vladimir Lenin nas mãos. Para os militares brasileiros, tais atitudes eram um desafio à sua autoridade.

Mas naquela vez a sorte parecia estar com os militares, tanto que o gol da vitória contra a Áustria foi feito justamente por Roberto Dinamite. O Brasil conseguiu a classificação para a fase seguinte, mas em segundo lugar, o que significava estar no grupo dos donos da casa. Para muitos, essa foi a razão para a desclassificação brasileira. O primeiro jogo foi contra o Peru e os brasileiros venceram por 3X0. O segundo confronto era justamente contra os argentinos, um jogo tenso, e na época dizia-se que o vencedor seria o campeão do torneio. Mas o resultado foi um empate sem gols, o que levou a decisão de quem seria o finalista para a última rodada. Foi quando a ditadura argentina mostrou que não estava disposta a perder a oportunidade de ser campeã do mundo.

A partida entre Brasil e Polônia foi marcada para algumas horas antes do confronto entre Peru e Argentina, o que dava aos últimos a vantagem de saber por qual resultado jogar. Segundo consta, a FIFA atendeu a um pedido das emissoras de TV argentinas, que diziam estarem se adaptando à transmissão em cores. Assim, com a vitória brasileira por 3X1, os argentinos entraram em campo sabendo que, para serem finalistas, tinham que ganhar com pelo menos 4 gols de vantagem. O Peru já estava desclassificado, o que só aumenta as suspeitas de que o jogo foi arranjado. O Presidente argentino, Jorge Rafael Videla, foi ao vestiário do adversário antes do início da partida, junto com Henry Kissinger, ex-membro do governo dos Estados Unidos, o que para muitos foi uma forma de pressão para garantir o resultado. Os que defendem a teoria do suborno afirmam que o governo argentino mandou para o Peru duas toneladas de trigo, além de dinheiro para alguns jogadores que fizeram parte do acordo. Sem nada confirmado até hoje, o que sabemos é que a Argentina venceu por 6X0 e garantiu seu lugar na grande final contra a Holanda.

Assim, os brasileiros voltaram para casa sem nenhuma derrota, mas somente com o terceiro lugar, após vencer a Itália por 2X1. O técnico Cláudio Coutinho fez questão de declarar que o Brasil era o campeão moral do torneio. Nessa “guerra” do futebol, quando os regimes autoritários não hesitavam em intervir nas seleções de seu país para ganhar, os militares argentinos foram os vencedores.

A Argentina também ganhou a Copa ao vencer a Holanda na prorrogação, e a ditadura conseguiu transformar em sua a conquista futebolística. No Estádio Monumental, palco dos principais jogos, entre eles o de abertura e o da grande final, a torcida argentina comemorava o título inédito, ovacionando o Presidente Videla e seus companheiros da Junta Militar que governavam o país. A menos de cem metros, na Escola Superior de Mecânica da Armada (ESMA), o maior centro clandestino de detenção do período, centenas de presos políticos eram torturados de forma violenta, enquanto ouviam os gritos de gol e a comemoração de um povo que enaltecia o governo repressor.

Você sabia?

A Copa de 1994 foi realizada nos Estados Unidos, um país sem tradição futebolística. Os estádios foram adaptados e os atletas, quando sofriam alguma contusão, eram retidos de campo em carrinhos de golfe.

No Brasil, o futebol e o regime estavam em crise. A ditadura tornava-se cada vez mais insustentável e, temendo perder o controle da situação, os militares optaram por uma abertura. Porém, ainda passariam anos antes da entrega definitiva do poder aos civis. O que o regime fez foi uma abertura “lenta, gradual e segura”, que lhes garantiu não só uma manutenção da ordem social existente como uma anistia para os torturadores.

Logo, a décima segunda Copa do Mundo ocorreu em 1982, na Espanha, num momento em que os brasileiros viviam o otimismo da abertura política. Naquele ano, ocorreriam novamente eleições diretas para Governador. O futebol brasileiro também vivia um momento de esperança, como se tivéssemos reencontrado o caminho do jogo bonito e da vitória. O técnico era Telê Santana, primeiro técnico exclusivo e em tempo integral da seleção. O time brasileiro era mundialmente conhecido por seus espetáculos em campo. Era o time dos sonhos, com craques como Zico, Falcão e Sócrates. A seleção era a esperança de que o futebol-arte, nossa principal marca, ainda existia. Sócrates era o capitão do grupo e também um dos principais líderes da luta pela volta da democracia no país. A partir da experiência da *Democracia Corinthiana*, ele e seus companheiros mostraram que era possível

negar a militarização da seleção e do futebol brasileiro, o que fora dominante em toda a década anterior.

O primeiro jogo foi no dia 14 de junho, contra a União Soviética. O adversário começou na frente, mas, no segundo tempo, os brasileiros viraram. Depois vieram as vitórias contra a Escócia, 4X1, e contra a Nova Zelândia, 4X0. Em seguida, a seleção venceu a Argentina – então campeã e já contando com Diego Armando Maradona – por 3X1. O adversário seguinte era a Itália, que até então mostrava um futebol abaixo das expectativas. O Brasil jogava por um empate para chegar à semifinal. Mas, no dia 5 de julho, a seleção canarinho deu adeus ao sonho do tetracampeonato ao perder para os italianos por 3X2. Com a derrota, Telê Santana abandonou a seleção, e a Itália conseguiu igualar o tricampeonato brasileiro ao vencer a Copa.

Mas a seleção brasileira teve seu trabalho reconhecido. Quando saíram do estádio, o técnico e os jogadores emocionaram-se com os gritos de “é campeão” de vários torcedores; e a solidariedade não parou por aí: “Telê emocionou-se, mais uma vez, ao ver uma faixa colocada perto do hotel onde a seleção estava hospedada: Nem sempre vence o melhor.” (RIBEIRO, 2000, p. 214 *apud* AQUINO, 2002, p. 105).

As decepções brasileiras não se limitariam a perda de mais uma Copa do Mundo. Em 1983, a sociedade civil começou a articular um movimento pela volta da democracia por meio de um projeto de lei que seria votado em 1984. A derrota no Congresso foi mais um duro golpe para o país e significou a perda de Sócrates, que foi para o futebol italiano. Somente em 1985, por meio de eleições indiretas para Presidente, os militares devolviam o poder aos civis. Após 21 anos, chegava ao fim o regime militar, deixando marcas profundas na sociedade e no mundo futebolístico.

As Copas da nova democracia

Em 1986, o Brasil enfrentava uma forte crise econômica, porém, apesar disso, vivia um momento de esperança em razão do fim da longa ditadura. Naquele ano era convocada uma Assembleia Constituinte para elaborar uma nova Constituição.

No mundo, fortes mudanças também ocorriam. Não só a ditadura brasileira sucumbiu, mas, de uma maneira geral, os países latino-americanos voltavam a estar sob regimes democráticos. Até mesmo a União Soviética estava em crise, levando consigo todo o mundo socialista.

Foi nesse contexto que o México sediou novamente uma Copa do Mundo, a décima terceira edição. O técnico Telê Santana retornou ao comando da seleção, porém o clima já não era o mesmo da Copa anterior. Muitos problemas marcaram aquela delegação, como a contusão de Zico, as dificuldades com a altitude, os desentendimentos, internos e com a imprensa, e a intransigência de Telê, que chegou a ficar isolado na Comissão Técnica.

O primeiro jogo foi contra a Espanha, e os brasileiros venceram por 1X0. No segundo jogo, contra a Argélia, o placar foi o mesmo. A terceira disputa foi contra a Irlanda, a partir da qual parecia que as coisas começavam a melhorar para a seleção canarinho: vitória por 3X0. Nas oitavas de final, contra a Polônia, 4X0. O time estava no embalo. Nas quartas de final, o adversário era a seleção francesa – que hoje sabemos ser a “pedra no sapato” dos brasileiros em Copas do Mundo. A partida terminou empatada, 1X1, e a decisão foi para os pênaltis. A seleção brasileira foi derrotada por 4X3, dando adeus novamente a sonho do tetra.

Mas aquela era a Copa da Argentina, ou melhor, de Maradona. Nossos vizinhos retornaram ao regime democrático em 1983, após uma violenta ditadura. Em 1982, envolveram-se na Guerra das Malvinas, contra a Inglaterra, e a derrota foi uma das razões para o fim do regime ditatorial. Quando, em 1986, as duas seleções enfrentaram-se nos gramados do México, os argentinos viveram o jogo como uma verdadeira batalha, como se fosse a chance de se vingar pela guerra perdida quatro anos antes. Foi na partida contra os ingleses que Maradona fez aquele que é considerado o gol mais bonito das Copas. Também foi nesse jogo que os sul-americanos foram ajudados pela “mano de Dios”, justificativa de Maradona quando questionado pelo gol de mão feito por ele mesmo e validado pelo juiz da partida.

A Copa subsequente seria disputada na Itália, em 1990. No ano anterior, as primeiras eleições diretas para Presidente

desde 1960 marcavam um novo período histórico para o Brasil. O vencedor foi Fernando Collor de Mello, que, em 1990, já enfrentava uma crise institucional que lhe custaria o cargo em 1992. No mundo do futebol, os clubes brasileiros viviam uma enorme crise, cujo resultado foi o êxodo massivo de jogadores para os clubes europeus. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) era comandada pelo genro de João Havelange (então presidente da FIFA), Ricardo Teixeira, que escolheu Sebastião Lazaroni para técnico da seleção brasileira. Sua principal tática foi introduzir, definitivamente, o modelo europeu de futebol na seleção: mais importante do que o jogo bonito era a vitória. De fato, aquela Copa foi marcada pelo baixo nível técnico das seleções e pelo jogo defensivo. O símbolo do novo futebol brasileiro era o volante Carlos Caetano Bledorn Verri, o Dunga. Seu estilo defensivo, burocrático, tático, porém eficiente, acabou marcando a seleção canarinho e o início da chamada “Era Dunga” do futebol brasileiro.

A seleção enfrentava diversos conflitos internos, o que repercutiu diretamente nas atuações em campo. Por conta disso, o Brasil teve que engolir um vergonhoso nono lugar, além de ter sido desclassificado após perder por 1X0 para a Argentina de Maradona. Para o torcedor brasileiro a derrota não foi uma surpresa, já que não tinha muitas esperanças no time. A própria seleção brasileira não se mostrou muito interessada na Copa, pelo menos não tanto como na possibilidade de grandes contratos com clubes europeus e maiores participações publicitárias. Essa foi a pior campanha brasileira desde 1966 na Inglaterra. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, a delegação foi vaiada pelos torcedores, que jogaram moedas nos atletas, considerados mercenários.

Quatro anos depois, na Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos, o Brasil vivia outro momento. Collor renunciara ao cargo de Presidente em 1992, após muitos escândalos e a ameaça de *impeachment* (que chegou a ser votado após a renúncia), e o Vice-Presidente Itamar Franco assumira o governo,

Você sabia?

Em 1998, a seleção campeã, a da França, possuía, entre seus 22 jogadores, 13 de origem estrangeira, advindos principalmente de suas ex-colônias.

garantindo a democracia brasileira. O principal nome do governo Itamar foi o de Fernando Henrique Cardoso, Ministro da Fazenda e responsável pelo Plano Real, êxito econômico que lhe garantiria os próximos dois mandatos presidenciais. O país tentava mais uma vez recomeçar e a seleção de futebol vivia o mesmo clima.

O técnico durante a Copa foi Carlos Alberto Parreira, que integrou a comissão técnica outras vezes, como no tricampeonato em 1970. Parreira era o reflexo do novo futebol brasileiro: vitórias, mas com jogadores medianos e esquemas táticos burocráticos, sem espetáculos ou belo futebol. Apesar da derrota de 1990, a CBF insistia em um modelo de futebol que não correspondia ao histórico brasileiro.

A dificuldade na conquista da vaga durante as eliminatórias irritou a torcida, que criticava o caráter defensivo do time. Era somente uma prévia da equipe que disputaria a Copa. Um dos assessores era Zagallo, tricampeão mundial, duas vezes como jogador e uma como técnico. Ele era coordenador-técnico da seleção e seu maior problema no cargo foram os desentendimentos com o craque Romário, que, em função disso, ficou quase um ano sem ser convocado. Sob forte pressão da opinião pública e da torcida, Parreira convocou o jogador para o jogo decisivo das eliminatórias no Maracanã, contra o Uruguai. O “Baixinho”, como é conhecido Romário, fez os dois gols na vitória por 2X0, garantindo a seleção e a si mesmo na Copa dos Estados Unidos. Apesar da atuação de um goleador como Romário, a seleção estava cada vez mais técnica e metódica nas mãos de Parreira, e o símbolo disso era o capitão Dunga.

O primeiro jogo do Brasil foi contra a Rússia, vencido por 2X0. Depois veio a seleção de Camarões, contra o qual os brasileiros venceram por 3X0. O terceiro jogo foi complicado, pois a seleção empatou com os suecos em 1X1 e foi vaiada pela torcida, mas a classificação para as oitavas de final foi alcançada. Os adversários seriam os donos da casa. Apesar

Você sabia?

Antes da Copa de 2002, o técnico brasileiro Luís Felipe Scolari enfrentou uma polêmica. Segundo alguns jornais, Felipão teria recorrido à confecção de mapas astrais dos jogadores para definir os que iriam para a Copa.

da quase nula tradição dos Estados Unidos no futebol, o jogo aconteceria no dia 4 de julho, data da independência do país, e os jogadores norte-americanos entraram em campo com o sentimento patriótico aflorado. O Brasil venceu com dificuldade por 1X0. Na fase seguinte, o jogo mais emocionante, contra a Holanda, terminou com vitória brasileira por 3X2. O adversário das semifinais era novamente a Suécia, contra a qual o Brasil obteve outra vitória magra: 1X0. A final seria contra a Itália, era a primeira decisão que os brasileiros disputavam desde 1970.

No jogo estava em disputa muito mais que o título daquela Copa. O campeão consagrar-se-ia também o primeiro tetracampeão. Mas o que ficou na memória dos que assistiram foi a consolidação de um estilo de futebol que não priorizava o jogo bonito. Pela primeira vez, o título foi disputado nos pênaltis, reflexo da burocracia que dominava os campos. Finalmente, depois de 24 anos, o Brasil voltava a vencer. Mas não com o mesmo futebol que encantou o mundo em 1970. A vitória era o único objetivo e ele fora alcançado. Na volta para casa, a festa foi manchada pelo comportamento dos jogadores no desembarque. A delegação brasileira recusou-se a pagar os impostos correspondentes aos muitos itens trazidos dos Estados Unidos. No país do futebol, parecia que ser campeão do mundo dava aos atletas o direito de estar acima da lei.

Nos anos seguintes, o futebol brasileiro viu nascer um fenômeno: Ronaldo Luís Nazário de Lima, primeiro chamado de Ronaldinho, depois de Ronaldo “Fenômeno”. Aos 16 anos, o atleta profissionalizou-se e aos 17 deixou o país para integrar o futebol holandês, num reflexo do êxodo de atletas brasileiros, que ainda é uma realidade nos dias de hoje. Mais de uma vez eleito pela FIFA como o melhor jogador do mundo, Ronaldo era jovem e tinha o mundo pela frente. Para muitos, superaria até Pelé. A Copa do Mundo posterior prometia ser o momento de sua explosão mundial.

A décima sexta Copa do Mundo de Futebol foi realizada em 1998, na França, país que sediava o evento pela segunda vez, exatos 60 anos após a primeira copa disputada no Uruguai. A seleção brasileira era a favorita, principalmente pela atuação de Ronaldo, de quem se esperava um grande espetáculo. O primeiro

jogo foi contra a Escócia e o Brasil ganhou por 2X1. Depois vieram os marroquinos e outro resultado positivo, 3X0. Mas, contra a Noruega, a seleção não conseguiu manter o favoritismo e perdeu por 2X1. Para muitos, a Copa terminava ali, já que a seleção nunca havia conquistado um título do torneio sem estar invicta. Mas parecia que o “incidente” não iria passar disso, e, nos jogos seguintes, a seleção mostrou porque era uma das favoritas ao título: 4X1 contra o Chile nas oitavas de final, 3X1 contra a Dinamarca nas quartas de final, 1X1 no tempo normal e 4X2 nos pênaltis contra a Holanda na semifinal. Nessa última partida o goleiro brasileiro agarrou dois pênaltis, aumentando a confiança no título.

A final era contra os donos da casa, que, apesar da boa campanha, sabiam que o favoritismo era do Brasil, que contava com o melhor jogador da Copa, o “Fenômeno”. Porém, tudo começou a dar errado na véspera do grande jogo. A versão oficial é de que Ronaldo, que dividia o quarto com Roberto Carlos, teve uma convulsão e foi socorrido pelo companheiro. Levado ao hospital, não jogaria na final, e Zagallo optou por Edmundo como seu substituto. Horas antes da partida, quando o time saía para o estádio, Ronaldo teria procurado o técnico e dito que se sentia em condições de entrar em campo e que queria fazê-lo. Zagallo aceitou.

Sem confirmações acerca do que teria acontecido ou não na concentração brasileira, o que todos sabem e viram foi que o time entrou em campo. Parecia inacreditável, a seleção canarinho estava irreconhecível, e os franceses venceram merecidamente por 3X0. Esse talvez seja o jogo de Copas mais polêmico para os brasileiros, mais até que aquele entre Argentina e Peru em 1978. Muitas especulações ainda são feitas e, naquela época, a seleção retornou ao país sob muitas críticas. O Brasil também não passava por bons momentos. Uma crise econômica gerou a desvalorização do real e novamente o brasileiro sentia aquele gosto amargo da derrota. No universo futebolístico, até uma Comissão Parlamentar de Inquérito foi instalada em 2000 e 2001, denunciando diversas ações da CBF e dos dirigentes do futebol brasileiro.

Portanto, a seleção que disputaria a Copa em 2002 não só estava desacreditada como também enfrentava um momento de crise no futebol e no país, aquele se tornaria o ano das mudanças,

um marco na história brasileira e de seu futebol. Nos meses de junho e julho, o universo futebolístico parou para a realização da Copa do Mundo: dessa vez a novidade era o fato de dois países sediarem o evento, Coreia do Sul e Japão. O mundo vivia sob medo do terrorismo – passara-se menos de um ano dos ataques de 11 de setembro aos Estados Unidos – e, por um momento, a própria realização da Copa esteve ameaçada. Mas o evento foi mantido e o Brasil também garantiu seu lugar. O técnico era Luiz Felipe Scolari, o Felipão, mais um conhecido por seu estilo defensivo e agressivo de futebol. Como aconteceu muitas vezes antes, a seleção embarcou sem a confiança da torcida, sendo que o jogador mais pressionado era Ronaldo, que, por conta de uma grave contusão, ficou dois anos afastado dos gramados; por esse motivo, muitos não acreditavam em sua capacidade para representar o Brasil no torneio. Como também aconteceu noutras vezes, felizmente a maioria estava equivocada.

No dia 3 de junho, o Brasil entrava em campo em sua estreia contra a Turquia, vencendo por 2X1. Depois veio a China, vitória por 4X0, e a Costa Rica, êxito por 5X2. Nas oitavas de final, o adversário foi a Bélgica, derrotada por 2X1, mesmo destino da Inglaterra, que caiu nas quartas de final sob o mesmo placar. Brasil e Turquia voltaram a se enfrentar na semifinal, confronto no qual os brasileiros confirmaram a boa campanha vencendo por 1X0 e garantiram a vaga na grande final contra a Alemanha.

Nessa oportunidade, Ronaldo mostrou do que era capaz. Ele, acompanhado por Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho, fez belas apresentações durante todo o torneio e, juntos, garantiram o mesmo na final. Deu-se vitória brasileira por 2X0, no dia 30 de junho, e, assim, o pentacampeonato estava garantido. O Brasil confirmava sua superioridade no mundo futebolístico.

Aquela vitória teve uma outra e nova leitura para muitos brasileiros. Com

Você sabia?

Na Copa de 2006, um país participante deixou de existir como unidade política uma semana antes do início do torneio, no dia 3 de julho. Era a Sérvia e Montenegro, dividida oficialmente pelo parlamento após um referendo que ocorreu em 21 de maio daquele ano. Assim, a seleção que entrou em campo, a servo-montenegrina, representou um país que não existia mais.

um time formado por estrelas mundiais, a seleção refletia um país desigual, cuja maioria de seus jogadores era oriunda das favelas e das zonas miseráveis do país. O orgulho de suas origens, como no caso do capitão Cafu, serviu de esperança para muitos “homens comuns” que se identificavam com o passado dos atletas.

Em outubro, o país viveria um momento histórico: em sua quarta tentativa, Luís Inácio Lula da Silva, ex-sindicalista e símbolo da luta dos trabalhadores brasileiros, seria eleito Presidente do país. Lula e a maioria dos jogadores da seleção simbolizavam o tipo de brasileiro comum, que pouco ou nenhum espaço tivera até então – representavam aqueles da periferia, da pobreza, da vida difícil e miserável. Para grande parte da população, as duas vitórias eram a esperança de uma vida melhor, da possibilidade de vencer as dificuldades. O Brasil novamente sentia a esperança de que a situação melhoraria.

Quatro anos passaram-se e, apesar de escândalos de corrupção envolvendo membros de seu governo e do Partido dos Trabalhadores, o Presidente Lula atingiu níveis recordes de popularidade, que garantiram sua reeleição. O Brasil despontava para o mundo como potência regional, além de ser conhecido como o “país do futebol”.

Para a Copa de 2006 na Alemanha, o vencedor do evento anterior não estava mais automaticamente classificado, portanto o Brasil teve que disputar as eliminatórias. A seleção era a favorita por ser a então campeã e por ter vencido a Copa das Confederações em 2005. O técnico era novamente Carlos Alberto Parreira, tetracampeão em 2002.

A Copa foi o símbolo de uma Alemanha unificada havia quinze anos, que procurava mostrar ao mundo sua integração, apesar das diferenças ainda evidentes entre os antigos lados socialista e capitalista. As principais preocupações dos organizadores eram a ameaça de atentados terroristas e o racismo de grupos neonazistas alemães. As delegações africanas, por exemplo, receberam um mapa com locais que deveriam ser evitados. Em termos futebolísticos, foi uma Copa com poucos gols, perdendo somente para o evento de 1990.

O primeiro jogo da seleção brasileira foi contra a Croácia, em que a vitória foi magra, 1X0. Contra a Austrália, um placar mais tranquilo, 2X0, mas a apresentação também deixou a desejar. O último adversário da fase de grupos foi o Japão, que assustou ao marcar o primeiro gol, mas os brasileiros garantiram a vitória por 4X1. Nas oitavas de final, o adversário foi a seleção de Gana e o Brasil venceu por 3X0. As expectativas cresciam e parecia que aquele grupo, que concentrava os melhores jogadores do mundo, encontrava seu caminho. Porém, no meio desse caminho, existia um adversário que já havia sido um problema para os brasileiros em outras Copas do Mundo: a França. Foi assim novamente em 2006, quando fomos eliminados pela França por 1X0 nas quartas de final, dando adeus ao hexacampeonato. A França chegou à final, disputada com Itália, e a *Azurr*a venceu nos pênaltis e conquistou seu tetracampeonato.

A derrota brasileira gerou revolta no país. No Rio Grande do Sul, estado de Ronaldinho Gaúcho, uma estátua do jogador foi destruída. Para muitos, a seleção perdeu a Copa pelo clima de festa na concentração, marcada por eventos de patrocinadores e pelo ego inflado da seleção, que novamente era a favorita do torneio.

Como acontece a cada quatro anos, a Copa de 2010 reacende a esperança do torcedor brasileiro. Desta vez o técnico é Dunga, aquele mesmo jogador das Copas de 1990 e 1994, conhecido por seu estilo defensivo e pouco bonito de jogar. E, claro, a seleção é seu reflexo. Pela primeira vez, a Copa do Mundo será realizada no continente africano, na África do Sul. A história do evento mostra que é uma grande conquista, já que o domínio europeu ainda é forte nos gramados mundiais. Cada vez mais, países juntam-se ao grande palco das nações que é a Copas do Mundo de Futebol. Cada vez mais expectativas são geradas e a popularidade do torneio e do futebol só cresce com o passar dos anos.

5

O futebol em tempos de globalização

A partir da década de 1980, o futebol mundial entrou, em seu terceiro momento, na era do marketing e de seu capital. No Brasil, essa etapa teve início com o processo de redemocratização, especialmente a partir de 1986, e tanto o país quanto o futebol sofreram importantes transformações a partir de então. A volta da democracia foi consolidada com a Constituição de 1988 e com as eleições diretas para presidente em 1989. O primeiro presidente eleito nos novos tempos foi Fernando Collor de Mello. No mundo, as coisas também mudavam. Em 1989, o Muro de Berlim, que dividia a capital alemã em duas partes, uma socialista e outra capitalista, foi derrubado. A União Soviética, em forte crise, iniciou sua abertura. O modelo neoliberal impunha-se como dominante; logo, os países que o adotaram iniciaram uma onda de privatizações. Nesse período, o marketing e a publicidade ficavam cada vez mais fortes, tornando o consumo a palavra de ordem. O futebol não ficou atrás e, como já vimos que é comum em sua trajetória, adaptou-se perfeitamente a essas mudanças.

Com a desestatização iniciada na Europa no início da década de 1980, o monopólio das emissoras de televisão oficiais na transmissão dos jogos foi rompido. Assim, as emissoras privadas tiveram que enfrentar uma forte concorrência para garantir as

transmissões, o que significou mais dinheiro para os clubes. Com mais dinheiro, e a fim de manter o campeonato interessante para, assim, gerar mais lucro, os clubes passaram a contratar craques de todos os lados possíveis. Desta forma, o futebol europeu tornou-se o sonho financeiro para jogadores de outros países, que, na maioria dos casos, eram de origem humilde e não desperdiçariam nenhuma oportunidade.

Para as seleções nacionais europeias isso significou uma baixa no rendimento de seus jogadores, já que os clubes deixaram de investir em novos craques. Portanto, quando as disputas eram entre seleções, os europeus acreditavam-se prejudicados. Fica fácil perceber o resultado disso: vários jogadores foram nacionalizados para poder jogar pelas seleções europeias.

O capital gerado pelo futebol passava a ser o novo definidor das relações do esporte. No Brasil, a década começou com os clubes praticamente falidos, com muitas dívidas. No entanto, uma das soluções encontradas foi a venda de jogadores para a Europa. Teve início, então, um novo êxodo de jogadores sul-americanos, principalmente brasileiros e argentinos, a ponto de já haver, na Copa de 1990, doze brasileiros convocados atuando no exterior.

No caso do futebol brasileiro, talvez a mais importante das mudanças nessa nova ordem tenha sido na percepção do esporte, especialmente na seleção nacional. O modelo dominante passou a ser o do futebol defensivo, cujo único objetivo é a vitória e não mais as belas demonstrações que caracterizavam o futebol brasileiro e o tornaram um espetáculo mundial. As mudanças começaram com o novo presidente da CBF em 1989, Ricardo Teixeira – então genro de João Havelange –, que assumiu a entidade praticamente falida. Teixeira mudou a cara do futebol brasileiro e consolidou nossa hegemonia mundialmente. Por outro lado, diversas acusações de corrupção marcaram o futebol nacional.

Já em 1987, quando os principais clubes brasileiros se juntaram e fundaram uma nova entidade, o Clube dos Treze, começaram a aparecer problemas. A associação também organizou seu próprio campeonato, a Copa União, o que significou que a CBF viu seu principal torneio desfalcado. Mas o Clube dos Treze temeu represálias por parte da FIFA, o que certamente seria prejudicial para os grandes clubes, e aceitou vincular seu campeonato ao

Brasileiro daquele ano. O Flamengo foi o campeão da Copa União, mas não aceitou as alterações no torneio e não jogou a nova final contra o campeão do Campeonato da CBF, o Sport Clube Recife, que foi oficialmente declarado vencedor. Até hoje, ambos os clubes reivindicam o título, mas a CBF mantém a decisão de 1987, enquanto o Clube dos Treze considera o título do clube carioca. Em 2010, a entidade entregou a Copa de Bolinhas – troféu para o primeiro time a conquistar cinco vezes o Campeonato Brasileiro – para o São Paulo, irritando os flamenguistas. A briga continua na justiça, e o time de maior torcida do mundo, o Flamengo, considera-se hexacampeão brasileiro com a conquista de 2009, somando na conta o título de 1987.

Os últimos anos, marcados pela forte presença do marketing e do capital internacional no futebol – o que significou certo afastamento do Estado e de suas intervenções –, foram de altos e baixos para os brasileiros. Embora tenhamos conquistado duas Copas do Mundo, em 1994 e 2002, também tivemos diversos casos de corrupção e a adoção de um futebol defensivo, cujo único objetivo é a vitória, mesmo que isso signifique fracas apresentações. A seleção é o reflexo desta nova era, com técnicos que priorizam um estilo violento de jogo, e a torcida muitas vezes já não se identifica com o futebol da seleção como antes. Assim, times de outras épocas são venerados, como as seleções de 70 e de 82, consideradas vitrine do verdadeiro futebol brasileiro.

Na Copa de 1990, o novo estilo já estava presente. A seleção chegou à Itália com um futebol desacreditado, com jogadores e comissão técnica mais preocupados com a possibilidade de lucrar com futuros contratos do que com a vitória em si. O país já vivia os primeiros sinais da crise do governo Collor, que em 1992 renunciaria, mas também mostrou que sua recém-restabelecida democracia tinha bases sólidas para superar a crise. Com a saída de Collor, assumiu a presidência seu vice, Itamar Franco, e o principal marco de seu governo foi o Plano Real, do então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, futuro Presidente da República.

No futebol nacional, os anos 1990 consagraram o técnico Telê Santana. Com uma fama de “azarado” por conta das derrotas nas Copas de 1982 e 1986, Telê assumiu o time do São Paulo em um momento complicado, entretanto levou o clube paulista a

importantes conquistas, inclusive ao bicampeonato do Mundial Interclubes. Apesar da crise econômica que enfrentavam e do êxodo cada vez maior de jogadores, os clubes brasileiros consagraram-se na elite do futebol nos anos 1990 e 2000. Foram diversos títulos internacionais e muitos os jogadores que ganharam o mundo.

Outro caso de um clube brasileiro que mostra a introdução da nova lógica mundial no futebol é o da Portuguesa de Desportos. Em 2002, foi rebaixada no Campeonato Brasileiro, caindo para a Série B. Procurando mudar a estrutura do time, seus dirigentes contrataram a empresa Ability Sports, que, a partir de 2003, passou a gerir o departamento de futebol do clube. A terceirização chegava ao futebol. O papel da Ability era contratar e vender jogadores e funcionários, cuidar de contratos, de jogos amistosos, ou seja, de tudo que envolvia o futebol do clube. Em 2005, a Portuguesa procurou resgatar sua credibilidade e, entre outras ações, encerrou a parceria com a Ability e o futebol voltou a ser comandado pelo clube.

Em 1994, o Brasil era governado por Itamar Franco, que procurava solucionar mais uma crise econômica. A resposta veio no Plano Real, de seu Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. Para muitos brasileiros, significou um importante aumento no poder de compra e praticamente a entrada em um novo mundo: o do consumismo. No universo futebolístico, novamente desacreditado e com um futebol de retranca, o Brasil conquistou o tetracampeonato na Copa do Mundo dos Estados Unidos. Em parte, graças ao “Baixinho” Romário, jogador que representou o tradicional futebol-arte brasileiro em uma seleção dominada por um futebol burocrático e sem brilho, cujos símbolos eram o técnico Carlos Alberto Parreira e o capitão Dunga.

Mas o tetracampeonato seria manchado pela atitude da delegação, que, na volta para casa, não queria pagar os impostos correspondentes aos muitos itens que trazia dos Estados Unidos, principalmente eletrônicos e eletrodomésticos. Segundo a lei brasileira, existe um limite de quanto uma pessoa pode trazer do exterior e, se ele é ultrapassado, o excedente deve ter os impostos correspondentes cobrados. Alguns exemplos mostram o absurdo: o técnico Parreira queria entrar no país com um televisor de US\$5mil e o jogador Cláudio Ibraim Vaz Leal, o Branco, havia

gasto US\$12mil em eletrodomésticos. O chefe da Receita Federal, Osiris Lopes Filho, obrigou que os membros da seleção declarassem e pagassem os impostos correspondentes. Mas, vergonhosamente, o presidente da CBF Ricardo Teixeira, a comissão técnica e os jogadores ameaçaram devolver as medalhas dadas pelo Presidente Itamar Franco e não participar dos desfiles e festejos programados. O chefe da Receita Federal foi desautorizado pelo Ministro da Fazenda Rubens Ricupero, e no dia seguinte pediu demissão.

Ainda durante a Copa, Ricardo Teixeira já havia contatado membros do governo brasileiro acerca da questão fiscal, alegando que o medo da Receita Federal interferiria no desempenho dos atletas. Pura chantagem que, no final, acabou dando certo. Para a população, a atitude dos jogadores foi negativa, e 70% afirmava que eles deveriam pagar os valores correspondentes. Para grande parte dos brasileiros, o futebol costumava ser um meio de identificação com aqueles atletas em sua maioria de origem humilde, mas que conseguiram, através do esporte, alcançar uma vida melhor. Atitudes como a da seleção em 1994 rompiam com essa visão dos jogadores como representantes do povo; eles passavam a ser vistos como parte daquela elite que sempre utilizou o Estado e suas leis em benefício próprio.

De fato, as classes mais baixas sofreram muito com as mudanças das décadas de 1980 e 1990, que se afirmaram nos anos 2000. Uma delas foi a diminuição significativa nos espaços populares de prática esportiva. A especulação imobiliária e a urbanização desenfreada levaram à eliminação de muitos campinhos de futebol no Brasil. Felizmente, parte da magia do futebol é a possibilidade de ser praticado em quase todos os lugares e de tudo servir como bola, ao que somamos a personalidade brasileira e seu amor pelo esporte, o que ameniza um pouco a situação. Porém, não podemos deixar de lamentar quantos craques como Pelé, Ronaldo, Romário, Cafu, só para citar alguns, perdemos com as dificuldades que impedem nossos jovens de ascender à prática esportiva.

Os anos passavam e o êxodo de jogadores só aumentava. Um exemplo que marcou o futebol brasileiro foi o de Ronaldo, nome que, depois de Romário, parecia honrar o belo futebol brasileiro. Aos 17 anos ele já estava na Holanda. Profissional desde os 16 anos, em 1994, Ronaldo foi com a seleção para a Copa e dois anos depois

já ganhava seu primeiro prêmio de melhor jogador do mundo. A situação da ida de jogadores chegou a tal ponto que, em 2001, a Portuguesa de Desportos, clube de São Paulo, anunciou o Projeto Comunitário Europeu, o primeiro time de futebol para exportação. Nesse caso, além de saber jogar, era preciso ser descendente de europeu pela cidadania.

Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, foi criado o Ministério do Esporte, tendo como primeiro a ocupar o cargo de ministro o ex-jogador e ídolo do futebol mundial Pelé. Nesse período, foi criada a polêmica Lei Pelé, reflexo da era da globalização que cada vez mais se impunha no mundo esportivo. O objetivo era modernizar o futebol brasileiro, transformando os clubes em empresas. Os clubes acusam Pelé de ter facilitado ainda mais o já forte êxodo de jogadores, enquanto Pelé rebate que os clubes seriam os culpados por terem deturpado o projeto original.

Contudo, o pior lado da nova era do futebol para o Brasil foram as denúncias de corrupção envolvendo o esporte, que mancharam a imagem da CBF e do nosso futebol. No final da década de 1990 e início da de 2000, foram denunciados os contratos da CBF com a marca de material esportivo Nike e com a agência de publicidade Traffic, responsável pelo contrato com a primeira. No primeiro caso, a empresa esportiva tinha o direito por contrato de escolher locais de jogos amistosos da seleção para divulgar sua marca. Por sua vez, a Traffic comprou os direitos de transmissão dos jogos da seleção, o que também permitia a influência acerca dos locais de realização das partidas. Uma das suspeitas da CPI era de que a Nike teria obrigado o técnico Zagalo a escalar o jogador Ronaldo para a final da Copa de 1998, resultando em um episódio que ainda hoje não foi esclarecido. Os dirigentes brasileiros estavam cada dia mais e mais envolvidos em operações ilegais no mundo esportivo e tinham apoio no Congresso Nacional para não pagarem por suas ilegalidades. A chamada *Bancada da Bola*, hoje conhecida formalmente como Frente Parlamentar de Apoio ao Esporte, é composta por vereadores, deputados e senadores ligados aos clubes e federações de futebol. Esses congressistas já atuam há bastante tempo favorecendo dirigentes e cartolas, mas foi com a CPI do futebol e com a CPI da CBF-Nike no final dos anos 90 que ficaram publicamente conhecidos.

Os escândalos começaram a tornar-se públicos em 1997 com o que envolvia Ivens Mendes, chefe da Comissão de Árbitros da CBF, que foi flagrado pedindo dinheiro de dirigentes para arranjar resultados do Campeonato Brasileiro. A *Bancada da Bola* mais uma vez garantiu que ninguém além do próprio Mendes fosse punido. A CBF ainda aproveitou a confusão para anular o rebaixamento do Fluminense e do Bragantino no ano anterior. Vale lembrar que o Fluminense foi beneficiado novamente, quando caiu para a terceira divisão; conseguiu voltar para a segunda, mas disputou diretamente a primeira, em 2000, quando foi organizado um campeonato com as três divisões do futebol brasileiro e 116 times, chamada “Copa João Havelange”. O campeão do torneio foi o Vasco da Gama. A Copa foi organizada porque a CBF estava impedida, pela justiça, de realizar o Campeonato Brasileiro¹. A opção, então, foi um torneio organizado pelo Clube dos Treze.

As acusações que levaram às CPIs começaram com denúncias de uma ex-secretária do técnico Wanderley Luxemburgo, que o acusava de sonegação fiscal e até de escalções por interesses comerciais e combinação de resultados de jogos. A *Bancada da Bola* tinha evitado uma CPI para investigar a CBF, mas frente aos escândalos envolvendo Luxemburgo, o início de novas investigações foi inevitável. Dessa vez, o principal alvo era a entidade máxima do futebol brasileiro, acusada de diversos casos de corrupção, cujo principal era o acordo de marketing com a marca esportista Nike. Ficou comprovado que desde 1998 parte do dinheiro da CBF fora utilizado em campanhas políticas, dos próprios candidatos da bancada da bola, muitos deles dirigentes esportivos, como o ex-presidente do Vasco da Gama, Eurico Miranda. Os gastos ajudavam a explicar por que após o contrato milionário com a Nike a entidade passou a ter fortes prejuízos. Mas a *Bancada da Bola* conseguiu garantir a impunidade de todos os envolvidos.

Foi nesse clima de acusações, e com a imagem negativa, que o futebol brasileiro participou da Copa do Mundo de 2002,

1 O Gama, time do Distrito Federal, não aceitou seu rebaixamento para a Série B em 1999 e entrou com um processo na justiça exigindo ser reintegrado à Série A. Como em junho de 2000 o processo ainda corria, a CBF não pôde publicar o regulamento do novo torneio.

na Coreia do Sul e no Japão. Mas, apesar de todos os problemas que enfrentava o futebol nacional, a seleção conquistou o pentacampeonato. Dessa vez, a população emocionou-se com jogadores de origem humilde, como o capitão Marcos Evangelista de Moraes, o Cafu, que homenageou o bairro periférico de São Paulo, onde cresceu, com os seguintes dizeres em sua camisa: “100% Jardim Irene”. O jogador mantém uma fundação sem fins lucrativos que leva seu nome.

A imagem de Cafu e sua origem humilde marcaram o país do futebol. Alguns meses depois, a população iria às urnas para mais uma eleição presidencial, e dessa vez o eleito foi Luis Inácio Lula da Silva, também de origem humilde e que se identifica com a maioria do povo brasileiro. Lula é um fanático por futebol, e seu time de coração é o Corinthians. O Presidente já fez visitas à concentração do time e em outros momentos deu palpite na seleção, como em 2006, antes da Copa, em que comentou sobre o excesso de peso do atacante Ronaldo. Porém, a relação de Lula com o futebol não é a mesma que os governantes do século XX tiveram. Lula é capaz de falar o “idioma” do futebol, o que certamente o aproxima das massas, mas não existe o uso político como vimos, por exemplo, na época do Presidente Médici. Hoje o Presidente visita concentrações, recebe vencedores do campeonato nacional (em 2009 recebeu jogadores do Flamengo) e torce pela seleção. Mas o sentido é outro, felizmente.

Apesar do pentacampeonato em 2002, a imagem do jogador brasileiro, dos dirigentes e do futebol em geral ainda está manchada para os torcedores. Em 2006, o Brasil foi desclassificado nas quartas de final após perder um jogo contra a França (outra vez ela), e, como uma das causas pelo fracasso, apontou-se o clima de festa na concentração, com eventos e patrocinadores. Todos querendo ganhar dinheiro com a imagem da seleção favorita. Os principais jogadores foram acusados pela imprensa e pela torcida de não valorizar a camisa canarinho e de estarem interessados apenas em seus clubes. Nessa brecha gerada pela decepção, pela procura por novas apresentações do futebol-arte e pela emoção típica que os brasileiros sentem em relação a esse esporte, o futebol feminino vai, lentamente, ganhando seu espaço.

6

O futebol e a construção de identidades

O Brasil é conhecido como o “país do futebol” e orgulhamo-nos de dizer que esse esporte é nossa “paixão nacional”. Não há dúvida de que ele é muito mais do que isso, ele é parte de quem somos, de como nos vemos: o futebol integra a identidade nacional dos brasileiros. Isso ocorre em diversos lugares do mundo, diversos são os povos que se identificam e que se sentem integrantes de uma comunidade, dentre outras formas, por meio do futebol. Em razão de se tratar de uma questão de identidade nacional, o futebol ganha mais “poder” na época das Copas do Mundo. Mas ele também forma outros tipos de identidade de menor abrangência. É o caso dos clubes, com seus torcedores apaixonados (e muitas vezes fanáticos), e das disputas regionais (que até hoje são bastante fortes no Brasil, principalmente entre Rio de Janeiro e São Paulo). Neste capítulo, analisaremos essas principais manifestações do futebol enquanto expressão de identidade.

Antes de ter esse importante papel no mundo contemporâneo, o futebol moderno foi motivo de preocupação por seu viés violento e, depois, foi “utilizado” como forma de contensão social. O esporte moderno nasceu associado à ascensão da burguesia e das mudanças tecnológicas e sociais que ocorreram

a partir dela, como a urbanização e o surgimento do proletariado. Nesse tipo de contexto, a prática esportiva, em geral, possui um papel fundamental nas sociedades industriais, sendo usada como maneira de aliviar tensões de forma controlada e equilibrada. Quando o futebol passou a ser controlado por regras, serviu como entretenimento para as classes trabalhadoras e como fator propiciador para contensão social como mencionado anteriormente. Por isso, quando ainda era um esporte das elites, sua popularização interessava a determinados setores, principalmente ao Estado, e a prática da educação física funcionou como disciplinadora das massas urbanas que surgiam nas cidades a partir da industrialização. Foi o caso do governo de Getúlio Vargas e sua política esportista no Brasil na década de 30.

O futebol ganhou popularidade com o crescimento do proletariado e com suas conquistas – como mais horas de lazer –, o que significou mais tempo para a prática esportiva. Concomitantemente, ele acompanhou o desenvolvimento do capitalismo – fato observável, por exemplo, no caso das indústrias que incentivaram e criaram times, cujo capital, hoje, movimenta os clubes, e, principalmente, no caso dos patrocínios, da compra e da venda de jogadores¹. De fato, ele é capaz de agradar a todos e também de ser utilizado por diversos grupos sociais.

Ele também é um importante espaço de experiência democrática. Em países como o Brasil, os elementos de identidade nacional e os canais de integração social não se dão formalmente por meio da política. Na República Velha, por exemplo, as manifestações limitavam-se a festas e associações, e o principal meio de expressão popular era o carnaval, tudo ainda em uma lógica excludente da maioria da população, cujas práticas não eram incorporadas nos projetos nacionais das elites. O futebol foi o primeiro espaço ainda no início do século XX de integração da massa excluída e, em pouco tempo, uma maneira (ainda que limitada e até combatida) de igualdade e democracia em um país marcado por clientelismo e

1 Por essa associação com o desenvolvimento da sociedade burguesa, em seu início, o futebol era visto por socialistas e comunistas como um jogo de uma manipulação da burguesia.

hierarquização². Os clubes operários, como o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, e o Corinthians, de São Paulo, são exemplos dessa experiência inaugural.

Com essa capacidade tanto de criar identidade como de controlar a inserção das massas e sua participação social, o futebol passa a ser questão de Estado no Brasil a partir de 1930. Não é à toa que, nas décadas de 1950 e 1960, quando as massas populares brasileiras passaram a exigir participação política, o Estado, pressionado, utilizou ao máximo o futebol. Finalmente, as tensões eclodem no Golpe de 1964 e, apesar do autoritarismo, o futebol segue como importante elemento na agenda do novo regime.

Não podemos deixar de perguntar por que nos identificamos tanto com este esporte. Talvez uma das explicações seja o elemento surpresa que o caracteriza, em que todos igualmente podem ganhar ou perder, inclusive a massa popular, que nas partidas “[...] transforma-se em um grande vencedor. Além disso, o espetáculo futebolístico alterna vencedores e perdedores, em contraste com a situação rotineira da sociedade brasileira, onde as posições são praticamente imutáveis.” (MOURA, 1998, p. 91).

Uma das formas de identidade que o futebol permite estabelecer é a nacional e, nesse caso, sua maior expressão é o momento em que a seleção de cada país entra em campo, especialmente durante a realização da Copa do Mundo da FIFA. As seleções ganham o significado das próprias nações que representam, em um sentimento semelhante àquele de enfrentar uma guerra. De fato, os confrontos futebolísticos são vividos como verdadeiras batalhas. Os jogadores são a representação do próprio cidadão da mesma forma como algumas partidas representam os conflitos de seus países, como foi o caso do jogo entre Estados Unidos e Irã na Copa do Mundo de 2002, considerado por muitos um marco diplomático. Portanto:

2 O samba, especialmente no Rio de Janeiro, também teve um papel importante nessa integração. Porém, por tratar-se de uma experiência popular, sua incorporação pelas elites foi posterior e sua inserção como elemento de identidade foi diferente. O futebol fez o caminho inverso: das elites para o povo, e por isso seu caráter democrático naquele contexto.

Campeonatos municipais, estaduais, internacionais, cada um desses eventos cria oportunidades de se explorar sentimentos de união popular. As participações brasileiras nas copas do mundo consolidam a integração nacional. Nesses momentos, a população tem acesso aos símbolos nacionais – à bandeira, ao hino, às cores do país –, participando de um verdadeiro ritual cívico. (MOURA, 1998, p. 14).

Na primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai, o caráter nacionalista do evento já estava presente. A escolha da sede deu-se em razão dos cem anos de independência desse país sul-americano – além da crise europeia. O estádio construído para a ocasião foi nomeado, em homenagem à data, Centenário. Alguns eventos também marcaram o espírito nacionalista que o futebol começava a representar, como a briga entre argentinos e uruguaios na final, conflito esse que incluiu o apedrejamento da embaixada uruguaia em Buenos Aires. Os anfitriões perceberam o potencial que o evento tinha e sagraram-se os primeiros campeões em sua própria casa, fator que hoje sabemos potencializar o sentido da conquista.

No caso brasileiro, as duas primeiras Copas do Mundo (1930 e 1934) ocorreram em momentos em que esta associação entre seleção de futebol e nação ainda não ocorria. Como veremos, o futebol brasileiro enfrentava questões internas que impediam a seleção de ganhar esse significado na sociedade. Na Copa de 1930, por exemplo, os jogadores paulistas não participaram, mostrando que o regionalismo era mais forte que o sentimento nacional. Em 1938, durante o Estado Novo de Vargas, as coisas começaram a mudar. O regime já entendia o potencial do futebol e de uma possível conquista, preparando a seleção que foi à Itália como que para uma guerra, em que só a vitória interessava. Apesar da derrota, começaram a surgir aspectos do que se tornaria essa identificação entre a seleção e a nação brasileira.

Mas foi com a Copa de 1950, realizada no Brasil, que o fenômeno “futebol-nação” se consolidou no país. Era a primeira Copa realizada depois da Segunda Guerra Mundial, o que lhe dava

um peso maior. De certa forma, os eventos esportivos internacionais como as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol transformaram-se em um espaço de disputas entre as nações, mas sem a violência de uma guerra. Não que o evento substitua o conflito armado, mas ele funciona como uma maneira controlada de manifestar-se. No Brasil, percebeu-se que era uma oportunidade única para utilizar o futebol como elemento de integração nacional e na própria construção de uma identidade brasileira. Nesse sentido, tanto a preparação do evento como a vitória da seleção foram formas de construir uma identidade brasileira, um modelo nacional.

Assim, na Copa de 1950, consolidou-se a imagem positiva do malandro no futebol brasileiro e da própria malandragem brasileira. A final da Copa também intensificou a identificação do “nós” brasileiros a partir do embate com o “outro” estrangeiro – mesmo a derrota foi importante na construção de uma ideia de coletividade.

A derrota da Copa de 1950 entrou para a memória social brasileira como uma tragédia nacional. Relembrar essa tragédia e mantê-la viva também faz parte dessa construção de identidade coletiva. Também foi naquela Copa que se consolidou no Brasil a solidariedade, que “nasceu” na torcida e em campo, e hoje é mais um dos elementos que constroem nossa identidade nacional: “A ênfase na união dos torcedores em torno da seleção é a ênfase na constituição da unidade dos brasileiros.” (GUEDES, 1998, p. 53).



“Gool de Gérson. Era o desempate. Tudo favorecia o Brasil e o torcedor caiu de joelhos na rua. Bandeira em punho e os braços abertos. É a mística do futebol.” *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 31, 30 jun. 1970. APESP.

Uma importante e interessante fonte para entender melhor esse período em que se estabelece o futebol como elemento de nossa identidade é a crônica esportiva das décadas de 1950-1970. Foi um dos principais cronistas, Nelson Rodrigues, quem definiu que o problema do futebol brasileiro – nesse caso, uma das explicações para a derrota na Copa de 1950 – era o “complexo de vira-latas”: um povo que se considerava feio, inferior aos adversários. Segundo Nelson Rodrigues, foi a partir das vitórias nas Copas de 1958 e 1962 que “[...] o brasileiro, que sempre se considerara feio, teria assumido a sua feiúra, sua miséria, sua mulatice, e passara a enxergar valores únicos nesses atributos.” (ANTUNES, 2004, p. 282).

As crônicas das décadas de 50, 60 e 70 ajudaram a criar e a perpetuar uma visão do futebol brasileiro que nos permite compreender algumas atitudes sociais hoje inquestionáveis, como o “jeitinho brasileiro”, a instabilidade emocional, a não aceitação da derrota e a crença na superioridade total do nosso futebol. Aqueles que antes eram defeitos tornavam-se a razão do sucesso quando a seleção vencia, ao menos até a realização de uma nova Copa e as novas reflexões sobre a identidade do brasileiro que o evento traria. Outro elemento que se consagrou no período como uma das características dessa associação entre futebol e nação foi a valorização do negro e do mestiço. A partir da lógica de Gilberto Freyre, a *brasilidade* era garantida na democracia racial, e o futebol tinha um importante papel por ter muitos jogadores negros.

Uma das formas de criar a identidade que permeia o futebol é a partir da ideia do “outro”, representado pelo adversário. Este pode ser tanto uma equipe (do bairro, do estado, de outro local do país, de outro país) como uma seleção nacional, que certamente tem maior peso quando nos referimos a uma questão de identidade nacional. Nessa lógica, difundiu-se fortemente no universo futebolístico a oposição entre o *futebol-arte*, representado pelos latino-americanos, e o *futebol-força*, símbolo dos europeus. Essa oposição consolidou-se na sociedade brasileira, que até hoje procura se reconhecer no futebol que consagrou mundialmente na Copa de 1970. O *futebol-arte* resgata outros elementos que formam nossa identidade, como a dança, o gingado e a sedução, uma representação da própria latinidade.

QUARTA-FEIRA, ÀS 14 HORAS, NO GALEÃO, OS HERÓIS BRASILEIROS

CURVOU-SE O MUNDO DIANTE DO MAIOR FUTEBOL DO UNIVERSO!



Guimard deu a Partida Para a "Extra" de ULTIMA HORA!



O "Mick" de Cristiano Antonini, o goleiro do Atlético de Minas, Guimard, e o atacante que marcou 22 gols no torneio da "Extra" em companhia de outros jogadores do Atlético de Minas.

ANO VIII — Rio de Janeiro, Segunda-Feira, 30 de Junho de 1958 — N.º 2.251

Ultima Hora

Fundador: SAMUEL WAINER
Diretor-Responsável: PAULO SILVEIRA
Diretor-Supervisor: L. F. BOGAYVA, CURHA

Preço: 200/700

As Mais Belas Aplaudem os Maiores



Os mais belos brasileiros em "última" comemoram a conquista da Copa de Campeões de Futebol do Mundo em companhia de outros jogadores do Atlético de Minas.

PARADO BYTA E BERTHO: VAI GARANTIR A "COPA"? Jogo de grande momento, o "Mick" brasileiro contra o sueco, a começar a ser disputado a cerca de 100 metros da linha de partida. O jogo será disputado a cerca de 100 metros da linha de partida. O jogo será disputado a cerca de 100 metros da linha de partida.

NETUNO (VIA SEREIA) TAMBÉM TOQUEU PELO BRASIL



Meios que pulso a vitória e a vitória para vitória de uma vitória, a vitória para vitória de uma vitória, a vitória para vitória de uma vitória.

O Povo Antecipou o Carnaval!



Além de futebol, como são brasileiros, aproximaram-se de um carnaval. O povo antecipou o carnaval, o povo antecipou o carnaval, o povo antecipou o carnaval.



Além de futebol, como são brasileiros, aproximaram-se de um carnaval. O povo antecipou o carnaval, o povo antecipou o carnaval, o povo antecipou o carnaval.

ULTIMA HORA: "Soldado do Futebol Brasileiro"

LAURENTE, DA SÉDIA: SOMOS CAMPEÕES MUNDIAIS!

ESTOQUE, em um HERBY LAURENTE, o jogador do Atlético de Minas, Guimard, e o atacante que marcou 22 gols no torneio da "Extra" em companhia de outros jogadores do Atlético de Minas.

LAURENTE, DA SÉDIA: SOMOS CAMPEÕES MUNDIAIS!

LAURENTE, DA SÉDIA: SOMOS CAMPEÕES MUNDIAIS!



O grande craque do futebol brasileiro, o jogador do Atlético de Minas, Guimard, e o atacante que marcou 22 gols no torneio da "Extra" em companhia de outros jogadores do Atlético de Minas.

CURVOU-SE o mundo diante do maior futebol do universo!
Ultima Hora, Rio de Janeiro, 30 jun. 1958. (Capa). APESP.

Logo, o futebol é capaz de proporcionar experiências coletivas que fazem o torcedor se sentir parte de uma comunidade, de uma coletividade. No caso das Copas do Mundo e de eventos internacionais, as seleções transformam-se no próprio país e os jogadores em toda a nacionalidade. Para alguns, com o futebol globalizado, esses sentimentos perderiam força. Porém, hoje vemos que ocorreu o contrário: cada vez mais as nações ratificam-se em campo. E, muitas vezes, isso acontece por meio da violência e de manifestações racistas, que a cada dia se associam mais. E o torcedor, que acabou um pouco excluído do espetáculo com a nova era do futebol globalizado – que privilegia o modelo de clubes-empresas, o que, em muitos casos, significa a própria perda da identidade original – reaparece muitas vezes de forma negativa, como principal ator da violência no futebol.

As torcidas organizadas e o racismo no futebol

Ser torcedor é, para muitos de nós, um ato de amor. Emocionamo-nos com nosso time, choramos, comemoramos. Parte da diversão do futebol, e de ser torcedor, está na rivalidade do esporte. É saudável torcer e brincar com o adversário. Mas, infelizmente, em muitos casos, a torcida torna-se fanática e a distância disso para a apelação à violência é curta. Mesmo duzentos anos depois de o futebol moderno começar a se tornar o esporte mais popular do mundo, parece também continuar se tornando cada vez mais violento. Essa violência se expressa principalmente de duas formas: por meio do racismo e, de uma maneira mais contemporânea (a partir da metade do século XX), das atitudes das torcidas organizadas, um problema que atinge o mundo todo.

Já sabemos que o futebol moderno nasceu marcado por seu estilo agressivo, o que levou até a sua proibição no início do século XIX na Inglaterra. Mas o Estado burguês que se consolidava com a industrialização percebeu que, se controlado, ele poderia ser também controlador; nesse caso, das massas operárias. Foram criadas regras para o jogo, procurando transformá-lo em um liberador de tensões sociais. Na maioria dos casos, é o que vemos. Em diversas cidades, regiões ou países existem dois principais clubes rivais, em alguns

casos até mais, que representam as diferentes identidades coletivas que convivem em um mesmo espaço. O futebol transformou-se em importante elemento de identidade nacional, diversão e paixão para muitos povos. Mas existem muitas exceções. E a imagem do esporte acaba manchada por sua face violenta, autoritária e até excludente.

Não é fácil compreender e explicar porque tantas pessoas, especialmente jovens, entendem que é necessário praticar a violência para viver o espetáculo do futebol. Em parte, é preciso reconhecer que tais grupos são uma forma de pertencimento, de senso de coletividade. Mas também uma forma de participação no espetáculo:

O “torcedor”, no modelo “organizado”, não é mais um mero espectador do “jogo”. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo. No grupo ele expressa sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que o acolhe. (PIMENTA, 2000, p. 125).

As torcidas organizadas são um grave problema em diversos países do mundo. Na Europa, os *hooligans* ingleses tornaram-se famosos por seus atos de barbaridade. Na Copa do Mundo da França em 1998 e na da Alemanha em 2006, os torcedores geraram grande preocupação aos organizadores. Vários foram os confrontos que ocorreram entre europeus em locais públicos, assim como algumas manifestações xenofóbicas contra africanos, especialmente. Na Argentina, as *barras bravas* (nome dado às torcidas organizadas no país) também são uma preocupação das autoridades e, constantemente, ocorrem verdadeiras batalhas entre torcedores.

A primeira torcida organizada brasileira surgiu em 1939, no São Paulo Futebol Clube, com o nome de Torcida Uniformizada do São Paulo. Na verdade, não era como as que conhecemos nos dias atuais, mas sim um grupo de torcedores. Em 1942, surgiu no Rio de Janeiro a Charanga do Flamengo, que incluía músicos que tocavam durante os jogos do clube carioca. Hoje as torcidas organizadas possuem uma estrutura muito maior, com presidente, vice-presidente e tesoureiro, além de outros cargos, muitas vezes remunerados. A principal fonte de renda delas é a mensalidade paga

pelos torcedores sócios, mas, como as organizadas normalmente estão relacionadas com os dirigentes dos clubes, têm garantia de ingressos para acompanhar o time, inclusive em lugares fora da cidade. De fato as torcidas organizadas garantem a festa nas arquibancadas, com os famosos bandeirões, as faixas, os fogos de artifício etc. De um modo geral, são elas que comandam os torcedores durante os jogos, proporcionando um belo espetáculo. Porém, elas também

[...] tendem a representar uma das mais importantes experiências coletivas vivenciadas no universo dos estádios, momento privilegiado na projeção de uma sensação de pertencimento a um grupo. Neste sentido, as arquibancadas transformam-se num dos poucos espaços onde a possibilidade de extravasar ódios acumulados não passa por nenhum tipo de pressão moralizadora ou “politicamente correta” da sociedade. (AGOSTINO, 2002, p. 237).

Assim, esses grupos costumam estar associados a atos de violência, especialmente entre diferentes torcidas, tornando-se um grave problema para o futebol brasileiro, como acontece em todo o mundo. As torcidas organizadas brasileiras começaram a associar-se ao estilo dos *hooligans* ingleses a partir das décadas de 1970 e 1980. Uma hipótese para a expansão da violência foi o início das transmissões televisivas no país, que divulgaram as torcidas e, posteriormente, seus atos de violência. Nesse sentido, a mídia possui um papel chave, uma vez que ela “[...] difunde sinais de identidade entre torcedores sem vínculos entre si, evocando fetiches e preconceitos nacionais e raciais, criando estereótipos da nacionalidade que contribuem para fazer crescer a sensação da diferença valorativa e, conseqüentemente, a xenofobia.” (AGOSTINO, 2002, p. 257).

Certamente isso não é suficiente para explicar a expansão do fenômeno da violência nas torcidas brasileiras; outros fatores precisam ser considerados. O fenômeno também ganhou força com a globalização do universo futebolístico, principalmente com

o aumento dos clubes-empresas. O torcedor clássico perdeu seu lugar, sua atuação no clube foi substituída pelo grande capital que maneja as negociações milionárias da atualidade. O sócio que interessa passa a ser também o que tem poder de compra, não apenas dos ingressos para as partidas, mas de itens diversos que são associados ao time: camisetas, relógios, brinquedos etc. Ou seja, parte da torcida foi marginalizada e parte dela passou a atuar no espaço das torcidas organizadas. Além disso, outros aspectos também devem ser considerados, como: “[...] a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; e o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos.” (PIMENTA, 2000, p. 126).

Alguns exemplos ilustram a gravidade da situação no caso brasileiro. Na final da Super Copa São Paulo de Juniores em 1995, torcedores são-paulinos e palmeirenses enfrentaram-se no que ficou conhecido como “Batalha Campal do Pacaembu”. Foram mais de cem feridos e um morto a pauladas, um jovem de 16 anos, o que trouxe à tona a questão da violência das torcidas organizadas no país. O Ministério Público de São Paulo chegou a pedir a extinção da Mancha Verde (torcida organizada do Palmeiras) e da Independente (torcida organizada do São Paulo). A palmeirense mudou seu nome para Mancha Alviverde e a Independente fez alterações em suas estruturas. De fato, apenas um torcedor do Palmeiras foi preso, sem mais punições. Em maio de 2004, um torcedor corintiano de 16 anos foi espancado pela Mancha Alviverde. No mesmo ano, em setembro, outro jovem de 17 anos, desta vez torcedor do São Paulo, foi assassinado a tiros em um ônibus e suspeita-se da ação de integrantes da Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians.

Hoje, no mundo globalizado em que muitos acreditam não haver mais lugar para o nacionalismo, cada vez mais vemos manifestações de violência e racismo entre torcedores e até entre jogadores. É verdade que, desde seu início, o futebol teve manifestações racistas, inclusive no Brasil, como vimos em capítulos anteriores. Porém, nas décadas de 1960 e 1970, com o êxito dos jogadores negros em campo, o racismo diminuiu consideravelmente

e, em alguns casos, o futebol tornou-se uma forma de valorização e inserção social dos negros, em que novamente destacamos o caso brasileiro como ilustrativo. Mas, com as mudanças que o futebol sofreu a partir da década de 1980 e com as novas manifestações de xenofobismo e de racismo, a situação tornou-se preocupante.

Com a venda de jogadores, o futebol criou uma nova e intensa onda migratória mundial, que aumentou a partir dos anos 1980. O futebol europeu costuma ser o principal destino de jogadores cujas origens quase sempre são as regiões subdesenvolvidas, como a América Latina e a África. Esses jogadores sofrem constantemente agressões racistas – em razão de sua origem ou etnia – que partem de torcedores dos países que os recebem. Um exemplo disso é o caso dos jogadores Cafu, Aldair, Antonio Carlos Zago e Jonathan Zebina, que, em 2001, atuavam no futebol italiano: em confronto contra a Lazio, os torcedores deste clube mostravam faixas com dizeres racistas como “negros” e “corja de judeus”.

No futebol sul-americano, em 2005, em um jogo entre o time argentino Quilmes e o brasileiro São Paulo, válido pela Taça Libertadores da América, um jogador do clube argentino foi preso acusado de racismo por um atleta são-paulino. O caso envolveu o próprio Ministério dos Esportes e a Secretaria Especial para a Promoção da Igualdade Racial do Brasil, que, em nota, repudiaram o racismo, a xenofobia e qualquer outro tipo de manifestação discriminatória nos esportes.

O racismo e a violência das torcidas organizadas são uma realidade e um problema mundial. De certa forma, a grande popularidade do esporte está associada a essa identidade que o futebol constrói. Os estudos sobre as torcidas organizadas mostram que nelas seus integrantes se sentem parte de um coletivo, que, como já vimos, em grande parte se reconhece a partir do “outro”. Nesse caso, o “outro” não é apenas o torcedor do outro time, mas também um inimigo. Sua identificação com o grupo passa pelo ódio aos outros grupos. E isso torna as torcidas organizadas agressivas. A identificação da nação ou de outra coletividade a partir do futebol muitas vezes é feita de uma maneira que estimula sentimentos positivos, criando redes de coletividade, e, sendo assim, é isso que se deve enfatizar. Porém, é preciso estar atento à linha tênue que

separa essas expressões positivas do uso negativo do futebol. E não é apenas por meio do racismo e do xenofobismo de alguns torcedores que vemos esse tipo de ação. O futebol foi – e em algumas oportunidades ainda é – uma importante arma nas mãos de governos em um determinado período do século XX, exatamente quando as identidades nacionais estavam sendo construídas e reconstruídas com a consolidação dos Estados Nacionais Modernos.



[TORCEDORES do Sport Club Corinthians Paulista]. (APESP - ICO ASP 024).

7

O futebol de saias

Apesar de não gerar a mesma comoção que o futebol masculino, a versão feminina do jogo ganha cada vez mais espaço no mundo contemporâneo. Poucos sabem, mas sua tradição remete à mesma época em que o futebol masculino se popularizou no mundo. Na Europa, as mulheres começaram a se apresentar em campo na época da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), no lugar dos homens que foram lutar nos campos de batalha. O futebol foi um dos muitos espaços, antes masculinos, ocupados pelas mulheres no período da guerra (nas fábricas a falta de mão de obra gerou o mesmo efeito). O futebol feminino já existia e buscava afirmar-se como prática social desde o século XIX, mas enfrentou – e ainda enfrenta nos dias atuais – muita oposição dos setores mais conservadores da sociedade. Os jogos femininos durante a guerra foram estimulados como uma forma de sustentar a moral interna, tão abalada pelo conflito, e eram realizadas partidas promocionais para entreter a população.

Assim, com a Primeira Guerra durando mais tempo do que o imaginado, o futebol feminino ganhou força, sendo, inclusive, realizados campeonatos específicos, como o da França em 1918. Na Inglaterra, o futebol feminino ganhou popularidade na década de 1910, e a equipe mais famosa era a *Dick Kerr*, de uma fábrica

de Preston. Certa vez, reuniram mais de 50 mil pessoas em um jogo. Terminada a guerra, as influentes forças conservadoras do mundo do futebol fecharam as portas para as atuações femininas, e o argumento usado era o de que os jogos ocasionavam o abandono dos lares. O retorno dos soldados também foi um importante fator, pois eles reassumiram seus antigos postos de trabalho e também seus devidos papéis na vida social.

No Brasil, o futebol feminino não nasceu nas elites, como o masculino, já que a prática por mulheres era considerada uma aberração pelas classes mais altas. Ele começou nos setores mais pobres da sociedade. Afinal, uma mulher que jogasse bola era considerada de baixo nível. Mas não foi somente por uma questão de aparência que o futebol feminino não se expandiu; a ação do Estado teve grande influência. Em 1941, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, foi estabelecida uma lei que proibia às mulheres a prática de esportes considerados incompatíveis com a natureza feminina, e o futebol enquadrava-se nessa lei. Mais tarde, em 1965,



[JOGADORAS brasileiras de futebol do Estado do Rio]. (ICO UH 1578. APESP).

durante a ditadura civil-militar, o Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu, de maneira clara, a prática esportiva de mulheres em lutas, em jogos como polo, beisebol, futebol, entre outros. As duas leis representam o conservadorismo de suas épocas, em que a “moral e os bons costumes” eram plataforma de governo. Tal lei vigorou até 1979, mas foi somente em 1986, com a volta da democracia, no momento em que o país se reestruturava, que o mesmo CND que antes proibiu reconhecia a importância da prática esportiva pelas mulheres.

Um dos primeiros registros de que se tem notícia acerca de uma partida de futebol feminina no país data de 1921, em uma festa de São João. Para muitos era uma curiosidade, por isso chegou a ser apresentada nos circos populares. Mas foi nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, nas décadas de 1970 e 1980, que os jogos entre mulheres ganharam força, ou seja, paralelamente à própria revolução de gênero que acontecia no mundo, com a mulher cada vez mais ativa e exigindo direitos iguais e maior participação na sociedade. Nesse sentido, entrar no território masculinizado do futebol era uma atitude de coragem e de quem queria mostrar que não aceitava mais a imposição social de “sexo frágil”. Na década de 1980, finalmente o futebol feminino foi institucionalizado no Brasil.

Nessa época, o time mais conhecido era o carioca Radar, que disputou torneios internacionais e conseguiu importantes vitórias. Sua bem sucedida experiência estimulou a formação de novos clubes. Em 1988, o time carioca entrou em decadência, e o futebol feminino no Brasil ficou estagnado por alguns anos. Foi somente em 1991 que alguns dirigentes voltaram a ter interesse pelo futebol feminino, formando uma seleção para representar o país no Mundial na China. Nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, o futebol feminino foi incluído como esporte olímpico, ganhando ainda mais destaque.

A primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino foi realizada em 1991 na China. Desde então, o evento é realizado a cada quatro anos, como sua tradicional versão masculina. O primeiro vencedor foi os Estados Unidos. Curiosamente, o país não possui tradição no futebol masculino, mas é uma das potências

da versão feminina. A segunda Copa foi organizada na Suécia, em 1995, e a Noruega consagrou-se campeã.

Em 1999, na terceira edição, realizada nos Estados Unidos, as donas da casa conquistaram o bicampeonato e o Brasil, a terceira colocação. Apesar do forte apelo que o futebol possui em nosso país, demorou para que a nossa seleção feminina conseguisse um lugar entre as melhores do mundo. A Copa seguinte foi realizada novamente nos Estados Unidos, e dessa vez a seleção alemã consagrou-se campeã. Em 2007, elas conquistaram o bicampeonato, igualando-se às norteamericanas, na Copa da China, quando as brasileiras foram vice-campeãs. O próximo está previsto para acontecer em 2011, e a sede será o país das atuais campeãs.

Apesar de o Brasil nunca ter conquistado um importante título internacional nesse esporte, a melhor jogadora de futebol do mundo é brasileira. Marta Vieira da Silva, a Marta, é reconhecida pela FIFA e por todos os especialistas como a melhor jogadora da atualidade, e coleciona prêmios pessoais por suas belas atuações. Além disso, serve de exemplo para muitas jovens que desejam seguir esse caminho. Infelizmente, o apoio ao futebol feminino no Brasil ainda é quase nulo e não existem clubes suficientes ou patrocínio para as jogadoras. Numa linguagem mais usual, difícil de vermos no universo futebolístico, elas estão na maioria dos casos desempregadas. Enquanto no futebol masculino o capital e os salários milionários controlam o jogo, no feminino a falta de retorno comercial, principalmente em virtude do preconceito ainda muito forte, não permite que nossas mulheres mostrem seu potencial. Mas o futebol feminino representa também a esperança do esporte no país, de uma nova geração que volte a mostrar a principal característica do jogo brasileiro: um futebol espetacular, de enlouquecer multidões, o famoso futebol-arte.

Referências Bibliográficas

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. Fútbol y academia: recorrido de un desencuentro. In: ALABARCES, Pablo; DI GIANO, Roberto; FRYDENBERG, Julio (Orgs.). *Deporte y Sociedad*. Buenos Aires: Eudeba, 1998. p. 259-281.

_____. Entre la banalidad y la crítica: perspectivas de las Ciencias Sociales sobre el deporte en América Latina. *Memória e Civilização: Anuário de História da Universidade de Navarra*. Navarra (Espanha), v. 7, p. 39-77, 2005.

_____. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol. In: GASTALDO, Edison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 147-164.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: FCE, 1993.

ANTUNES, Fátima M. R. F. *Com brasileiro, não há quem possa!* Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol – uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BUFALI, Andrés Alberto; BOIMVASER, Jorge Daniel; CECCHINI, Daniel Guillermo. *El libro negro de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires: Planeta, 1994.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial – memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CHAVES, Alex Sandro; CAPRARO, André Mendes. O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 12, n. 111, ago. 2007.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das Copas. In: GASTALDO, Edison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 39-72.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início a prática pedagógica. *Motriz*, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso; SOARES, Gláucio Ary Dillon (Orgs.). *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. (Orgs.). *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 1964: temporalidade e interpretações. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004. p. 15-28.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

FICO, Carlos. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004. p. 265-275.

_____. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *Brasil Republicano – o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 167-205.

_____. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GAGNEBIN, Jean Marie. *Lembrar. Escrever. Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GASTALDO, Édison Luis. *Pátria, chuteiras e propaganda – o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume, 2002.

GASTALDO, Edison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. De pátrias e de chuteiras. In _____. (Orgs.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 7-12.

GILBERT, Abel; VITAGLIANO, Miguel. *El terror y la gloria – La vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*. Buenos Aires: Editorial Norma, 1998.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol*. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, Edison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 127-146.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil*. Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses – futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWN, Eric; TERENCE, Ranger. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques et al. *Memória/História*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986. (Enciclopédia Einaudi, 1).

MAGALHÃES, Livia G. *Trece jugadores en campo*. Medios de comunicación, dictaduras militares y Mundiales de Fútbol en Brasil y Argentina. Dissertação (Mestrado)– UNSAM, Buenos Aires, 2008.

_____. A memória da Copa do Mundo de 1970 em Januária, Minas Gerais. *Revista Litteris*, n. 3, nov. 2009. Disponível em: <<http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/amemoriadacopa.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2010.

MARCARINI, José Pedro. A política econômica do governo Médici: 1970-1973. *Nova Economia*, Belo Horizonte, n. 15, p. 53-92, set./dez. 2005.

MATOS, Heloíza. O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici. *Líbero*, São Paulo, ano VI, n. 12, 2002.

MATTOS, Sérgio. O contexto teórico e histórico da periodização da televisão. *Unisaber*: Revista da Unibahia, Lauro de Freitas (BA), ano I, n. 1, p. 89-119, dez. 2000; maio 2001.

MÁXIMO, João. Memória do Futebol Brasileiro. *Revista Estudos Avançados – Dossiê Memória*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, set./dez. 1999.

MILLIET, Raul (Org.) *Vida que segue* – João Saldanha e as copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *Les lieux de mémoire*, Paris, Gallimard, v. 1, p. 7-15, 1984.

PAULA, Adelgício Ribeiro de. Violência das torcidas e racismo no futebol: o que a escola tem a ver com isso?. *Revista Urutágua*, Maringá, n. 7, ago./set./out./nov. 2005. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/007/07paula.htm>>. Acesso em: 13 maio 2010.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, n. 14, v. 2, p. 122-128, 2001.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fabio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 207-241.

QUADRAT, Samantha Viz; FICO, Carlos; CASTRO, Celso; MARTINS, Ismênia de Lima; SOUSA, Jessie Jane Vieira de; ARAUJO, Maria Paula (Orgs.). *1964-2004: 40 anos do Golpe. Ditadura Militar e Resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004. p. 29-40.

RODRIGUES, Ernesto. *Jogo Duro. A história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SALVADOR, Marco A.; SOARES, Antonio J.; BARTHOLO, Tiago Lisboa. Copa de 70: o planejamento México. In: GASTALDO, E. L.;

GUEDES, Simoni Lahud (Org.). *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 103-123.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Tudo é História).

SOARES, Antonio J. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Peligro de Gol*. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 113-142.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. *Democracia Corinthiana – A utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

Fontes em meio eletrônico

<http://www.corinthians.com.br/site/>

<http://www.palmeiras.com.br>

<http://www.canalpalmeiras.com.br>

<http://www.portuguesa.com.br>

<http://www.santosfc.com.br>

<http://www.santistaroxo.com.br>

<http://www.saopaulofc.net/>

<http://www.sitedalusa.com/index.php>

<http://www.todopoderosotimao.com/index.htm>

Atividades Didáticas

Trabalhar com diversas linguagens para a construção do conhecimento histórico é uma prática que vem sendo difundida nos cursos de licenciatura em História e na educação básica. Essa metodologia de ensino dialoga com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental, como também com as Orientações Educacionais Complementares direcionadas ao ensino médio, ambas elaboradas pelo Ministério da Educação e do Desporto, no final da década de 1990. Os PCN's, baseados nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, visam contribuir para a formação de alunos participativos, autônomos e reflexivos.

Mais do que reproduzir dados, dominar classificações ou identificar símbolos, estar formado para a vida, num mundo como o atual, de tão rápidas transformações e de tão difíceis contradições, significa saber se informar, se comunicar, argumentar, compreender e agir, enfrentar problemas de qualquer natureza, participar socialmente, de forma prática e solidária, ser capaz de elaborar críticas

ou propostas e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado.¹

Dessa forma, a proposta pedagógica desta *Coleção Ensino & Memória* é oferecer ao professor sugestões pontuais de atividades a partir da utilização de diferentes linguagens presentes em nosso cotidiano, para tanto valendo-se de jornais, fotografias, revistas, textos diversos e músicas, os quais potencializam a relação entre ensino e aprendizagem. Não se trata de um plano de aula, mas da busca por trazer possibilidades diferenciadas objetivando o uso de fontes históricas na escola.

A partir das diferentes linguagens, buscamos auxiliar a construção do conhecimento histórico, desenvolvendo conceitos que estimulem os alunos a ler e analisar o mundo e o seu tempo. As distintas fontes utilizadas exigem que os alunos mobilizem algumas competências e habilidades, como observação, identificação, interpretação, comparação e compreensão para o desenvolvimento das atividades.

Em nosso primeiro volume, trabalharemos a temática *futebol*, especificamente no Brasil. Problematizaremos algumas relações que podem ser observadas entre futebol e política, futebol e a construção da identidade nacional brasileira, e também futebol e imprensa.

Sugerimos este material para alunos de ensino médio, pois sua linguagem é adequada à faixa-etária, além de dialogar com alguns temas propostos no PCNEM como “Os discursos nacionalistas” e “A era da imagem” entre outros. Porém, cabe ao professor utilizá-lo conforme seus objetivos, a temática estudada e o perfil dos alunos.

O intuito é que os documentos utilizados sejam interrogados e problematizados, possibilitando a identificação de informações que muitas vezes fivam implícitas numa primeira leitura e o reconhecimento das intenções de seus autores.

1 BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Trabalho com documentos. In: _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, [200-]. p. 9.

Não pretendemos aqui esgotar o tema estudado por meio das atividades propostas, tampouco limitar as inúmeras possibilidades de associações que se podem realizar a partir do tema *futebol*. Pelo contrário, visamos oferecer algumas sugestões de trabalho a partir do uso de diferentes fontes e linguagens.

As fontes documentais reproduzidas neste livro encontram-se disponíveis em nosso site. Também podem ser encontrados, no mesmo endereço, outros documentos levantados no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo sobre o tema *futebol* para uso didático. Acesse: www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_futebol.

Bom trabalho!

Andresa Oliver Barbosa
Diretora do Núcleo de
Ação Educativa

Atividade 1

Fonte 1



O PRESIDENTE e os jogadores no Palácio do Catete. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 326, p. 68, 19 jul. 1958. APESP.

Fonte 2

O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) teve como base a expansão industrial e o desenvolvimento econômico. O *Plano de Metas*, cujo *slogan* era “50 anos em 5”, consistia em ações direcionadas para cinco grandes áreas: energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação, sendo que a meta principal consistia na construção da nova capital, Brasília.

JK, o torcedor n.º 1, vibrou com a rapaziada.



JK, o torcedor n.º 1, vibrou com a rapaziada. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 326, p. 69, 19 jul. 1958. APESP.

Fonte 3

“A vitória não poderia ter vindo em hora melhor, para coroar os ‘anos dourados’ do governo JK, identificado como o crescimento do país, com o estímulo à cultura popular, com o dinamismo da vida urbana e com a pujança industrial.”

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 131.

- 1) Observe a **Fonte 1** e responda.
 - a. Descreva a imagem.
 - b. A partir da descrição realizada e da análise da legenda, quem são os retratados na imagem e qual é o local do evento?
 - c. O que estava sendo comemorado em junho de 1958?
 - d. “Nem fala presidencial, em dia de grave crise, atrairia tanto povo ao Catete. Nem comício político. Nem coisa alguma além da volta dos campeões.” Segundo o autor da legenda, o que podemos inferir sobre a importância do futebol para o brasileiro? Faça um breve texto sobre sua reflexão.

- 2) Observe a **Fonte 2** e responda.
 - a. Quem são as figuras retratadas na imagem?
 - b. Qual é a data de produção da imagem?
 - c. Qual é a imagem que o Presidente JK transmite ao leitor?
 - d. Em sua opinião, quais foram as intenções do periódico ao publicar essas imagens?

- 3) A partir do trecho apresentado na **Fonte 3** e com base nas informações discutidas, como podemos interpretar a expressão “anos dourados” no governo JK?

- 4) Qual a relação que podemos fazer entre as duas imagens (**Fonte 1 e 2**) e o trecho da **Fonte 3**?

- 5) A partir da análise das **Fontes 1, 2 e 3**, como podemos relacionar futebol e política dentro desse contexto histórico?

Atividade 2

Fonte 1

“Como um jogador de futebol brasileiro ou um sambista, que <<tem jogo de cintura>>, sabe movimentar o corpo na direção certa, provocando confusão e fascínio nos seus adversários, criando harmonias insuspeitas. É sabido no Brasil que o **futebol** nativo tem <<jogo de cintura>>; ou seja, malícia e **malandragem**, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores [...]. É evidente que, quando falamos de <<jogo de cintura>>, estamos usando uma metáfora para chamada <<arte da malandragem>> como forma básica de ser política e socialmente bem sucedido [...] O bom jogador de **futebol** e o político sagaz sabem que a regra de ouro do universo social brasileiro consiste precisamente em saber sair-se bem. Em poder safar-se nas situações difíceis, fazendo isso com alta dose de dissimulação e elegância, de modo que os outros venham a pensar que para o jogador tudo estava muito fácil.” (grifos do autor).

DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982 *apud* SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; SALVADOR; Marco Antonio Santoro; BARTHOLLO, Tiago Lisboa. O “Futebol arte” e o planejamento na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 113-130, set./dez. 2004.

Fonte 2

A matéria “Diante do Futebol bem brasileiro...” foi publicada na revista *Manchete* após a vitória do Brasil por 2X0 sobre a seleção da antiga União Soviética em 1958. Essa vitória garantiu o reconhecimento do futebol brasileiro perante o mundo.

Diante do futebol bem brasileiro de nada valeu a ciência soviética

FOI Garrincha, o endiabrado ponta-direita do Botafogo, quem revelou o segredo do nosso sucesso até agora:

— Feola nos recomendou que jogássemos o futebol que sabemos jogar. E assim tem sido. Por isso mesmo é que eles não estão compreendendo nada de nosso jogo. Ficam tontos em campo. Acho que desta vez vamos até o fim.



CERCADO POR DOIS RUSSOS, VAVÁ AVANÇA. O VASCAÍNO É AGORA O NOVO HERÓI DA COPA DO MUNDO. MOSTROU RAÇA.

DIANTE do futebol bem brasileiro... *Manchete*. Rio de Janeiro, n. 323, p. 9, 28 jun. 1958. APESP.

Fonte 3

Música:

Zagueiro

Arrepia, zagueiro
Zagueiro
Limpa a área, zagueiro
Zagueiro
Sai jogando, zagueiro
Zagueiro
Ele é um zagueiro
É o anjo da guarda da defesa
Mas para ser um bom zagueiro
Não pode ser muito sentimental
Tem que ser sutil e elegante
Ter sangue frio
Acreditar em si
E ser leal
Zagueiro tem que ser malandro
Quando tiver perigo com a bola no chão
Pensar rápido e rasteiro
Ou sai jogando ou joga bola pro mato
Pois o jogo é de campeonato
Tem que ser ciumento
E ganhar todas as divididas
E não deixar sobras pra ninguém
Tem que ser o rei e o dono da área
Nessa guerra maravilhosa de 90 minutos
De 90 minutos
Arrepia, zagueiro
Zagueiro
Limpa a área, zagueiro
Zagueiro
Sai jogando, zagueiro
Zagueiro

“ZAGUEIRO” (Jorge Benjor). Copyright® 1975 by MUSISOM
Editora Musical Ltda.

1) Observe a **Fonte 1**.

- a. No trecho apresentado, o autor faz comparações entre o futebol e alguns elementos de nossa sociedade. Aponte quais são eles.
- b. Escreva as características atribuídas pelo autor para cada um desses elementos.
- c. Como são caracterizados o futebol estrangeiro e o brasileiro?
- d. Você concorda com a posição do autor? Justifique.

2) A partir da leitura e da análise da Fonte 1, observe a **Fonte 2** e responda:

- a. Qual é o título da reportagem?
- b. Leia o texto escrito logo abaixo do título da reportagem e escreva o que você entende por “endiabrado pontadireita”. Qual o sentido que dá ao texto?
- c. Qual o significado que podemos atribuir para a expressão “futebol bem brasileiro”?

3) Na frase “[...] de nada valeu a ciência soviética”, o que quer dizer a “ciência soviética”? Para poder responder, pesquise o contexto histórico internacional daquele período.

4) Qual foi o possível motivo da derrota da seleção soviética?

5) Observe que a ideia “futebol bem brasileiro” se contrapõe à ideia de “futebol científico”. Explique o efeito dessa antítese, pensando na ideia de futebol-arte e relacione com a construção de nossa identidade.

6) Na **Fonte 3**, a letra da música apresenta uma série de características para ser um bom zagueiro, “bem brasileiro”. Observe essas características e perceba que algumas soam como “científicas” e outras como “emocionais”. Elabore um quadro contendo a divisão dessas características.

7) Na fala de Garrincha (Fonte 2), a grande justificativa para se estar jogando um bom futebol concentra-se na fala do técnico Feola ao recomendar que os atletas jogassem o futebol que sabiam jogar, ou seja, associa-se a uma ideia de liberdade de movimentos e estratégias que acabaria por fazer do Brasil um país bem sucedido no esporte. Na música de Jorge Ben Jor, há também alguns elementos que implicam as características de um bom jogador. A partir da análise das **Fontes 2 e 3**, reflita e responda:

- a. Quais características comporiam a maneira de se jogar o futebol orientado pela identidade brasileira e, por outro lado, quais estariam relacionadas à soviética?
- b. Como esse futebol brasileiro é enxergado?
- c. Com quais características o brasileiro se identifica? Justifique a sua resposta.

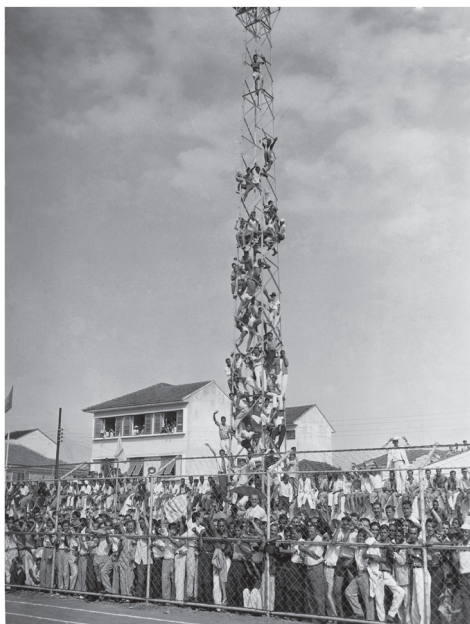
Atividade 3

Fonte 1



BAHIANOS versus Palmeiras. *A Cigarra*, n. 244, p. 44, jan. 1925. APESP.

Fonte 2



[TORCEDORES], 19---. (APESP – ICO UH1589).

Fonte 3

[TORCIDA do Corinthians],
1974. (APESP – ICO ASP024)



Fonte 4

O Quadrúpede de 28 Patas

“Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre diabo, desarmado, indefeso. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: - o torcedor está por trás, [...].

Vejam o primeiro jogo com os paraguaios. Vencemos de cinco e podia ter sido de dez. Fizemos do adversário gato e sapato... após o jogo, vejo, por toda parte, brasileiros amargos e deprimidos. [...] atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio.

[...] o **escrete** brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades [...] Ora o torcedor que nega o escrete está, como o meu amigo, xingando-se a si mesmo. E por isso, por que é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem...”

RODRIGUES, Nelson. O Quadrúpede de 28 patas. In: _____. *À Sombra das Chuteiras Mortais* – crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 49-50.

Escrete: DESP. m. q. seleção (grupo de atletas), ETIM. ing. *scratch* (1821, na acp. de desp.) linha ou marca desenhada para servir de ponto de partida; linha de partida. No sentido de que todos os competidores partem da mesma linha, do mesmo ponto, sem *handicap*, ver

ESCRETE. In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1210.

Observe as **Fontes 1, 2 e 3** e responda.

- 1) Identifique a data em que cada imagem foi produzida.
- 2) As três imagens tratam do mesmo assunto? Qual o tema?
- 3) Descreva o que você vê nas **Fontes 1, 2 e 3** quanto:
 - a. Ao tipo de público;
 - b. Às formas de mobilização;
 - c. Aos gestos, atitudes e comportamento das pessoas.
- 4) Podemos observar algumas semelhanças e diferenças presentes em cada uma delas, seja na composição das torcidas, em sua organização, em suas formas de mobilização e também os espaços que elas ocupam. Partindo dessa análise, siga as seguintes instruções:
 - a. Levante alguns pontos da sua descrição, realizada na questão 3, e relacione-os com o futebol de hoje.
 - b. Pesquise em jornais e revistas alguma imagem que expresse essa relação.

Leia a **Fonte 4** e responda.

- 1) Como é visto o torcedor pelo autor? Transcreva um trecho do texto que justifique sua resposta.
- 2) *Escrete* é uma expressão futebolística utilizada para se referir à seleção de atletas. O que o autor quer dizer quando escreve “o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós”?
 - a. Você concorda com essa afirmação? Explique.
- 3) Após a análise das fontes, qual a relação que podemos fazer entre as imagens e o texto?
- 4) A partir dos seus conhecimentos, aponte outros elementos que podem ser associados a futebol e torcida.
- 5) Pensando nas quatro imagens e no texto, elabore um comentário que relacione o comportamento das torcidas e a paixão do brasileiro pelo futebol e pelos clubes.

Atividade 4

Fonte 1



1958|1962|1970
Por três vêzes, o
Brasil conquistou
o mundo.

Em sinal de respeito, hoje a gente
não pede para você
conquistar o Nôvo Mundo.

 **BANCO**
NOVO
MUNDO

POR três vezes, o Brasil conquistou o mundo. *Fatos e Fotos*, Brasília, p. 84, jun. 1970. Edição Extra. APESP.

Fonte 2



[MANCHETES pelo mundo]. *Fatos e Fotos*, Brasília, p. 20, jun. 1970. Edição Extra. APESP.

Fonte 3



O DIA em que o Brasil conquistou o mundo. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 134-135, jul. 1970. Edição Especial. APESP.

Fonte 4

“Segunda-feira, seja quem for o campeão do mundo, as mulheres acordarão meio enjoadas. Terça-feira, nos bares, os franceses dirão ‘uff’ e ‘bof’. E o Brasil? Na quarta-feira, querida, o Brasil desaparecerá do mapa mundi e, durante quatro anos, ficará submerso, para ressurgir glorioso na copa do Japão. Não é um país sério, teria dito o General Francês [Charles De Gaulle]. Houve desmentidos, houve indignação, não sei porque. O Brasil talvez seja isso mesmo, um país que impõe respeito, quando brinca.”

Chico Buarque, em entrevista concedida ao Globo, 12 jul. 1998, apud MARQUES, José Carlos. Todos juntos, vamos: a superação do verdeamarelismo da ditadura militar na conquista do mundial de futebol de 2002. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2007, Recife. *Anais...* Recife: CBCE, 2007.

- 1) Observe a **Fonte 1** e responda.
 - a. A frase “Por três vezes o Brasil conquistou o mundo” refere-se a quais episódios da história do futebol? Pesquise com seus familiares e amigos informações que remetam a esses episódios (lembranças, contexto político de cada período, impressões pessoais etc.).
 - b. O globo terrestre retratado na propaganda sugere outra(s) imagem(ns)? Qual(ais)?
 - c. Qual a relação entre o texto e a imagem?
 - d. Que tipo de analogia pode existir entre o nome do banco e os eventos de 1958, 1962 e 1970?

- 2) Nas **Fontes 2 e 3**, podemos observar inúmeras reportagens produzidas por periódicos de diversos países sobre a conquista do título na Copa de 1970, nas quais se percebe a grande repercussão mundial. Quais são os países que você consegue identificar?

- 3) Qual a relação entre o título da reportagem: “O Dia que o Brasil conquistou o mundo”, e as imagens (**Fonte 1 e 2**)? O que essa relação sugere?

- 4) Analisando o conjunto de imagens e o trecho da entrevista concedida por Chico Buarque ao Jornal O Globo, você concorda que o Brasil só é lembrado e reconhecido mundialmente em razão do futebol? Explique sua resposta.

- 5) Pesquise em jornais e revistas e traga para sala de aula reportagens que justifiquem a sua resposta na pergunta anterior.

A ROUPA 10. *Fatos e Fotos*,
Brasília, n. 488, p. 23, jun. 1970. APESP.

Atividade 5

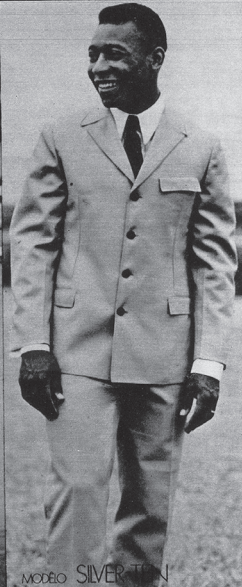
Fonte 1

A ROUPA 10.



MODÉLO GOLDEN TEN

Roupa com 6 botões. Ampla transpasse abotoando perto do colarinho. Silhueta alongada. O corte central nas costas é maior, portanto mais elegante. Tergal.



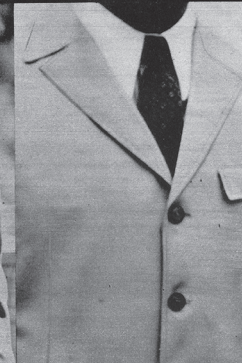
MODÉLO SILVER TEN

Roupa descontraída está aí. Modélo 4 botões em linha. Passantes duplos. Cola e lapela em "V". Bólsa superior com pontinho. Corte central nas costas. A grande bossa. Tergal.

só 178,

só 178,

EM 4 MESES SEM JUROS OU ATÉ UM ANO PARA PAGAR



Fim. Ponto final. Acabou a roupa quadrada. Depois de dormir 15 anos, a moda masculina resolveu acordar. E surgiu a ROUPA 10.

Repare: Silhueta alongada, ombros mais largos.

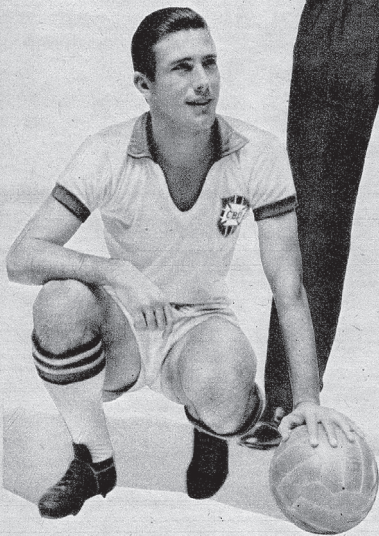
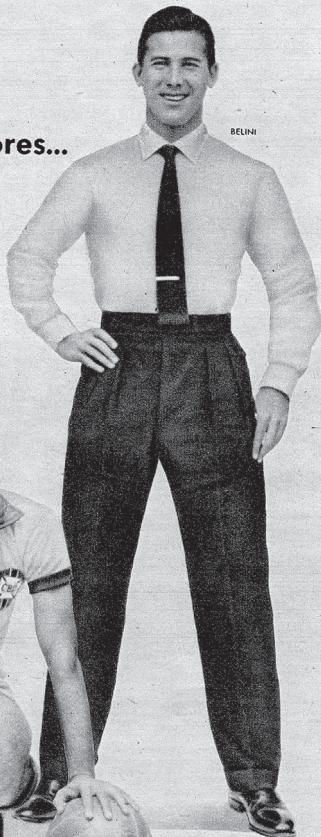
Peito prá fora, barriga prá dentro. Liberdade de movimentos. Esta é a tendência do Homem 70. Esta é a ROUPA 10.

Uma criação 

ROUPA 10 SÓ NA

Ducal

Ídolos
de milhões
de torcedores...



...campeões
também
na elegância!

Os astros mais queridos do
nosso futebol, egeram
Ban-tan Ramenzoni. É uma
escolha de elegância de quem
sabe vestir bem. Impecáveis
no talhe e no acabamento,
as camisas Ban-tan Ramenzoni
oferecem economia, modernos
padrões, modelos originais.
Sim, eles usam Ban-tan Ramenzoni...
máscula distinção esportiva.

Para cada momento, para cada
estação - há um Ramenzoni que
acentua a sua personalidade.

INDÚSTRIAS DANTE RAMENZONI S. A.
Rua Scuvero, 47 - São Paulo
Rua Marechal Floriano, 38 - 5 loja 202 - Rio de Janeiro
Av. Otávio Rocha, 116 - 1.º andar - Porto Alegre

Ban-tan
RAMENZONI

ÍDOLOS de milhões de torcedores.
Manchete, Rio de Janeiro, n. 324, p.
52, 5 jul. 1958. APESP.

- 1) Observe as propagandas. Quais os produtos que elas estão vendendo? Que tipo de público elas procuram?
- 2) Quais as datas das duas propagandas?
- 3) Qual associação que podemos fazer entre o título “A Roupa 10” da **Fonte 1** com o “garoto propaganda” escolhido?
- 4) Que tipo de imagem é associada aos jogadores de futebol?
- 5) Essa imagem poderia ser também associada à forma de jogo brasileiro? Justifique sua resposta.
- 6) Por que utilizar Bellini, em 1958, como garoto propaganda produziria um efeito diferente de usar Pelé, já que ele também foi à Copa de 1958? Leve em consideração que Pelé tinha apenas 17 anos.
- 7) Observe que os jogadores que participam do anúncio são: em 1958, Bellini e, em 1970, Pelé. Considerando o fato de que Bellini era capitão na Conquista do Mundial em 1958 e que Pelé consagrou-se na história do futebol por sua brilhante atuação, estabeleça uma relação entre a utilização das imagens dessas “figuras” e o propósito ao associá-las a produtos.

Atividade 6

Fonte 1a



Leonidas, o supremo "Crack" brasileiro, hoje mundialmente famoso, recommenda a goiabada marca **PEIXE** aos esportistas do Brasil como a **SÓBREMESA MELHOR DO MUNDO...**

[PRODUTOS Peixe]. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 8, 13 jul. 1938. APESP.

Fonte 1b

Para se manterem em fôrma, durante as duras pugnans que haviam de travar na Europa, em defesa das côres do Brasil, os nossos queridos jogadores fizeram questão de não se afastar de regimen alimentar a que estão habituados. Esse objectivo foi conseguido levando comsigo, para o Velho Mundo, não apenas um famoso cosinheiro brasileiro, mas os próprios alimentos a que devem seu vigor physico. Dentre estes e em primeiro lugar, figuraram, por seu rico conteúdo vitamínico, o Extrato de Tomate Marca PEIXE e, por seu alto valor nutritivo, a Goiabada Marca PEIXE, a deliciosa sobremesa, que é uma tradição da família brasileira.

Texto transcrito de: [PRODUTOS Peixe]. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 8, 13 jul. 1938. APESP.

Fonte 1c



Devo aos doces marca Peixe, minha sobremesa preferida, toda esta robustez physica que ponho ao serviço do "sport" brasileiro.

Romeu



Sou um grande apologista da golabada marca Peixe.

Roberto



A golabada marca Peixe para mim é a mais saborosa.

Martim Silveira

Romeu, Martim e Roberto também dão sua opinião espontanea sobre o valor nutritivo e o sabor da Golabada Marca Peixe.

- 1) Qual a data da propaganda?
- 2) Quem é o “garoto propaganda” e como ele é anunciado?
- 3) A sua imagem está vinculada a que tipo de produto? Qual especificamente?
- 4) Podemos perceber a adesão de outros jogadores em prol da marca. Em sua opinião, o que isso significa?
- 5) Por que vincular a marca aos jogadores da seleção brasileira de futebol?

Atividade 7

Fonte 1

Aonde a bola vai, todos estão. Não há organização coletiva, mas há entusiasmo, vigor, alegria. São meninos de 10 a 13 anos, apenas iniciados na arte de tocar a bola, conduzi-la pelos caminhos que levam à emoção do gol, da rêde balançando e apaixonando o homem do país do futebol. Eles estão aprendendo que é necessário ser bom.

**bom
de
escola,
bom
de
bola**

BRANT, Fernando;
ALFREDO, Luiz. Bom de escola, bom de bola. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 36, 9 jun. 1970.
APESP.

Fonte 2

MULTISUCO: a melhor seleção brasileira de vitaminas de todos os tempos.
Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n. 31, p. 139, 31 mar. 1970. APESP.

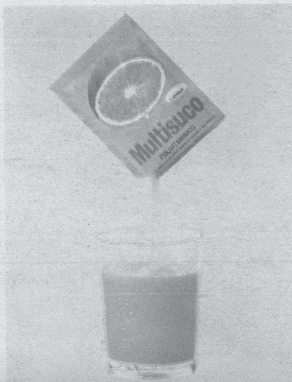
multisuco: a melhor seleção brasileira de vitaminas de todos os tempos.



Finalmente você pode torcer para um time que não perde mais. O segredo do time de MULTISUCO é a sua forma física: 11 craques corajosos, alegres, otimistas, vigorosos. Os 11 craques de MULTISUCO vêm dentro de um envelope: são suas 10 vitaminas e sais minerais. E o seu sabor de vitória. MULTISUCO é um suplemento alimentar, com suco de tangerina ou laranja.

Suco verdadeiro, natural. E mais a melhor seleção de vitaminas de todos os tempos.

Faça êsse time entrar em campo.

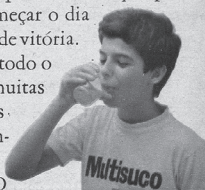


Um envelope de MULTISUCO dá para um copo delicioso que pode fazer você começar o dia com uma grande vitória.

E durante todo o dia, surgem muitas oportunidades para isso acontecer. Beba MULTISUCO para um time inteiro jogar por você.

Você valerá por onze.

Multisuco
O GOSTO DA VITÓRIA



Fonte 3

LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971, *Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.*

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969.

DECRETO Nº 69.450, DE 1º DE NOVEMBRO DE 1971.

Art. 1º A educação física, atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora-forças [sic] físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional.

1) Observe a **Fonte 1** e responda.

- a. O repórter procura fazer uma relação direta entre futebol e educação, associando o desempenho do bom jogar ao aproveitamento escolar. Acerca da frase “Eles estão aprendendo que é necessário ser bom”, explique como esta relação apresenta-se.
- b. Qual a faixa-etária dos meninos da reportagem?
- c. Qual a data da reportagem?

2) Descreva a **Fonte 2**, identificando os diferentes elementos que a compõem. Atente para as vestimentas, os sujeitos, as expressões e como eles estão organizados.

3) Na **Fonte 2**, como na **Fonte 1**, também podemos observar a relação entre futebol e educação. Identifique e aponte elementos que justifiquem essa afirmativa.

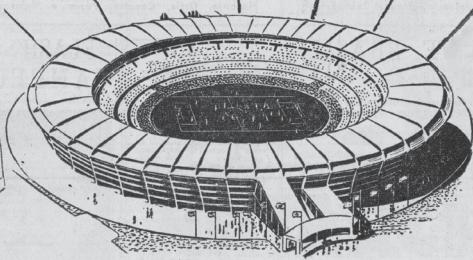
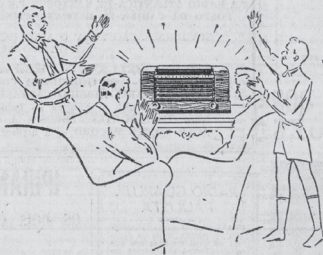
- 4) Observe a **Fonte 2**. Faça a leitura de texto e imagem:
- Qual a data de publicação?
 - Qual o seu título?
 - O que ela está vendendo?
 - Texto e imagem dialogam?
- 5) No texto que acompanha a imagem, encontramos alguns adjetivos qualificando os “craques da propaganda”: corajosos, alegres, otimistas e vigorosos. O que as crianças estão representando?
- 6) Qual a intenção em associar a marca com a frase “melhor seleção brasileira de vitaminas”?
- 7) Você considera a propaganda (**Fonte 2**) de caráter apelativo? Explique.
- 8) Sobre as **Fontes 3 e 4**:
- Qual o ano que entrou em vigor a lei e o decreto relacionados?
 - Do que os artigos tratam?
 - Qual o regime político do Brasil naquele período?
 - Como era caracterizado esse regime?
- 9) Após análise das fontes e discussão dos assuntos tratados por elas, em sua opinião é possível, neste caso, relacionar política, cotidiano e mídia? Justifique sua resposta.

Atividade 8

Fonte 1

OS REVENDEDORES Atlantic... *A Tribuna de Santos*, p. 5, 24 jun. 1950. APESP.

OS REVENDEDORES ATLANTIC levarão a Copa do Mundo



AO SEU LAR ATRAVÉS DE SENSACIONAIS IRRADIAÇÕES ESPORTIVAS!

ARY BARROSO E AURÉLIO CAMPOS comandam as equipes Atlantic que, de todos os lugares onde se realizar qualquer dos jogos, descreverão lance por lance as empolgantes partidas. Acompanhe todos os jogos da

Copa do Mundo como se estivesse no campo. Ouça os comentários esportivos que serão levados a seu lar, por meio desta série de sensacionais irradiações patrocinadas pelos Revendedores Atlantic.

	ESTAÇÕES	DIÁRIAMENTE:	DOMINGOS À NOITE:	COPA DO MUNDO:
OUÇA ARY BARROSO 	TUPÍ DO RIO PRG-3 - 1280 KCLS. ZYC-9 - 19,32 metros onda*curta	Rádio-Esportes Atlantic 19,05 às 19,25 horas	Resenha Esportiva Atlantic 21,30 às 22 horas	Todos os jogos
OUÇA AURÉLIO CAMPOS 	TUPÍ DE S. PAULO PRG-2 - 1040 KCLS. ZYB-7 - 49,22 mts., o. curta ZYB-8 - 25,50 mts., o. curta	Rádio-Esportes Atlantic 19,00 às 19,15 horas	Resenha Esportiva Atlantic 19,00 às 19,30 horas	Todos os jogos diurnos
Recorte este programa e guarde-o junto ao seu rádio	DIFUSORA S. PAULO PRF-3 - 960 KCLS. ZYB-9 - 19,80 mts., o. curta ZYB-7 - 49,22 mts., o. curta	Rádio-Esportes Atlantic 12,00 às 12,30 horas	Todos os jogos noturnos	Todos os jogos noturnos

Associe o nome



às necessidades de seu carro

GASOLINA * MOTOR OIL * LUBRIFICAÇÃO * PNEUS * BATERIAS



Fonte 2

STANISLAW PONTE PRETA, DO CHILE, NARRA A PARTIDA MINUTO A MINUTO

EU VITUDO

- 3,00 h — Sai o México e perde a bola, deixando logo a impressão de que não vai confirmar o refrão adotado por sua delegação aqui no Mundial do Chile, qual seja: “No vamos ver se podemos, sino que vamos porque podemos.”
- 3,01 h — O Brasil brinca com a perseguida na porta mexicana e, quando estavam todos distraídos, Didi mete a cabeça. Passou raspando pela janela de Carbajal.
- 3,03 h — Djalma Santos dá sua primeira bo-beada e Jasso lasca a primeira bomba mexicana (não confundir com filme da Pelmex, que é sempre bomba e sempre mexicano). Gilmar tava lá.
- 3,05 h — Outra vez Gilmar. Desta vez arranca palmas até da torcida inimiga, onde há um monte de caras vestidos de Pedro Vargas.
- 3,06 h — Zagalo, já lançado três vèzes pelo pessoal da meia cancha, erra as três. Está lembrando um pouco o Escurinho em dia de pouca inspiração.
- 3,08 h — Garrincha dá o primeiro grito de carnaval. Foi caindo mexicano pra tudo que é lado. Até que apareceu um pé milagroso e esticou pra corner. Batido, neca.
- 3,10 h — Sepulveda lasca a primeira cipoada em Pelé. Bate Didi e Carbajal — o mais antigo integrante do elenco da Taça do Mundo — prova que não está tão velho assim. Se enrosca com a infiel no cantinho.
- 3,14 h — Os rádio-zinhos transistores que centenas de torcedores usam encostados à orelha, no estádio de Sausalito, anunciam o primeiro gol do campeonato. Da Argentina, contra a Bulgária. Também depois desse — até agora — a Argentina não fez mais nenhum.

PRETA, Stanislaw Ponte.
Fatos e Fotos, Brasília n. 71,
9 jun. 1962. APESP.

Fonte 3

□ Syrio - versus - S. Bento □



UM ASPECTO da assistência a uma partida de futebol. *A Cigarra*, 1º nov. 1924. APESP.

Fonte 4



Cadeira Cativa TELEFUNKEN

Um televisor TELEFUNKEN é sua cadeira cativa. Você tem o melhor ângulo de cada partida. A melhor imagem de cada lance. O melhor som a cada instante. TELEFUNKEN não é televisor para uma Copa do Mundo apenas. Tem vida longa. Tem alta qualidade. E um preço menor do que você imagina.



TELEFUNKEN

experiência alemã a seu alcance

CADEIRA Cativa Telefunken. *Fatos e Fotos*, Brasília, n. 488, p. 71. 11 jun. 1970. APESP.

Fonte 5



[TORCIDA em jogo de futebol], 19---. (APESP – ICO ASP 087).

- 1) Ao observarmos as fontes, presenciamos quatro formas diferentes de informar-se acerca das partidas de futebol em temporalidades distintas: pelo rádio, pela leitura, pela TV e ao vivo. Levante e registre quais as possíveis diferenças, semelhanças, vantagens e desvantagens de acompanhar uma partida de futebol para cada situação apresentada.
- 2) A partir das fontes, separe as formas que você considera mais individuais e as que você considera mais coletivas de se assistir a jogos de futebol. Justifique sua resposta.
- 3) Observe as **Fontes 1 e 4**, depois responda:
 - a. Qual a data das propagandas?
 - b. Qual(ais) o(s) assunto(s) relacionados?
 - c. Quais os argumentos utilizados para tornar o produto interessante? Justifique sua resposta com trechos do texto.

4) Observe a **Fonte 4**. O apelo da propaganda consiste em fazer alusão a uma gíria utilizada no futebol. Qual é essa gíria? Qual o efeito que ela pretende provocar em relação ao produto que vende, ao comprador e ao futebol?

5) A **Fonte 1**, embora sendo vinte anos posterior a **Fonte 4**, usa de argumentos semelhantes para chamar a atenção do leitor, como em “Acompanhe todos os jogos da Copa do Mundo como se estivesse em campo” (1950) e “Um televisor Telefunken é sua cadeira cativa” (1970). Em sua opinião, qual a intenção da propaganda? Quais as diferenças entre as propagandas?

6) A **Fonte 2**, tal como a **Fonte 1**, demonstra duas formas de narrações. Localize as semelhanças e diferenças destas narrações e pense em termos de “popularidade”: qual delas conseguiria abranger mais pessoas? Por quê?

7) Observe as **Fontes 3 e 5** e responda:

- a. Qual é a data das imagens?
- b. Do que elas tratam?
- c. Descreva o que você vê em cada uma delas (pessoas, gestos, ambientes etc.).

8) Após analisar as **Fontes 3 e 5**, embora separadas por cerca de 60 anos, pode-se observar torcedores assistindo a jogos de futebol em épocas diferentes. Comparando as duas imagens, quais as permanências que podemos apontar? Quais as diferenças?

9) Hoje, quais são as maneiras mais usuais de se acompanhar partidas de futebol? Por quê?

10) Escreva uma reflexão que trate do desenvolvimento dos diversos meios de comunicação para acompanhar os jogos de futebol. Faça uma retrospectiva até os nossos dias.

Atividade 9

Fonte 1

**GENTE
QUE É
MANCHETE**
**75
MILHÕES
UM SÓ
CORAÇÃO**

• Estas vinte e cinco mil pessoas ouvem, numa praça de São Paulo, a irradiação de um jogo dos brasileiros na Copa do Mundo. Têm as suas diferenças. São católicos, espíritas ou protestantes. São democratas, fascistas ou comunistas. Mas nesse momento, esquecem tudo, amalgamadas apenas como torcedores. Será o futebol um símbolo da nossa unidade?



• Dizem que o Brasil parou totalmente com a Copa. Mas se a afirmação significa inatividade não é exata. O País continua funcionando, com breves hiatos, num ritmo acelerado, ritmo de futebol. O contador dos bancos aciona a máquina de calcular, com o ouvido no rádio. Até o Presidente da República pára de assinar decretos e torce. Se não toresse, não seria um brasileiro como os outros e não poderia governar gente como a gente. Um psicanalista pretensioso diria que temos a psicose ou a nevrose do futebol. Aliás, Nélson Rodrigues, o Marquês de Sade da crônica esportiva, proclamou: "Somos 75 milhões de possessos!" Exagêro, ou força de expressão. Mas a verdade é que só se discute uma coisa: futebol. Pelo voto de 75 milhões, Amarildo sobe ao trono de Pelé. E passamos, assim, do abatimento, ao entusiasmo, da depressão, à euforia. Se formos campeões, ótimo. Se formos vice-campeões, está bem. Se perdermos, terá sido um maldito azar, porque, no íntimo de cada um de nós, torcedores, o Brasil só não poderá vencer a essa fúria cega e obscura que se chama fatalidade...

75 MILHÕES um só coração. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 95, 23 jun. 1962. APESP.

Transcrição

“Dizem que o Brasil parou totalmente com a Copa. Mas se a afirmação significa inatividade não é exata. O País continua funcionando, com breves hiatos, num ritmo acelerado, ritmo de futebol. O contador dos bancos aciona a máquina de calcular, com o ouvido no rádio. Até o Presidente da República pára de assinar decretos e torcer. Se não tocesse, não seria um brasileiro como os outros e não poderia governar gente como a gente. Um psicanalista pretensioso diria que temos a psicose ou a nevrose do futebol. Aliás, Nélson Rodrigues, o Marquês de Sade da crônica esportiva, proclamou: “Somos 75 milhões de possessos!” Exagêro, ou força de expressão. Mas a verdade é que só se discute uma coisa: futebol. Pelo voto de 75 milhões, Amarildo sobe ao trono de Pelé. E passamos, assim, do abatimento, ao entusiasmo, da depressão, à euforia. Se formos campeões, ótimo. Se formos vice-campeões, está bem. Se perdemos, terá sido um maldito azar, porque, no íntimo de cada um de nós torcedores, o Brasil só não poderá vencer a essa fúria cega e obscura que se chama fatalidade...”

- 1) Leia atentamente o texto e a imagem e depois:
 - a. Descreva a imagem;
 - b. Qual é a data da reportagem?
 - c. Qual é a ideia que a imagem transmite?
 - d. Qual é a relação entre a imagem e o título da reportagem? Eles dialogam?
 - e. O que representam as 25 mil pessoas acompanhando a irradiação do jogo da seleção brasileira?

- 2) Levando em consideração a data da reportagem, é possível identificar no texto uma preocupação com o contexto político da época?
- 3) Analise a afirmação: “Até o Presidente da República pára de assinar decretos e torce. Se não torcesse, não seria um brasileiro como os outros e não poderia governar gente como a gente.” É possível identificar um uso político do futebol? Justifique sua resposta.

4) Analise os dois trechos abaixo, retirados da reportagem e responda:

“Têm as suas diferenças. São católicos, espíritas ou protestantes. São democratas, fascistas ou comunistas. Mas nesse momento, esquecem tudo, amalgamadas apenas como torcedores.”

“‘Somos 75 milhões de possesos!’ Exagêro, ou fôrça de expressão. Mas a verdade é que só se discute uma coisa: futebol.”

- a. Qual a ideia de cada um dos trechos? Você concorda?
- b. Pensando no futebol hoje, como você vê essas ideias?

5) Após a análise da fonte (texto e imagem), responda a questão levantada na reportagem: “Será o Futebol um símbolo da nossa unidade?”

Coordenação Editorial

Haike Roselane Kleber da Silva

Preparação de Originais e Revisão de Provas

Gabriel Costa de Souza

Jéssica Ferraz Juliano

Elaboração das Atividades Didáticas, Pesquisa Iconográfica e Documental

Andresa Cristina Oliver Barbosa

Débora Villela de Oliveira

Gisleni Cristina Silva Rocha

Karine Mariano Leite

Tratamento de Imagens

Helen Karina Teixeira Batista

Projeto Gráfico

Denise Batista Rocha Silva

Editoração

César Augusto Valverde Campioni

Capa

Denise Batista Rocha Silva

Helen Karina Teixeira Batista

Colaboração

Núcleo de Acervo Iconográfico

Núcleo de Microfilmagem

A autoria das imagens reproduzidas nessa obra é desconhecida. Porém, o autor, se der a conhecer, será citado nas próximas edições, conforme lei vigente 9.610/98.

Futebol... o esporte preferido dos brasileiros, a “mania nacional”. Suas origens; o desenvolvimento dos clubes paulistas; a participação do Brasil nas Copas; o sentimento de identidade coletiva por ele gerado e a apropriação política desse sentimento são alguns dos temas tratados neste livro.

Além disso, o futebol, aliado à leitura de fontes de arquivo, pode ser tema para diversas reflexões em sala de aula – históricas, sociológicas e políticas –, convergindo para o estabelecimento de práticas pedagógicas que visem a estimular os alunos a ler e analisar o mundo e seu tempo.

ISBN 978-85-63443-01-4



9 788563 443014